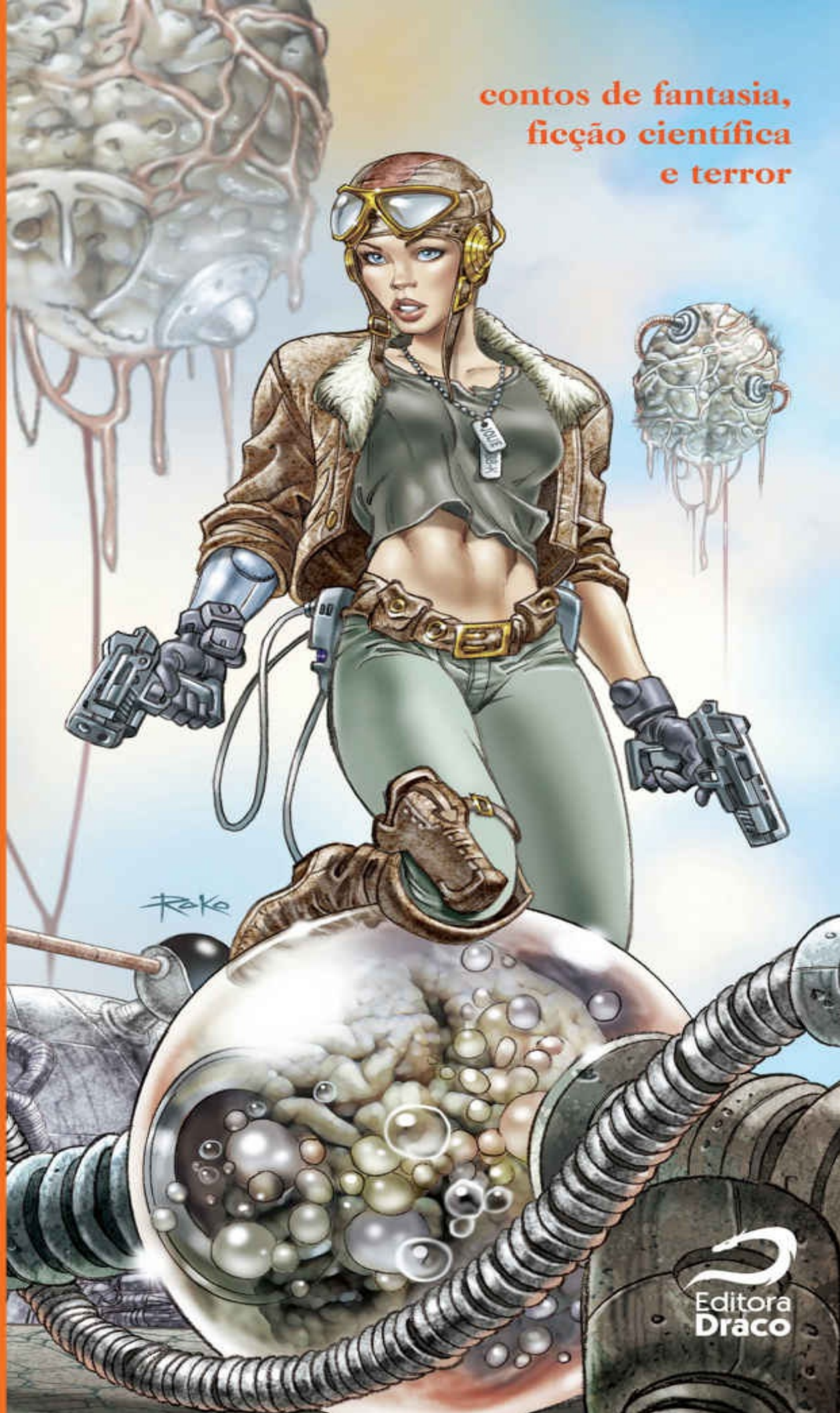


# sois gârios

volume 3

contos de fantasia,  
ficção científica  
e terror



Editora  
Draco



# **imaginários**

## **contos de fantasia, ficção científica e terror**

**volume**

**3**

Organizado por  
Erick Santos Cardoso

**1ª edição**

**Editora Draco**  
**São Paulo**  
**2015**

© 2010 by Eduardo Spohr, Marcelo Assami, Rober Pinheiro, Douglas MCT, Lidia Zuin, Marcelo A. Galvão, Cirilo S. Lemos, Fábio Fernandes, Fernando Santos de Oliveira e Ana Cristina Rodrigues.

*Edição:* Erick Santos Cardoso

*Produção editorial:* Janaina Chervezan

*Leitura crítica:* Antonio Luiz M. C. da Costa

*Revisão:* Andréia Szczypula e Karlo Gabriel

*Organização:* Tibor Moricz, Saint-Clair Stockler e Eric Novello

*Ilustração de capa:* Roko

Todos os direitos reservados à Editora Draco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Silvia Marques CRB-8/7377

Cardoso, Erick Santos (org)

Imaginários: contos de fantasia, ficção científica e terror / Erick Santos Cardoso (org). – São Paulo: Draco, 2015 - (Coleção Imaginários, v.3)

Vários autores.

ISBN 978-85-62942-00-6

1. Contos brasileiros 2. Literatura Brasileira I. Título II. Coleção.

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.93

1ª edição, 2010, 1ª edição digital, 2015

Editora Draco

R. César Beccaria, 27 - casa 1

Jd. da Glória - São Paulo - SP

CEP 01547-060

editoradraco@gmail.com

www.editoradraco.com

www.facebook.com/editoradraco

Twitter e Instagram: @editoradraco

# Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[A Torre das Almas - Eduardo Spohr](#)

[Breve relato da ascensão do Papa Alexandre IX - Marcelo Ferlin Assami](#)

[As Noivas Brancas - Rober Pinheiro](#)

[Bonifrate - Douglas MCT](#)

[Dies Irae - Lidia Zuin](#)

[Notas](#)

[Vida e morte do último astro pornô da Terra - Marcelo A. Galvão](#)

[Corre, João, corre - Cirilo S. Lemos](#)

[Uma segunda opinião - Fernando Santos de Oliveira](#)

[Maria e a fada - Ana Cristina Rodrigues](#)

[Apresentação \(Fábio Fernandes\)](#)

[O Primeiro Contacto \(sendo um excerto de um romance científico baseado em factos reais\)](#)

[Notas](#)

[Sobre os autores](#)



# A Torre das Almas **Eduardo Spohr**

Nada de torres de ouro, catedrais cintilantes ou campos floridos. Esta história começa em um ambiente bem mais singelo – uma praça de subúrbio, sob o sol vespertino, ao som de crianças jogando bola em um campinho de futebol ali perto.

Sentada em um banco de concreto, diante de uma mangueira sem frutos, Kaira observava o conjunto habitacional com seus varais apinhados e antenas de TV. Era uma bela jovem (ou assim parecia), ruiva clara, de cabelos longos e olhos azuis. Sardas pontilhavam a tez sob os olhos. Vestia-se despojada, com *jeans*, camiseta e um fino casaco de moletom. Em pé, ao seu lado, um homem alto fazia a segurança. Seu nome era Zarion, um querubim de corpo atlético, pele negra e olhar felino. Usava roupas esportivas, para facilitar os movimentos em caso de luta, com tênis de corrida e jaqueta de lycra.

Um táxi de luxo – quatro portas, último modelo – estacionou na rua atrás da pracinha. Mariah saiu do automóvel com todo o cuidado para não sujar o *tailleur* verde-musgo. Prendeu os cabelos negros em um coque e caminhou na direção de sua líder.

– E então, quem falta? – os serafins às vezes lembram diretores de empresas cobrando os relatórios do mês. Mas era a ishim Kaira quem chefiava a missão.

– Ismael – respondeu Zarion. Ele era um anjo guerreiro, e como qualquer soldado tanto suas respostas quanto ações eram precisamente diretas.

– Não dá para acreditar que Gabriel indicou um *carrasco* para nos acompanhar. A casta reúne a maior corja de desagradáveis que eu já conheci – os serafins também gostam de reclamar. É uma mania inerente à sua ordem.

– O que conseguiu na polícia? – perguntou Kaira, censurando a conversa.

– Não mais do que já sabíamos. A mulher que viemos investigar suicidou-se há três dias. Uma senhora simpática, alegre, adorada por todos, acima de qualquer suspeita, 58 anos. Os vizinhos não entenderam como ela pôde se atirar da janela. Até aí, sinceramente, não sei por que nos mandaram para cá.

– É óbvio – disse uma quarta voz, que se aproximava pela pracinha. – Ela foi induzida ao suicídio.

– Ismael – reconheceu Kaira. O recém-chegado era um hashmalim, a casta celeste de juízes e executores. Em sua forma material, chamada de *avatar*, Ismael tinha a aparência madura, em contraste com seus aliados, mais jovens fisicamente. A pele era morena, como a dos povos semitas, e o corpo era magro, ossudo. A voz grave dava a ele um ar magistral.

– Nunca escutei uma hipótese tão ridícula – alfinetou Mariah, em resposta a Ismael. – E mesmo que fosse, o que nós, *anjos*, temos a ver com isto?

– É o que vamos descobrir – decidiu Kaira. Era uma ishim, mestra na província do fogo. Os ishim ocupavam a linha de frente do exército de Gabriel, desde que o arcanjo refugiara-se na Cidadela do Fogo, fazendo dali sua fortaleza na guerra civil contra o príncipe Miguel.

A desconfiança de Mariah a respeito de Ismael não era de todo infundada. Os hashmalim são os anjos da punição, e seus instintos os colocavam diretamente contra os ideais humanistas de Gabriel. Ismael declarara-se aliado aos rebeldes, abertamente, mas isso não o livrava do preconceito.

– Tem alguma coisa aí dentro – pressentiu Ismael, deslizando os dedos sobre os números desgastados da porta.

– Que coisa? – estranhou Kaira.

– Nada que não possamos enfrentar.

– Zarion – a ruiva deu uma ordem, e o querubim forçou a maçaneta, arrebentando o trinco sem muita dificuldade.

No apartamento minúsculo, de um só quarto e banheiro, a bagunça reinava. A polícia já estivera ali, mas provavelmente decidira não alterar a desordem – a televisão estava em pedaços, roupas íntimas cobriam o chão e papéis rasgados forravam a cama. Uma grossa camada de poeira sujava a superfície dos móveis.

– Não tem ninguém aqui – constatou Mariah. O que ela queria era desafiar Ismael.

Zarion começou a farejar, procurando indícios da passagem de qualquer criatura não humana – os querubins têm sentidos de predador, e podem rastrear suas presas por vários quilômetros. Kaira investigou os papéis. Mariah andou até o banheiro.

– O tecido é mais suave deste lado. Isto é comum?

– Eu disse que tinha alguma coisa neste apartamento – avisou Ismael, empurrando Mariah para o lado. Entrou no lavatório, tocou os azulejos, correu os olhos sobre a pia e, de repente, sua visão se perdeu no reflexo do espelho.

– Algum pressentimento? – perguntou Kaira. Os hasmalim são hábeis em perceber indícios e impressões espirituais.

– Acho que encontramos uma testemunha que os policiais não puderam interrogar.

– Onde? Além do tecido?

– Justamente. Não sei bem o que é. Posso me desmaterializar agora, mas gastarei muita energia na volta. Acha que vale a pena?

– Mariah pode regular a membrana, temporariamente – Kaira olhou para a serafim.

– Mas eu... – Mariah não queria facilitar as coisas para Ismael, mas entendeu que era uma ordem. – Está bem.

Com uma simples concentração mental, a maioria dos serafins é capaz de distender o tecido da realidade, a fronteira invisível que divide o mundo físico do espiritual, facilitando a manifestação de efeitos místicos diversos, incluindo a materialização e desmaterialização de entidades celestes. Mesmo contrariada, Mariah ampliou suas qualidades mentais e sentiu como se esticasse um fragmento queimado de borracha, tornando-o mais frágil. O corpo de Ismael formigou, foi ficando dormente, até que seu avatar dissipou-se. No instante seguinte, estava em um banheiro, igual àquele de onde saíra, à exceção de um jovem magricelo agachado na banheira, tremendo, com os punhos cortados. Não deveria ter mais do que 20 anos: era branco, pálido, de cabelos castanhos, e estava nu! Quando viu Ismael, ele se levantou.

– Onde vocês estavam? Por que me deixaram aqui? Deixa eu sair, me deixa morrer! – o jovem se desesperou. – Me tira daqui, pelo amor de Deus. Quero morrer!

– Devagar – disse Ismael. – Vamos com calma. Vocês *quem*?

– O anjo das trevas, porra! Ele me prendeu aqui. Por que não me deixou morrer, caralho! Eu só quero morrer – o rapaz aproximou-se de Ismael, mas ele não tinha muita paciência com almas penadas.

Quando o jovem veio ao seu alcance, Ismael o agarrou pelo pescoço e o jogou contra o espelho, numa pancada violenta. No plano material, Kaira, Zarion e Mariah sentiram a parede tremer, tal qual um fenômeno *poltergeist* – na verdade, era exatamente isso. Ismael prendeu o fantasma pela garganta, ameaçando enforcá-lo.

– Me larga, cacete! Deixa eu ir embora, estou preso nesta merda. Eu quero morrer!

– Nem isto você soube fazer direito, seu pedaço de bosta! São imbecis como você que corrompem a Criação. Sabe o que a gente costuma fazer com suicidas? Sabe? – gritou.

– Não, não, não! – o rapaz berrava de medo, completamente apavorado. Ismael abaixou o tom de voz para, enfim, persuadi-lo.

– Para começo de conversa, corrija o vocabulário. Quem te ensinou este palavreado?

– O que você quer? – gaguejou o fantasma.

– O que aconteceu? O que foi que você viu? Que história é esta de anjo das trevas?

– Você vai me tirar deste lixo? Vai me deixar morrer?

– Você quer morrer? Acha que vai sair daqui direto para o Paraíso?

– Eu só quero morrer! – esgoelou-se o rapaz. Ele falava coisas sem nexo, e Ismael o lançou contra a banheira, para avivar suas ideias.

– Eu te tiro daqui – concordou Ismael. – Pode começar a falar.



Os hashmalim têm esta habilidade medonha de aprisionar certas almas não só em determinados lugares como em objetos materiais. Isso inclui os corpos físicos de pessoas vivas e até avatares! O efeito é semelhante àquele conhecido como *possessão*.

– Era uma *coisa* como você. Não igual, mas com a mesma energia. Dá pra sentir – o jovem relaxou enquanto falava. – Capuz negro, rosto invisível, olhos vermelhos, asas... Ele me *jogou* dentro da velha. Na hora, eu nem percebi. Acordei, e de repente estava vivo de novo. Eu me desesperei. Olhei para janela, me joguei. Nem pensei.

– E depois?

– O anjo das trevas me trouxe de volta para cá, e me trancou neste banheiro. Por que, porra? Por que eu não consigo sair? Por que eu não posso sair?

*Queima de arquivo, na certa* – imaginou Ismael. – *Como não se pode matar um espírito, a alternativa é prendê-lo.*

– Preferia estar no inferno – o suicida voltou a ficar agressivo. – Eu quero morrer!

Os hashmalim não são exatamente bondosos, e têm um peculiar senso de justiça. Mais para encerrar a gritaria do que para socorrer o fantasma, Ismael sugou a alma com as mãos, e a guardou consigo. Os anjos da punição podem reter um número limitado de almas, por algum tempo.

Investigação encerrada, Ismael materializou-se no banheiro, passando ao mundo físico enquanto o tecido estava delgado. Fatigado pelo gasto de energia, correu até a geladeira e bebeu uma caixa inteira de leite.

– Notícias do além? – apressou-se Kaira.

– Só uma – respondeu Ismael, ofegante. – Foi um anjo da minha casta.

Já era noite quando Kaira, Ismael, Mariah e Zarion tomaram o metrô que deixava o subúrbio, ainda perdidos sobre o que fazer ou para onde ir. O vagão estava vazio, o que era comum àquela hora, dando aos celestiais a privacidade necessária para discutirem sobre a missão.

– Não faz sentido para mim – avaliou Kaira. – Se os hashmalim podem capturar a alma de qualquer ser humano, estando eles vivos ou mortos, então porque precisavam de um fantasma para induzir a vítima ao suicídio?

– A alma humana tem poderes ainda não totalmente compreendidos por nós, nem por *eles* – ponderou Ismael. – Magia, paranormalidade, fé... Se alguns mortais podem repelir o assalto de demônios e espíritos malignos, porque também não poderiam evitar o ataque de anjos?

– Outra teoria idiota – provocou Mariah. – Nós somos servos de Deus.

– Todos nós, tem certeza? – manobrou Ismael. – Então por que você está lutando esta guerra, Mariah?

– Ei – chamou Zarion, mudando de assunto. – Não deveríamos estar indo para o centro da cidade?

– Não estamos? – Kaira se levantou.

– Acabamos de passar direto por uma estação, sem parar.

– O trem está descontrolado – percebeu Ismael.

Zarion enfiou a mão dentro da jaqueta e materializou sua espada, tirando uma lâmina de meio metro de onde não havia absolutamente nada.

– Tem alguém se aproximando. Há passos no teto – o querubim ergueu a espada e assumiu posição defensiva. Kaira inflamou as mãos com tremulantes labaredas vermelhas.

– Zarion, tire os outros daqui. Agora! – ordenou a líder. O guerreiro arrombou a porta traseira, agarrou Ismael e Mariah e os arrastou para o vagão logo atrás.

Kaira sentiu cheiro de pólvora e escutou um som engasgado além do forro de aço. Não esperou para ver o que era. Apontou os dedos para cima e disparou um jato de chamas, derretendo o metal como manteiga na brasa. O fogo fez o teto desabar, e junto ao ferro derretido, caiu uma celestial em forma humana, desnordeada pelo calor. Tinha cabelos curtos, louros, e carregava duas pistolas de grosso calibre.

Na outra composição, Zarion decidiu voltar para ajudar sua líder, mas quando ia cruzar a porta uma lâmina curva, afiadíssima, quase decepou sua cabeça. Recuando, viu entrar no vagão um soldado inimigo, de espada na mão, cabelos longos e claros. O corpo magro o tornava extremamente veloz. Não vestia roupas modernas – seu traje lembrava um quimono de algodão cru, branco, preso por um cinto dourado.

– Aonde pensa que vai, adorador de animais? – os subordinados ao arcanjo Miguel assim se referiam aos seguidores de Gabriel.

– Ora, cale-se! – Zarion fez um movimento com a espada, obrigando o adversário a se mover rápido. O inimigo avançou em seguida, Zarion deu um passo atrás e de uma hora para outra estavam engajados em uma troca de golpes tão rápida que era arriscado qualquer um chegar perto.

No carro à frente, a mulher-anjo mirou a pistola contra a cabeça de Kaira, mas a ishim fez a empunhadura da arma ferver, e a inimiga não teve alternativa a não ser largar os artefatos no chão. A ruiva aproveitou a distração, pegou uma barra de aço ainda quente e acertou a rival nas costelas, depois na cabeça, deixando-a inconsciente no banco do trem.

No vagão anterior, a lâmina do guerreiro passou raspando no rosto de Zarion. O querubim esperou que ele atacasse de novo e o agarrou como nas lutas de boxe, anulando a distância necessária aos golpes de espada. Como era mais forte, segurou o soldado pela cintura e o arremessou através da janela. O pescoço quebrou ao encontrar a parede do túnel e o corpo resvalou para baixo dos trilhos, para ser

mutilado pelas rodas de ferro.

O trem perdeu velocidade e os anjos regressaram à companhia de Kaira.

– Esta aqui está viva – avisou a ishim, referindo-se à inimiga desmaiada, ferida com o bastão de metal.

– Armas de fogo, habilidade de controlar máquinas – analisou Ismael. – Uma elohim, sem dúvida.

– Outra peça do quebra-cabeça. O que eles querem conosco?

Mariah tocou a testa da mulher-anjo, ainda esparramada nos bancos.

– Vou descobrir.

Enquanto os hashmalim são mestres na arte de controlar almas, os serafins são hábeis no conhecimento da mente. É claro que é possível resistir a estas investidas psíquicas, mas aquela elohim estava indefesa – uma vítima perfeita para Mariah.

– Estão preparados? – instigou a serafim, ao concluir a sondagem da mente.

– Vá ao ponto – rosnou Zarion.

– Alguém conhece um anjo chamado Henocho?

– É um líder de minha casta. Abraçou a facção de Miguel e se tornou um arauto do príncipe. O que tem ele? – disse Ismael.

– Sua casta não é nada fácil, hein?

– Diga logo o que viu, Mariah – até Kaira já estava perdendo a paciência com ela.

– Henocho. Ele está estabelecendo uma coleção de almas e as guardando em sua torre. Por algum motivo ele escolheu o plano físico para erguer sua fortaleza. Não me perguntem o porquê.

– Conseguiu ver onde fica esta torre?

– Boas ou más notícias primeiro?

– Boas.

– Perto. A má: Henocho está esperando por nós.

As informações de Mariah levaram os quatro anjos aos limites da cidade, onde um terreno pantanoso fora transformado em lixão, com colinas irregulares de plástico, papel e madeira. Carcaças de animais levantavam um aroma fétido, atijando os urubus e decorando o horizonte com uma negra paisagem de esgoto e dejetos. No leste, um prédio em ruínas contrastava com a pintura rósea do sol que nascia. Era circular, tinha formato de torre, e certamente fora abandonado ainda durante a fundação.

– Não me espanta que esse tal de Henocho tenha escolhido o mundo físico como base. Só os cães e os indigentes vêm aqui – observou Mariah. – Mas o prédio parece desguarnecido.

- Às vezes a melhor defesa é simplesmente não chamar atenção – opinou Kaira.
- Todos prontos?
- É bom que estejamos mesmo – advertiu Ismael. – Henoch é um arauto. Não se esqueçam disso.

Os arautos são anjos de grande poder, que frequentemente recebem missões diretamente dos arcanjos. Os celestiais nem pensaram em recuar, mas entenderam o que Ismael queria dizer.

Eles não tinham a menor chance.

O primeiro andar do prédio não tinha paredes. Vigas de aço sustentavam a estrutura da torre, dando forma a um pátio interno de vergalhões entortados. Estavam no lugar certo, sem dúvida. A construção era, toda ela, como um grande *santuário*: uma área no mundo físico onde o tecido da realidade é finíssimo, possibilitando aos anjos manifestarem suas asas, armas e poderes sem qualquer dificuldade.

Um elevador industrial levava aos níveis superiores, e parecia o único meio de acesso ao refúgio de Henoch. Kaira olhou para o ascensor e calculou as opções.

– Em caso de incêndio, use a escada – advertiu Mariah. Não era exatamente uma piada. Os serafins têm essa mania de usar subterfúgios linguísticos.

– Infelizmente é a única passagem aos andares acima – lamentou Kaira.

– Vamos logo – propôs Zarion, puxando a espada.

– Vamos – determinou a líder. – Se Henoch é assim tão poderoso, já poderia ter nos matado.

Entraram no elevador. Só havia um botão – e subia.

A porta pantográfica abriu, dando acesso a um ambiente exótico para uma moderna torre de concreto. Na câmara adiante, os anjos que ali moravam haviam construído (não se sabe como) uma rotunda gótica, muito parecida à abside das catedrais, com vitrais multicolores e estátuas de mármore. Colunas medievais seguravam o teto, e no fundo da sala, onde seria o altar, uma figura horripilante ocupava um trono dourado.

Henoch tinha galgado a hierarquia dos hashmalim e agora era um algoz de Miguel. Vestia uma túnica preta, com enormes asas que surgiam das costas. O corpo era físico, mas tinha a forma de um borrão negro, com apenas os olhos vermelhos visíveis sob o capuz. Ao redor dele, nas paredes da câmara, Ismael reparou que em alcovas minúsculas pulsavam pálidos pontos de luz – era ali que o inimigo guardava suas almas roubadas.

– É só dar a ordem – pediu Zarion, aguardando a permissão de Kaira para principiar o ataque.

– Não vejo por que esperar – e autorizado ao combate, o querubim partiu com

toda a energia para cima de Henoch, que nem se mexeu na cadeira. Usando seus poderes de arauto, ergueu um tentáculo de sombras que golpeou Zarion tão forte que o jogou contra a parede. O querubim caiu desacordado num ângulo da sala e sua espada rolou aos pés do inimigo.

Notando o perigo, Kaira preparou suas rajadas de fogo. Antes disso, porém, o mesmo pseudópodo de trevas levitou a arma de Zarion e a arremessou sobre a ruiva. A lâmina entrou fundo no peito, a milímetros do coração, deixando a celeste viva, mas agonizando numa poça de sangue.

Quase ao mesmo tempo, Mariah investiu com seu *choque mental*, a única tática de ataque que conhecia. Henoch percebeu sua intenção e respondeu com uma estratégia macabra. Levantou o dedo e uma alma, daquelas guardadas nas alcovas, saiu voando na direção da serafim, unindo-se ao seu corpo físico. Embora não letal e de curta duração, esta técnica deixava os avatares confusos e indefesos por algum tempo. Mariah tombou no piso de mármore, assaltada por fortes espasmos e convulsões.

Ismael não tinha saída. Mas para ele, surpreendentemente, o adversário reservara outro destino.

– Ismael – Henoch falou pela primeira vez, e apesar de ser um anjo, sua voz era demoníaca. – São seus amigos?

Ismael ficou em silêncio. Não tinha o que falar.

– Patéticos. Admira-me ver você entre eles. Uma vergonha. A maioria dos anjos de sua casta está com o arcanjo Miguel – Ismael começou a entender os planos de Henoch. – Vai querer vir conosco?

*Como se eu tivesse opção* – pensou.

– Por que lutar para defender esses porcos de barro, Ismael? – Henoch continuou. – Vamos purificar o mundo. Começar tudo de novo.

– O que são essas almas? – Ismael apontou para os nichos na parede.

– Uma genialidade minha. Eles são os iluminados, homens e mulheres que têm salvação garantida. E pode acreditar, não são muitos. Vamos usá-los para invadir o Terceiro Céu.

Ismael engoliu em seco. O Éden Celestial era uma camada reservada aos santos, e demarcava uma fronteira segura entre os níveis superiores, controlados pelo arcanjo Miguel, e as camadas inferiores, território de Gabriel. Se o inimigo invadissem o Terceiro Céu, usaria a dimensão para lançar uma ofensiva esmagadora contra as legiões rebeldes.

– Nenhum anjo pode entrar no Terceiro Céu.

– As almas dos justos nos mostrarão o caminho. Logo, as forças revolucionárias serão destronadas. A guerra terminará, e voltaremos nossas atenções para limpar esta sujeira – e Henoch perguntou pela última vez. – Você vem comigo?

Ismael preferiu ajoelhar-se, num gesto de submissão. E assim, quase se arrastando, aproximou-se de Henoch, até aceitar sua mão.

– Melhor deste jeito, Ismael. Melhor deste jeito – a sensação de vitória era clara na voz cavernosa. – Mas ainda não me respondeu. Por que desertou? O que o fez se aliar a este bando de insurgentes?

– Espero que me perdoe, irmão. Mas você já deveria saber. Eu nunca me rebelei. Eu sou um anjo, e este é o nosso propósito. É a vontade de Deus.

Antes que Henoch pudesse digerir a resposta, sentiu um estranho formigamento na palma, e a seguir uma sensação de impotência o dominou. Alguma força externa apoderava-se dele, roubando o controle de seu avatar.

Ismael se levantou e tomou uma distância segura do anjo das trevas, à medida que ele tremia, gritava, berrava. Era como se estivesse... *possuído*.

Naquele exato instante, Zarion recuperou o vigor e viu quando o inimigo, enlouquecido e desesperado, correu na direção da janela.

– Eu quero morrer! Me deixem morrer!

Totalmente fora de si, Henoch estilhaçou o vitral e despencou para a morte. Como o tecido era mais grosso lá fora, suas penas queimaram, a forma de sombras regrediu e finalmente seu corpo encontrou o chão de concreto. Mariah, ainda meio tonta, enfiou a cabeça através da vidraça e enxergou o cadáver perfurado por meia dúzia de vergalhões, quarenta metros abaixo.

– Incrível. Eu não teria pensado em nada melhor.

Kaira estava ferida, mas fora de perigo. Zarion e Mariah não corriam mais riscos. Ismael salvara o dia. Os quatro deixaram a torre quando o sol atingia o seu zênite.

– O que aconteceu com a alma do suicida? – quis saber Kaira.

– O que acontece com a maioria dos suicidas. Deve ter sido atirada ao limbo – explicou Ismael. – Era tudo o que ele queria: morrer.

– Promessa é dívida – comentou Mariah. – E Henoch?

– Seu corpo físico foi destruído, o que significa que ele ainda pode voltar. Mas não agora. Seu coração foi perfurado, ele ainda precisará de tempo para refazer o seu avatar.

– E as almas na câmara? – Zarion estava intrigado.

– Temos que libertá-las.

– Como? – indagou Kaira.

– Os espíritos estão presos em objetos físicos. Precisamos destruir a torre. É o único jeito.

– E depois?

– Temos que nos reportar a Gabriel, imagino. Já encontramos a informação que viemos buscar.



Enquanto Ismael falava, Kaira reunia suas últimas forças para esquentar as vigas do prédio. Como havia muito lixo no térreo, o incêndio se alastrou rapidamente. As armações de aço derreteram ante aos poderes da ishim, e poucos minutos depois a estrutura toda veio abaixo.

– E qual é a informação relevante, Ismael? – insistiu a líder.

– Agora sabemos que Miguel pretende invadir o Terceiro Céu, a qualquer custo. Henoch e sua torre das almas era só um das frentes desta batalha.

– Há outras?

– Muito provavelmente.

– Então vamos encontrá-las – decidiu Kaira, limpando o sangue na roupa.

– Quando? – perguntou Zarion, faminto por mais ação.

– Agora.

# Breve relato da ascensão do Papa Alexandre IX Marcelo Ferlin Assami

## I A NARRATIVA ENCONTRADA NA BIBLIOTECA

### 1 UM COMEÇO PEQUENO

Quando perceberam que um assassino estava na cidade, a alegria voltou aos rostos e modos das boas senhoras de X. As mulheres mais ilustres não escondiam a felicidade ante a ideia de que a violência e o derrame de sangue e vísceras encerrariam suas vidas.

X estava espremida entre a estação ferroviária e o lago. Para depois do lago, longe dos pobres, em áreas preservadas de mato, viviam os ricos e mais nobres, todos familiares do prefeito. Depois da estação ferroviária, a cidade minguava de posses. Os mais necessitados e a maior penúria ocupavam o descampado. Na estreita faixa entre o lago e a estação ferroviária viviam as boas almas de X.

### 2 Os jardins da senhora Lispec

A senhora Lispec não foi a primeira vítima, mas a história começa com ela. O registro mais recente de um senhor Lispec datava da virada do século retrasado, e disso se apreende que a senhora Lispec era solteira, pois usava apenas o nome de seu pai, e que era muito mais velha do que a idade que aparentava.

A senhora Lispec cultivava um jardim conhecido na região. Em qualquer cidade há mulheres que não conseguem satisfazer seus maridos com filhos em quantidade, mulheres que não querem cuidar de filhos já gerados, crianças indesejáveis e pessoas de idade que se esqueciam de morrer. Em sigilo, os aflitos visitavam a senhora Lispec e levavam seus vasos de plantas, na esperança de que a boa mulher pudesse reanimá-los.

Além de chá da própria horta, oferecia uma visita ao canteiro de plantas. Em pouco tempo, as plantas mirradas em seus vasos ficariam viçosas e floridas como as criaturas do canteiro da senhora Lispec. Ela era boa com estacas e lâminas e amarrações. E por isso mesmo ela sugeriu fogo ao seu assassino. Só o fogo alcançaria as raízes mais antigas, que a alimentavam. Lâminas e estacas seriam inúteis.

### 3 O quintal da senhora Telles

A casa da senhora Telles morava no fim de uma rua deserta. Um muro alto cercava uma casa de três cômodos e um quintal imenso. O assassino encontrou as mais estranhas curiosidades na casa da senhora Telles. Pássaros, peixes e mesmo um jabuti pendurados na parede da sala. Estavam secos e eram recobertos de uma pelagem fina, de tom caramelo. Se o assassino cavasse na área do chiqueiro, nos fundos do quintal, encontraria o corpo do senhor Telles, ainda com o medalhão cigano que trouxera uma noite, como prêmio da mesa de pôquer. Mas para encontrar a cova teria de passar pelos porcos da senhora Telles, que pareciam javalis, peludos e com presas imensas. Havia muitos objetos de prata legítima na casa, facas de cozinha, puxadores de gaveta e maçanetas. Até as árvores do quintal eram diferentes. Havia veios nos troncos das árvores e pareciam abertos pelas garras de um animal muito grande, e uma fina pelagem caramelo crescia nesses veios.

O assassino, porque sem dúvida achavam que era o trabalho de um homem, fizera uma série de disparos contra a senhora Telles, mas o que realmente a matou foi a decapitação, feita com o facão de prata que acabou cravado em seu coração.

#### 4 O desaparecimento da senhora Young

Da senhora Young a polícia encontrou apenas o escalpo.

O senhor Young, muito mais velho e muito mais gordo que a senhora Young, cuidava com carinho de uma motocicleta antiga, que rangia sob o seu peso e parecia que ia se desfazer a cada cem metros. A cor da motocicleta era das mais originais, de um bege mortiço que não pouca gente descreveu como “osso de galinha escovado, mais feia que o diabo”. É sabido que o senhor Young estava desaparecido havia um mês e meio quando começaram os boatos sobre a presença de um assassino na cidade.

A senhora Young se aproveitou do estupor alcoólico do marido diante da TV, durante o futebol, e se aproximou da motocicleta e a chutou e passou a golpear o tanque de combustível com os punhos até sangrar. A motocicleta absorveu o sangue da senhora Young e a cor desbotada deu lugar a um brilho novo, de osso brilhante.

Por três meses a senhora Young alimentou a motocicleta com seu sangue menstrual, com o sangue que despejou das entranhas dos gatos da casa e com o sangue da cadela da vizinha. A motocicleta respondia de acordo, tornando-se mais potente, mais robusta e mais faminta. Foi deixar a máquina sem sangue por uma semana e a máquina devorou o senhor Young na estrada de terra que ligava a cidade ao sítio do casal. A motocicleta abriu-se ao meio, revelando dentes nas engrenagens, que mastigaram o senhor Young até as botas.

Nas semanas seguintes à chegada do assassino, a motocicleta permaneceu no quintal da casa dos Young. Do tanque inchado saíram pequenos constructos que

pareciam feitos de osso. A senhora Young não sabia como descrevê-los, não podia dizer se eram animais ou peças de motocicleta, mas se alimentavam do seu sangue.

O escalpo da senhora Young e a motocicleta foram encontrados no terreno baldio nos fundos da sede. O legista encontrou pequenos fragmentos de acrílico no escalpo. A motocicleta estava crivada de balas. E pela primeira vez a cidade começou a pensar que havia mais de um assassino na cidade.

## 5 O milharal atrás da Pensão dos Viajantes

Apenas quando a dona da Pensão dos Viajantes foi morta confirmou-se a existência de dois assassinos. Dois dos hóspedes mais insuspeitos. Uma garota, bem jovem e extremamente míope, e um senhor com bem mais de 70 anos, muito tranquilo e muito simpático. Mas era tarde. O milharal nos fundos da pensão já tinha liberado suas espigas mutantes e elas rumaram para a sede da prefeitura, onde a população se reunia para decidir o que fazer com os assassinos. A alegria com a matança havia durado além da conta.

Um leve torpor começou a tomar conta dos moradores de X. Se olhassem pelas janelas da prefeitura veriam as espigas gigantescas a assumir a forma dos cidadãos, que iam ficando mais e mais sonolentos.

Os assassinos não trabalhavam juntos nem se conheciam. Quase haviam se esbarrado na morte da senhora Miranda, encontrada com um tiro em cada olho, sem nenhuma atividade cerebral desde a passagem do cometa Halley. E quase se mataram quando invadiram praticamente ao mesmo tempo o escritório da senhora Luft, que só parou de se mover quando a garota míope a desmembrou com as lâminas de plástico que trazia. À meia luz, reconheceram-se. “Todo mundo nesta cidade é monstro?”, a garota sussurrou. “Apenas as nossas vítimas”, disse o velho.

De volta à mansão, encontraram as espigas do milharal em movimento.

## 6 O filho da senhora Meireles

Lobo Meireles acreditara na abdução de sua mãe e por duas décadas se dedicou a reunir informações sobre os alienígenas, mas o que descobriu foi uma conspiração global de supostos extraterrenos, intraterrenos, reptilianos e homenzinhos, tanto verdes como cinzentos.

A tese era de uma simplicidade inconveniente: não só não havia uma cultura de discos voadores, abduções e encontros com extraterrestres no mundo islâmico, como todas as evidências no mundo ocidental indicavam uma grande conspiração cujo epicentro era o terremoto de Lisboa de 1775 e a Revolução Francesa. Povos que não tinham aberto seu sistema político à divisão de poderes e à criação de burocracias modernas pareciam condenados a não experimentar o contato com ETs. Esses povos

eram mais sujeitos a grandes desastres naturais, que resultavam em milhares de cadáveres.

Só havia um problema, extraterrestres não existem. Lobo Meireles conhecia a farsa. Quando os governos do mundo queriam se livrar das pessoas indesejáveis, agiam à noite e criavam cenários fantasiosos. O terremoto de 1775 testou a possibilidade eliminar grandes populações em áreas urbanas. Se o alvo fosse pequeno, uma pessoa ou até um comitê, bastava uma ação simples e depois plantar a ideia de nave espacial, avistamentos e ETs cabeçudos. Se havia necessidade de muitas mortes, seja por qual motivo, desde a necessidade de carne ou fluidos humanos até o dever de reescrever a História, eliminando grupos que no futuro se revelariam ameaças, bastava criar vagalhões, terremotos, erupções vulcânicas, epidemias.

Lobo Meireles deixou todas essas ideias registradas em seus arquivos, meticulosamente organizados. Lobo Antunes se jogou pela janela assim que viu uma imensa nave espacial estacionada acima de sua casa, um trambolho que parecia um navio de pedra.

## 7 O navio de Pedra

O navio de pedra se aproxima para levar os sobreviventes que não pereceram nas mãos das espigas mutantes. Apenas o velho e a menina não conseguem subir a bordo. As cordas escapam de suas mãos. Mas todos esses detalhes nós podemos suprimir.

A versão oficial é esta: e na saída da pensão encontraram um senhor japonês que seguia na mesma direção. Quando alcançaram o estacionamento, o oriental correu à cabine do vigia e voltou de lá com um carrinho de bebê. Parecia satisfeito. Trazia também uma sacola de golfe. Apenas os três deixaram a cidade.

## II A CIDADE DO VATICANO

### 1 Em que me apresento

A versão oficial diz que o lago foi esvaziado e que um acidente pouco antes ou pouco depois levou ao envenenamento de centenas de habitantes. O mais importante, no entanto, o que obscenamente salta aos olhos, continua nas inscrições à margem do caderno. O nome da garota míope, Ana Misfit, é o mesmo nome da sobrinha do Papa atual.

A história do velho é mais complicada. Ele acredita que uma bala na cabeça é

uma política eficiente. LC tem mais de 80 anos, bem mais. Não contente com os argumentos financeiros de Alexandra Misfit, que tinham muito peso, ele aceitou o trabalho logo depois de ouvir as palavras de Ernesto Assami:

“Tenha medo, senhor. Eles tentarão inocular o conhecimento em você. E isso levará sua alma a adoecer. Não sei qual espetáculo será pior, um corpo que encerra e encarcera você como uma tumba ou um corpo que se entrega a todo tipo de destruição movido pelo ânimo mais grotesco. Eu, que tanto amo meus semelhantes como amo este mundo e seu Criador, não teria defesa alguma. Meu primo, menos interessado em saber a verdade, poderia ocupar o trono celeste e não se corromper.”

O caderno me pertence e sei de cor as páginas que estão faltando. E é o nome da minha família na capa. Talvez sejam esperados grandes feitos dos Casanova, porque ao meu antepassado mais famoso se atribuíram intrigas, conquistas inúmeras, fugas fabulosas, o aperfeiçoamento da loteria e demais patifarias que o próprio engrandeceu e ilustrou em suas memórias. Não seria digno de minha parte tentar competir com o oferecimento de orgias ou complôs contra os reis. Mas pelo menos um atentado ao Papa eu tenho a acrescentar ao nome de nossa família. Nós, os Casanova, somos orgulhosos de nossa linhagem.

Só conheci Ernesto e Darwin Assami quando os primos já eram cardeais. Ernesto na época parecia mais afeito a meninos que se vestiam de meninas. Apenas travestis jovens faziam parte do seu interesse humano, mas me recebeu com boa disposição. Eu queria muito ser amigo de Darwin, de quem só ouvira o melhor, mas não imaginava que ele se encantaria comigo. Darwin Assami me encarou e disse que queria que eu defecasse em sua boca. Hesitei e ele colocou um maço de notas sobre a mesa. Eu era jovem e ainda precisava pagar por carinho e me comovi com a situação.

Posso dizer que tudo começou com um telefonema no meio da noite e logo saí atrás de advogados melhores do que eu e de roupas e de alimentos que pudessem ser recebidos na cadeia.

## 2 Alexandra

Alexandra Misfit precisava de roupas novas. Mas não era isso que Caro queria saber. Caro agia como mordomo dos Misfit desde sempre. Ele pergunta do moral, de sinais de cansaço, desespero, tédio. Reclamações sobre a comida. E logo acrescentou que sua empregadora raramente se entediava quando ficava sozinha.

Respondo que ela pensava em processar o nosso governo. Caro não perguntou se eu me referia ao governo italiano ou ao governo brasileiro, ele não se importava com política ou futebol. Não tive acesso à cela, fui conduzido a um pátio interno. Alexandra percebera o meu interesse e se virou para me mostrar como seu cabelo

crescia. “Não me deixam usar tesoura ou navalha”, ela disse.

Caro finalmente me deixou voltar para o meu quarto e dormir. Decidi telefonar para Marcelo, que apreciava ligações noturnas e, mais ainda, histórias absurdas. E era o filho mais velho. Marcelo me perguntou se Alexandra havia conseguido pegar alguma doença nova. Um sotaque, respondi, um sotaque horrível que ela vem mantendo há duas semanas. Desistir de telefonar para Marcela Misfit, que me perguntaria, sem esconder a inveja, se a mãe não desistira do lesbianismo.

Antes de prosseguir com meus infortúnios noturnos talvez seja mais interessante falar do meu começo e de como acabei a serviço da família Misfit.

### 3 Meu começo

O começo foi banal como uma cena do Evangelho, uma mulher entrou no refeitório da escola e anunciou que a minha mãe estava à minha procura. Não era a minha mãe, eu nunca havia visto aquela senhora. Ela me levou dali e me fez uma proposta, e desde então estou aos serviços da família Misfit.

O livro que você encontrou, meu breve relato, traz não o sobrenome comum a toda a nossa família, mas o nome que o mais famoso Giacomo Casanova criou para si, Seingalt. Meu pai nunca usou o nome, porque temia que minha mãe se ressentisse da inevitável brincadeira que fariam entre Seingalt e Senegal. Queniana orgulhosa, minha mãe facilmente se irritava com a suposição de que em seu continente “tudo e todos eram iguais”. Não vi razão para não acrescentar “de Seingalt” ao meu nome assim que tive oportunidade.

Um pequeno resumo, sem as partes banais: Alexandra cuidou da minha educação. Escrevi, illustrei, também fiz alguns filmes. Salvaria alguns desenhos, nenhuma pintura, que estão abaixo do medíocre. Fiz boas sugestões de obras, pequenas construções que tanto alegrariam nossa confraria de brasileiros no Vaticano, mas os arquitetos locais não demonstraram interesse algum e, conhecendo o nosso corpo diplomático, também não tinha a quem mais pedir ajuda.

### 4 O incidente Misfit

Todos os dias, às seis da tarde, os funcionários e o número excessivo de hóspedes da embaixada se reuniam no pátio para vestir suas roupas e cantar o Hino Nacional. Depois, despiam-se e iam cuidar das suas vidas. Os funcionários afetavam uma indiferença ligeira sobre tudo e todos. Os hóspedes não afetavam nada, a indiferença a tudo sempre foi a marca comum de várias de suas tribos.

Fora o ocasional, mas persistente, influxo de doenças, ferrovias, esforços de conversão à fé Cristã e ao trabalho forçado, tinham se incomodado pouco com os cinco séculos de ocupação. Nos primeiros duzentos anos consideraram seriamente

perguntar aos europeus o que tinham ido fazer ali, onde nada nunca acontecia. Abandonaram essa ideia logo que se acostumaram com a bebida dos brancos, muito mais forte que a deles, e porque achavam rude questionar quem agia sempre como se soubesse o que fazia e portava armas de fogo.

Alexandra Misfit, ela própria uma descendente de tribos ilustres por fazerem de tudo para não entrar para a História, havia ajudado várias embaixadas. Recomendava funcionários e hóspedes nativos, quase sempre com um lucro relevante. Admirava a insolência e a desfaçatez daqueles tipos e sentia-se sem ânimo sequer para tentar pular o muro da embaixada.

Só lhe restava afetar um sotaque e invadir Roma como uma estrangeira.

Em Roma, sou recebido com alegria pelos Assami. Tenho de esperar, porque estão participando de uma sessão espírita. Observo que não é o local mais inusitado para isso, Viktor Frankl conta que participou de uma em Auschwitz. Ernesto Assami abençoou as três carreiras dispostas sobre o tampo da escrivaninha e insistiu que eu fosse o primeiro. Perguntei discretamente por que Alexandra apoiava Darwin e não Ernesto ao papado. Os dois sorriram. Eu disse que Ernesto vestia tão bem o papel de religioso. “Há monstros lá fora e aqui dentro também”, foi a resposta de Darwin, redundante e críptico.

Ernesto disse que gostava demais da Igreja para querer destruí-la com a sua presunção. Foi a deixa para os outros apresentarem suas opiniões. O cardeal Burgess disse que a Igreja era a única instituição nesta parte do mundo que conseguia explicar o mal e, ao mesmo tempo, exortava o povo a combatê-lo. E quando terminou de falar deixou-se abraçar pelo sobrinho, o cardeal Gore, que recitou as palavras do antigo Dionet-Bilal:

“O conhecimento que eu conquistei está me matando.”

## 5 O conhecimento secreto

Meu aposento ficava ao final de um longo corredor. Minha primeira impressão era de que haviam transformado o quarto em uma UTI. Da cama, uma mulher nua me olhava fixamente, enquanto um cardeal desamarrava as correntes de seus pulsos e tornozelos. Máquinas e engenhocas em volta apitavam.

“Eu sou Asenath Waite”, a mulher disse e esperou que eu risse da piada. A voz era trêmula, mas não era de frio nem de emoção. Marcelo Misfit entregou um espelho à mulher:

“Sim. Funcionou. Mas por que uma mulher?”

“Achamos que seria mais adequado à sua condição.”

“De invertido e pederasta?”

“De renascido. Precisamos de equilíbrio. Os eventuais benefícios secundários



são evidentes e você ainda poderá nos agradecer.”

A mulher balançou a cabeça.

“Um assassinato por telepatia é a coisa mais segura, se feita por um profissional. Vocês vão precisar de agentes dissimuladores, algo como uma distração.”

“Já temos. Teremos escândalos, acidentes de trem, quem sabe um terremoto, e temos os assassinos.”

E Marcelo Misfit me apontou. Ele esperava que eu contasse e dançasse?

“Antes de o assassino telepata agir é preciso desferir golpes no corpo e na alma da vítima.”

“Temos os assassinos e teremos escândalos.”

“E quem eu devo tentar assassinar?”

“Ora, o Papa”, arrisquei.

Diante de mim, o renascido William Seward Burroughs. Eu não contive o sorriso.

### III O NOVO PAPA

#### 1 Nos jardins

Uma senhora oriental em tamancos de salto altíssimo conduzia cinco beagles malhados. Ou pensava conduzir, os cães puxavam as correias e a mulher puxava de volta. Logo atrás, Alexandra Misfit, liberta e com o cabelo cortado ao seu gosto, quase raspado, vem me receber. Ela quer me agradecer pelos assassinatos encomendados, mas não sabe como. Ela tem os meios para assegurar a eleição do seu preferido, Darwin, só precisava se livrar do atual.

“Eu vim porque precisava falar com meus sobrinhos. Você entende.”

Respondi que nem Ernesto nem Darwin sabiam de nada. Sabia que ela precisava falar com eles pessoalmente antes de prosseguir com a maluquice. Com um aceno ela me estende a mão e confirma as instruções.

Meus olhos me traem, Alexandra sabe quem é a senhora, ela me sussurra um endereço. Um treinador de gorilas usava a mulher, que é chinesa, para acalmar seus animais. Comento o pouco jeito que a mulher demonstra com os cães e Alexandra elogia minha perspicácia, o que quer dizer: é isso que atrai os animais. E foi isso que me atraiu na minha futura esposa.

#### 2 300g

Quando o corpo tombou, já não era mais o Papa, estava livre de toda a proteção. A garota se acomoda sobre o corpo de sua santidade, pronta para cortar suas vestes

com as lâminas de plástico. Ela havia pedido o coração como parte do pagamento. Se não foi para canibalismo seria para algo igualmente brega. O hábito mais refinado de Ana Misfit era derreter cubos de açúcar no clitóris, com uma gota de limão e um fiapo de gengibre.

O velho se manteve de pé, atento ao trabalho da menina. Não nos cansávamos de assistir. A voz dele ressoou no altar: Trezentos gramas. O que você vai fazer com isso, vodu?

A menina balançou a cabeça, sem responder de verdade. O velho se afastou. Ia em direção à saída. E disse para si mesmo: vodu é para jacu. A menina ouviu a frase e ri. O velho não está mais lá, apenas a sua gargalhada de lazarento. E eu, com a minha Hasselblad de segunda mão.

### 3 Alexandre IX

O novo Papa era jovem demais para os cardeais. Nossos líderes se ressentiam de alguém que, em palavras pouco brilhantes, “ainda era muito próximo dos apetites do mundo e das ilusões de poder”.

Eu já estava escrevendo uma versão oficial e preparava também a minha. Concordei em retirar a referência ao navio de pedra. Eu visitei o pomar e vi as espigas gigantes destroçadas. Senti o ar adocicado e vi o piso da pensão manchado de xarope de milho. E também ajudei a empacotar as pequenas peças de osso que pareciam vivas. A única mentira no relato todo era a identidade da garota míope. Nem Alexandra sabia quem a menina realmente era.

Os Misfit inventaram uma pessoa. Alexandra teve duas e não três crianças, Marcelo e Marcela, mas desde sempre viveram como se houvesse uma Ana Misfit entre eles. E quando Ana apareceu, ela tinha os traços da mãe, mas ainda bonita. Seu único defeito visível era a miopia extrema.

### 4 O sonho brasileiro

Adianto a história. Darwin Assami foi mostrado ao mundo como o novo Papa Alexandre IX. Alexandra Misfit me convidou ao hotel da família em Trieste, para onde havia se mudado com alguma companhia. Ana se recuperava de seus ferimentos e eu pensava seriamente em me casar com a senhora oriental que vira nos jardins do Vaticano. Estou perto da mesa de chá, de costas para Alexandra, estou pronto para receber a ordem de nunca mais ver Ana. Porque Ana é muito bonita e mais jovem? Tento não pensar na segunda razão, meu convívio de uma década com um amigo de Darwin, um transexual árabe que chamaremos de Al Rashid, Alexandra bem poderia me ver como influência má.

– Eles são menos que animais. E o que eles pensam da gente? Não nos olham

como seres humanos. Nunca olharam para nós porque eles mesmos são menos que animais. E é por isso que eu retirei o papado deles. Entreguei a meus sobrinhos.

Então eu me aproximei com a xícara de chá. Ainda esperava pela ordem de me afastar. No breve resumo de minha vida eu omiti os episódios que me causaram os epítetos de invertido, pederasta, ateu, desencaminhador de meninas, sedutor e demais acusações que se fazem contra qualquer um que saiba ler e escrever.

Alexandra me devolveu uma pequena obra que havia encomendado. Devo levar para LC uma dentadura nova, com as presas da senhora Lispec e da senhora Telles e um revestimento de prata e alho. E então compreendo por que Alexandra insistiu que Ana fizesse uma transfusão de sangue completa, com plasma abençoado.

– Casanova, você gostou do meu Papa? Casanova, você conhece aquelas cigarras que saem ao mesmo tempo da terra? Elas vivem juntas como larvas, depois voam juntas, elas fazem barulho e se acasalam juntas, todas ao mesmo tempo. Os europeus são como esse tipo de cigarra.

Adoeci o meu café, é um hábito antigo. Alexandra não me dará a ordem. Mesmo quando discursa, a senhora Misfit toma o chá puro.

– Eles são assim. E a cultura deles é assim. E mesmo os seus monstros tão queridos são assim. Eu vou tirar isso deles também. Depois que deixarem Roma o casal e o senhor Shinzo estarão bem ocupados. Vampiros, lobisomens, bruxas, monstros, vou destruir tudo.

Nos gibis o vilão baba e delira antes de explicar o seu plano-mestre. Misfit mantinha uma mineirice ímpar.

– E Papas. Tirei o papado deles. Nunca mais haverá um Papa europeu.

Ela não se importava de entregar a Santa Sé a Darwin. Eu achava naquele momento que ele daria um belo Pontífice. E acho que não fez nada de muito espalhafatoso desde então. Introduziu a viola caipira na liturgia. Nunca mais me chamou para suas sessões de coprofilia. Alexandra queria me assegurar de que não estava louca, um esforço inútil, mas não ia me prometer dinheiro, preferia me comprar com presentes, férias, viagens de negócios para os Misfits.

Alexandra deixou Trieste com a sua companhia, pelo fim da Quaresma. Haveria o reencontro cinco anos mais tarde, em Pádua, quando das minhas relações íntimas com a filha... *mater pulchra filia pulchrior*.

## 5 E de volta a Roma

Não pensei que terminaria os dias na escuridão, entre funcionários efeminados de uma ordem que muito me despreza. Mas Deus, esse amigo desconhecido, o mestre ausente que nos olha de cada pôr do sol, de cada suspiro de mulher, de cada abotoadura dourada, nunca me abandonou. E, de mim, nunca esqueci de cada vez

que, tomado pela covardia, troquei a fé pelo abrigo temporário do que estivesse à minha mão e a alcance do meu bolso. Deus é inevitável. Para ser ateu é preciso ser racional. Mas para Deus basta a imaginação. Ou nem mesmo isso, veja a indiferença dos animais diante do homem e de tudo.

Esta gatinha que vem se deitar na minha mesa, indiferente a tudo o que não for o pires de leite e o dia lá fora. As mulheres são como os gatos, no entanto. E como disse o cardeal Johnson, quando lamentou sobre a moda: “as mulheres é que escolhem. Ninguém faz uma mulher vestir roupas idiotas se ela não quiser”. Da mesma forma, a senhora Misfit pode fazer e desfazer Papas. Essa afinal é a rede que me prendeu a esta cidade, a esta ocupação. Ou devo acreditar que mudaria alguma coisa, que faria alguma diferença além de alimentar a vaidade de uma consciência tranquila, se eu tivesse dito não, se fosse, mesmo agora, até ela e denunciasse seus crimes e me opusesse à sua vontade? “Consciência limpa sobre mãos sujas”, este não é um Casanova, não serei eu.

Este é o momento em que você começa a entender como a história termina. Você está pensando se relatei tudo isso porque esperava poder me confessar ou se queria manter você aqui, como punição por ter decretado a minha sentença de morte. É neste momento que você deve decidir se vai esperar que eu confirme as suas suspeitas ou se vai sair correndo e escapar deste prédio antes que eles entrem aqui. Com a descoberta do meu diário, tão belamente perdido ou escondido, você determinou a minha morte, uma vez que nenhum Misfit permitirá que essas informações deixem esta sala.

## 6 Nota para mim mesmo

“Meu secretário não aguentou a pressão e saiu em disparada contra a guarda suíça. Preciso de outro.” Será esta a nota que mandarei ao cardeal Ernesto Assami, que me entenderá.

A nota para mim mesmo, em nossa escrita pessoal: “com a sorte que Deus sempre ofereceu aos Casanova, escapei com meus papéis intactos. Sentirei falta do meu secretário, que tão valente se sacrificou”.

A ser ditado para minha secretária pessoal: “Cara senhorita Deutsche-Marx, acaba de me ocorrer que a cura final para a moléstia do vampirismo pode ser bem mais simples do que imaginávamos. Visto que a reconversão à fé produz poucos resultados, penso em avisar meu amigo Al Rashid da situação e sugerir delicadamente o bombardeio dos bancos de sangue dos hospitais ocupados. A reação inicial será terrível, mas em uma semana ou mais a praga desaparecerá dos territórios. Peço que me ponha em contato com nosso prestimoso amigo. Sem mais, do seu também amigo Seingalt.”

# As Noivas Brancas **Rober Pinheiro**

Acordo. Pra qualquer um que acaba de abrir os olhos e vê diante de si uma manhã úmida e sem graça, depois de vencer o pesadelo de uma noite mal dormida, essa é a coisa mais besta que se poderia constatar. Mas, pra mim, não deixa de ser a mais pura verdade.

Giro a cabeça em pequenos movimentos oscilatórios (tenho medo de girar depressa demais e ela sair voando de cima do pescoço), tentando espantar o torpor que vai do cérebro à ponta do meu dedinho. As pálpebras pesam uma tonelada e, pelo tempo que demoram a se abrirem, metade que seja, parece até que se esqueceram para que foram feitas. Enquanto uma luz mortiça invade o espaço vazio das retinas, eu lentamente deixo a ilusão da última hora para trás, linda, cada linha e traço e cor me chamando de volta. Mas, as constantes agulhadas em alguma parte da minha cabeça insistem em me lembrar de que eu não devia ter exagerado tanto na diversão da lua passada. Uma coisa, pelo menos, era certa: a propaganda não mentia!

Me sento. A cama continua rodando, como se o fato de pôr os pés no chão não tivesse adiantado de nada. A floresta está sossegada. Nem um ruído, ou um lamento, quiçá uma brisa... Os passarinhos também não acordaram, mesmo estando o sol já na sua oitava hora de labuta (Wi-ynn bem que merece uns bons sapatos por esse descuido na programação). Levanto os olhos devagar, bem devagar, mas um feixe de luz errante me acerta em cheio, me forçando a segurar a cabeça com ambas as mãos, pra não explodir. Fecho-os de novo e volto pro que resta da ilusão. A luz, aqui, é suave, não me fere.

Deslizo a mão sobre a lona surrada e coberta por uma mistura nada atraente de suor, lascívia e trabalho sujo das horas passadas e tateio às cegas até encontrar minha *amante*. Os dedos tocam no visor e uma sensação de estúpida euforia misturada a certa dose de alívio me invade. Trago-a para junto de mim, e tomo mais uma pequena dose de mentira.

Os refugiados humanos das colônias de Europa chamam-na de Clara, “uma justa homenagem a uma santa da antiga religião”, dizia a *holomensagem*, em saltitantes letrinhas multicoloridas.

Besteira!

Pra mim, ela é só outra maneira de ferrar bonito com tua vida. Só mais um brinquedinho surgido da infinita capacidade humana para a destruição. Feito sob medida pra idiotas sem futuro, como eu.

Giro a trava do visor com a mesma ansiedade de um moleque humano de cinco anos que ganhou de presente o primeiro planador de corrida, ao mesmo tempo em

que minhas pálpebras se abrem e uma rajada de imagens e sons e cheiros e gostos invade meu cérebro, transformando-o em geleia. Esse é o grande barato da Clara: ela vai direto pros teus miolos, rapidinho; cria sensações que te deixam doido por um bom par de horas. Sem perfurações ou inalações ou essa porra toda. Êxtase via percepção, olho no olho, por assim dizer. Como uma bela visão de pôr do sol. E tão viciante quanto.

Fico um minuto deitado dando um tempo pro meu cérebro restabelecer as conexões mínimas. O efeito, enfim, passa; com a última imagem ainda viva nas retinas, tento levantar e (merda!) quase caio. Agarro no beiral da dormideira e seguro com força, teimando em ficar, pelo menos, na vertical (nessas horas é que amaldiçoo os deuses por ser o que sou, um maldito dum pé-torto inútil). Abro as pernas em concha e firmo os pés o melhor que posso, tentando ficar numa posição decente; o resultado não é lá muito encorajador. Giro para o lado e o que vejo me joga de volta à realidade; centenas de pontinhos cintilando através da folhagem espessa da mata.

Espaço.

Então, lembro onde estou. Longe de casa, bem longe. Há quanto tempo mesmo? Quanto tempo perambulando sem destino, desde que os humanos com seus egos inflados e seu estúpido senso de poder e sua inerente e descabida idiotice destruíram tudo e, não contentes, entregaram o mundo de bandeja a um bando de criaturas esquisitas que sequer respiravam ar? Quanto tempo longe do toque macio da terra, do canto doce das águas, tendo que viver de vícios e ilusões, enganando meus sentidos com uma porcaria que só me afunda cada vez mais?

Quanto...

E, então, eu a vejo.

Largada sobre a dormideira, como se nada mais existisse. As tetas caídas para os lados, quatro grandes sacos flácidos que me fizeram feliz por alguns poucos minutos. *Kyalarianas*. Ou eu tava muito chapado ou a tal promessa de “orgasmo cósmico” era uma puta mentira!

Mas, apesar de tudo, da intermitência dos gestos, do cheiro contínuo de folha podre que saía dali do meio das... hum, pernas, da inexperiência dos atos e tudo o mais, ela até que foi bem. Pelo menos, bem melhor que aqueles dois tipos esquisitos de Bayala ou aquela sereia gostosa da lua de Haws.

Me arrasto, ainda meio sem jeito, até um galho seco e toco um dos nós da casca fibrosa. Instantaneamente, a floresta desaparece e a ferrugem conhecida da velha *Rameira* volta a ocupar seu lugar merecido. Por mais que eu necessite *sentir* a floresta, mesmo que seja através de uma *holomontagem* do Wi-ynn ou com uma ajudinha da Clara, só me acalmo mesmo quando vejo minha velha amiga. Seu nome não é por acaso; a nave yardaniana é antiga e acabada como uma puta velha (sempre gostei da propensão humana para o bom uso da língua), mas sempre está aqui

quando eu preciso e abre os braços e as pernas e me acolhe e protege como um filho.

Outro toque no painel e a moça desaparece em meio a um chiado renitente de feixes de luz rosa-prateados. Ela vai acordar em poucos minutos em algum lugar do planetoide abaixo, e vai me odiar por isso. Fazer o quê?, sou um solteiro convicto. Ou, quem sabe, a tal solidão de que tanto ouvia falar em meus tempos de protetor finalmente tenha me alcançado e, mais do que companheira, tenha se tornado uma espécie de casca impenetrável que me mantém a salvo destas baboseiras sentimentais.

Um tec-tec amarelo-piscante chama minha atenção, trazendo à tona a mesma pergunta de sempre: quanto tempo eu apaguei? Balbucio uma ordem com a voz pastosa de um sapo com caxumba e o visor se acende com um estalido. A cara feia de Sshórn aparece do outro lado.

– Acordou, *ssÿa ’ystha*?

Respondo com um resmungo incompreensível e um gesto obsceno e pergunto em que pé estamos.

– A *isssspera* acabou. *Interceptamosss* o *sssinal* do alvo.

Finalmente. Depois de tanta inércia, um pouco de ação até que ia cair bem. O alvo, no caso, era uma antiga instalação mercante que abrigava uma “carga preciosa” que ia ser enviada aos Monges da Névoa de Kyalor, o planeta que orbitávamos há três dias. Esta era toda a informação que tínhamos. Fora isso, a quantia paga pelo contratante serviu como um ótimo “não faça mais perguntas”.

– Avise Jallór e prep...

– Todo *issstá* pronto, oh *Capitão*. Falta *presssensssa sssua, ssse possível*.

Ah, o velho humor dos *Ssyss*.

Peço um minuto, borro a cara do Sshórn com um gesto e estabeleço contato com a *Rameira*, que imediatamente lê meu chamado mental e aparece ao meu lado travestida de guerreira vinda de um passado que já foi meu, trazendo na mão uma dose cavalgar de estabilizante pra me botar de novo nos eixos. O corpo da cor do ferro e despudoradamente seminu, cujas curvas sinuosas soam como uma reminiscência dolorosa dos tempos em que o sexo estava mais para o prazer da caça que para a necessidade do corpo, quase me faz esquecer a dor de voltar à realidade.

– Já te disse pra não aparecer assim pra mim.

Dou uma ajeitada na cara amassada, enquanto a imagem se transforma em algo que não consigo definir se é uma freira, um deluwiano ou um pinguim, visto meu velho casaco genuinamente terrestre, uma raridade hoje em dia, e corro a mão sobre um dos bolsos, buscando o velho talismã nativo (fazer o quê?, sou uma vítima das velhas superstições).

Saio da cabine abafada e caminho, ainda meio trôpego, para a ponte de comando.

Tudo calmo.

Os quatro braços compridos de Sshórn giram incessantemente para lá e para cá, ajustando o curso, direcionando as luas escudeiras pra frente da nave, equilibrando os canhões de retardo... enquanto a irrequieta cauda escamada impede que qualquer um possa andar tranquilamente pelo lugar. Jallór está ao lado, lustrando uma Lança de Llór novinha em folha, conseguida a custo da vida de um ladrão de terceira que se meteu a valente com ele. De Nir'a e Wi-ynn, nem sinal.

– Então? – Ponho a voz o mais firme possível, mas o que sai é uma versão tosca da voz do sapo querendo ser ganso, e com fome.

– Todo pronto, *ssshefe*. – A cauda do *Ssyss* se enrosca por entre minhas pernas e toca de leve meu sexo, enquanto a língua cruza sua cara feia com uma velocidade perniciosamente alarmante (e ele ainda quer me convencer de que isso é só um cumprimento).

– Canhões carregados a 320 e escudos antidetecção a postos.

Jallór levanta a cabeça apenas tempo suficiente pra cuspir as palavras. Contudo, me deixa bem mais tranquilo. Tínhamos a vantagem da surpresa e a aproveitaríamos ao máximo. Três dias de espera compensaram. Nos dois primeiros dias, os sinais enviados eram confusos e sem nexos, como uma isca para pegar amadores. Mas, no final, pescamos o peixe grande. E bem a tempo porque, mais uma noite aqui e eu ia precisar de, pelo menos, uma semana inteira de estadia nas câmaras de reeducação sexual de Madame Ahmorin.

A janela central se acende em coloridas faixas verticais e uma rota aparece traçada em saltitantes pontinhos amarelados. A origem do sinal está a um bocado de distância de onde estamos. A viagem vai ser boa.

Nir'a surge, do nada, atrás de mim (odeio quando ela faz isso) ao mesmo tempo em que Sshórn emite um silvo e a velha *Rameira* responde com um chiado de ferro torcido.

– Contato *essstabelesssido* – sibila ele, enquanto sinto os resquícios da mente artificial deixar meus pensamentos de vez.

De todos os tripulantes Sshórn, além de mim, é o único que tem acesso permitido aos controles mentais da nave. E o único a quem *ela* dá passe livre. Em pouco tempo, a facilidade de interação e assimilação das interfaces de comando fez dele o melhor piloto que conheço, muito melhor do que eu, inclusive.

Sshórn me lança um olhar de esguelha. Aceno de volta.

Um pensamento depois e cruzamos meio universo. As ferragens gemem como se estivessem sendo estranguladas, mas a *Rameira* aguenta firme o tranco do deslocamento.

Saímos na superfície de um planeta nebuloso bem a tempo de ver um de seus imensos sóis se espreguiçar deleitoso por entre as longínquas e esparzidas terras do



sul.

– *Preparem-ssse*. – A voz de Sshórn se prolonga, mecânica e algo dissonante, através do nosso capacitor sensorial.

Em silêncio, cada um de nós se interna em seu próprio mundo de medos adquiridos e coragem comprada a dobrões. Nir’a, com as quatro sobrelanceiras retesadas, como se sua constante irritação se acentuasse nesses momentos; Wi-ynn, de olhos fechados, mexendo em sua parafernália tecnológica e mascando uma goma invisível que ele jura ter comprado de um mago mercador em Dôllary; Jallór, acariciando a Lança de Llór como se esta fosse a mais gostosa das suas (poucas) amantes e eu... bem, a única coisa que consigo pensar agora é em como me manter lúcido e com a cabeça sobre o pescoço.

Um novo tranco e cruzamos a atmosfera até o centro de um continente ressequido pelo calor abrasivo dos dois sóis gigantes, um lugar coberto de sombras vivas e parcamente adornado com três ou quatro árvores murchas e retorcidas.

Nem bem chegamos e uma chuva vermelha toma conta dos céus, rastreando como um mastim adestrado nossa rota de voo. Sshórn emite uma ordem e, enquanto os canhões de retardo tentam conter parte da primeira ofensiva, os outros canhões da nave giram sobre a órbita e acertam em cheio a imensa construção centenas de quilômetros abaixo, destruindo instalações, torres, armarias e – por pura sorte – os escudos principais. Porém, o contra-ataque é rápido, mais do que eu esperava. As luas escudeiras, os bloqueios móveis criados por Wi-ynn que orbitam a nave, seguram os primeiros impactos que conseguem atravessar as defesas de retardo, mas uma chuva de *metaraios* destrói tudo em menos de meio minuto. Resta o escudo principal.

É agora ou nunca.

– *Fasssam* direito – ordena Sshórn, em tom de brincadeira. – Vão.

O comando mental do *Ssys* me atinge como um soco frio no estômago, um formigamento repentino que vai se alastrando pelo corpo e virando tudo do avesso, e quando olho novamente, metade dos meus pés já desapareceram no nada.

– Cacete. Detesto essa parte!

Espero um segundo antes de abrir os olhos. Quando sinto que todas as minhas partes estão novamente no lugar, tomo coragem e me vejo no solo, olhando para um céu purpúreo onde minha *Rameira* dança perigosamente entre centenas de flechas avermelhadas.

Nir’a assovia e nos põe imediatamente em marcha. Minhas estranhas se reviram como um animal acuado, tentando volta pro lugar, mas não sei precisar se pelo deslocamento, pelo ar rarefeito do planeta ou se pela ausência prolongada da Clara. Tento manter o ritmo, enquanto uma crescente sensação de vazio me faz recordar dos três últimos dias de inércia, múltiplas ilusões e boa libertinagem. Wi-ynn nota meu

esforço e me lança um olhar de reprovação.

– Estou bem, porra! – digo, grosso o suficiente pra evitar qualquer discussão.

Corremos rente à base de um desfiladeiro e nos embrenhamos no meio de uma centena de árvores metalizadas, cuja seiva corrosiva cria pequenos rios de morte no chão, até alcançarmos as paredes enegrecidas da construção. Dali, seguimos à sombra de um paredão semicircular que parece proteger todo o complexo. Da caminhada cautelosa, passamos à corrida.

Acelero o ritmo e no terceiro passo meu coração dá um tranco no peito que quase me joga por terra. Apoio com força as mãos na parede quente, sentindo o calor pegajoso da pedra se infiltrar na proteção do traje. Nir’a e Wi-ynn, mais à frente, esperam a que eu decida acompanhá-los. Jallór, mais atrás, estanca e espera que eu siga. Porra, mas que péssima hora pra ter uma crise de abstinência.

Aceno para Jallór e ordeno que passe a frente, me deixando na retaguarda. Continuamos correndo até alcançarmos um longo corredor que aparentemente leva para o interior da construção, mas um tremor repentino sacode meu corpo, dizendo em poucas notas que não dá mais pra seguir. Sem perceber, puxo um aparelhinho do bolso e o seguro nas mãos com a frágil desesperança de um amante rejeitado diante do último não. Ah, Clara! Jallór passa por mim e se embrenha na escuridão junto aos outros dois. Encosto na parede em frente à bocarra escura, esquecendo por um segundo o calor sufocante, e puxo o visor até os olhos. Uma dose, apenas uma dosezinha e tudo vai voltar a ficar às mil maravilhas.

Ah, a quem eu tô querendo enganar?

Um segundo depois e tudo muda. A parede enegrecida assume contornos de azul turquesa e amarronzado. Grandes blocos decorados com intrincados floreios avermelhados que expõem vapores agridoces que se transformam em borboletas multicoloridas que voam ao encontro de uma centena de cabeças que dançam sobre a muralha. O corredor alongado ganha contornos graciosos, tijolinhos amarelos adornam as paredes e grandes sorrisos de dentes verdes surgem por entre as árvores que até há pouco sequer estavam lá, árvores cujas raízes formam uma colcha labiríntica sobre o chão. Aos poucos, o mundo volta a ter a aprazível lucidez da imprecisão. E, diante de tão fingida sensação, conseguida a custo da minha humilhante capitulação, me ergo e corro para me juntar aos outros.

Tomo a dianteira sem olhar diretamente pra ninguém (sinto calafrios apenas em pensar que a ilusão pode me fazer desejar Nir’a novamente), ouvindo ao longe o som de rojões de festa que eu sabia, lá no fundo, serem os canhões principais dessa joça de lugar tentando derrubar minha nave, e me enfurno num túnel de papel amassado cheirando a ninfa virgem, onde pequenos lagartos brilhantes me olham e acenam com inocência fingida. Me concentro o máximo que a ilusão permite e chamo Wi-ynn.

– Onde estamos? – Mas a voz sai mais pastosa que a gororoba do Sshórn.

Nir’a me olha estranhada, enquanto dá cabo dos sensores de alerta, e Wi-ynn, manuseando para lá e para cá as dezenas de minúsculas janelas de um *holodisco*, cujas interfaces controlam suas invenções malucas, meneia a cabeça:

– Ali.

Saímos para um terceiro corredor, menor e atapetado com largas escamas alaranjadas, e desandamos a correr seguindo o pontinho luminoso do localizador de Wi-ynn (um vagalumezinho com a feição burlona de uma fadinha encantada que insiste em se desprender da tela do aparelho para vir me acariciar os pelos da cara e me fazer perder ainda mais o equilíbrio). Não demora muito e um ruído ensurdecedor, como o palavrório sem nexos dos dragões de fogo das luas de Andara, atravessa uma imensa porta metálica e me diz que estamos no caminho certo.

– Acho que encontramos.

Um disparo da lança de Jallór e cruzamos a porta até um galpão adornado com o que meus olhos veem como caixas gigantes de presentes (e que provavelmente deve ser o setor de carga). Mais um passo e paramos, boquiabertos.

Entre as grandes caixas, uma gaiola ocupa quase todo o espaço em frente e, dentro dela, sete *moças* em trajes que deixariam até o pervertido do Sshórn envergonhado jazem amordaçadas.

– Noivas Brancas! – A voz de Nir’a sai num esgar.

Então, era esta a “carga preciosa?”. Já ouvi falar delas nas tavernas de Amyr Dash. Um punhado de fêmeas, geralmente intocadas, prontas para serem imoladas em honra a um primitivo deus do caos e depois devoradas em um banquete pelos Monges da Névoa. Outra vez a velha história de carne e sangue. Não que eu tenha nada contra *devorar* uma boa moça, mas ter as entranhas dela em minhas mãos, bem, aí já é outra coisa.

– Pensei que elas fossem escolhidas apenas entre as tribos locais de Kyalor – me diz Nir’a.

– Hum, pelo visto o negócio anda prosperando.

Wi-ynn ativa outro de seus brinquedos e a gaiola desaparece. Jallór, sempre cavalheiro, dá cabo das amarras de força e as *moças* são espertas o suficiente para nos seguir. Mas não vamos longe; mal botamos o focinho pra fora e um grupo de dez ciclopes com cara de poucos amigos bloqueia nosso caminho. Pelo barulho que fazem ao andar dá pra notar, mesmo através da ilusão, que não estamos lidando com droides de segunda. Nir’a e Jallór atacam e metade deles vai pro chão em menos de um segundo. Wi-ynn deixa a encomenda aos meus cuidados, ativa uma série de módulos replicantes e parte pra cima de mais uns três ciclopes/droides.

Recuo para longe da luta e jogo as *moças* para trás, puxando a última delas pelo belo par de asas que se desprende de seus braços nus e tentado, assim, manter

intacto o nosso ganha-pão. Mas, ao ver Nir'a passar voando sobre minha cabeça, abandono o plano inicial e entro na refrega; péssima ideia. Clara ainda está muito viva nas minhas retinas, embaralhando meus sentidos, e ao tentar destravar a arma, a única coisa que consigo fazer é ativar seu mecanismo de deslocamento, mandando-a para bem longe de mim. Um dos ciclopes me encurrala contra uma rede de tração e me presenteia com uma rajada que, por pouco, não me arranca a cabeça. Deslizo por entre suas pernas e abro dois buracos nele com meu velho arco voltaico que sempre trago escondido na manga (nessas horas é que agradeço aos deuses por ser o que sou, um maldito dum pé-torto).

O teto da construção explode sobre nossas cabeças e uma das *moças* é arremessada pra fora, voando direto pro desfiladeiro (tenho a bonita visão de um par de hélices, como faixas de panos transparentes, brotando de suas extremidades; no entanto, elas não a impedem de se esborrachar quase um quilometro abaixo). Lá se vai parte da recompensa.

Sshórn grita no comunicador que o canhão principal está travado bem na sua fuça e que temos menos de um minuto pra retornar ao local de transporte antes que ele mande tudo pelos ares. Por sorte, o rombo feito na parede nos dá uma ótima rota de fuga.

Recuo às pressas, tropeçando nos próprios pés, e empurro as *moças* através da densa nuvem cor de caramelo e fuligem formada pela explosão. Enquanto Wi-ynn prepara nossa fuga, Nir'a e Jallór dão cabo dos últimos droides.

Ali, sob a inebriante chuva de luzes e explosões, sinto renascer em mim uma saudade de antes. E, em meio à loucura, me vejo como um tupã renegado brandindo entre as mãos um raio de fogo indomado. Ao meu lado, Jallór toma emprestadas as feições de um índio selvagem, cuja lança tem o poder de dez sóis do meio-dia e Nir'a, ferida mais em seu orgulho que em seu corpo, torna-se, pela visão, uma daquelas guerreiras desejadas por todos e conquistadas por quase ninguém.

– Vocês vão esperar o próximo sol surgir ou o quê?

Wi-ynn improvisa um transporte usando restos de sucata e partes de um dos droides semidestruídos e deixamos o lugar para trás segundos antes de uma onda de impacto destruir tudo.

Sshórn, sempre pontual!

Chegamos ao local marcado e esperamos a que a *Rameira* nos chame de volta. Corro a vista em redor e os contornos tristes das árvores metálicas atravessam minha retina como sombras secas. O efeito da Clara finalmente começa a ceder.

Pousamos em Kyalor a tempo de ver os últimos raios do sol vermelho deixarem os espaços do céu, conferindo ao mundo uma tonalidade triste. As *moças* me agradecem em meio a gritos histéricos e risadas entrecortadas, como se eu fosse um herói audaz que tivesse acabado de tirá-las das garras de algum destino trágico; me

agradecem, mas não deveriam. Afinal, ser uma entre mil esposas de um rei sádico não é lá destino melhor do que morrer na pira de algum monge doido. Pelo menos, é o que acho.

Mas, isso já não é da minha conta.

# Bonifrate **Douglas MCT**

Os ponteiros indicavam três e meia da madrugada quando ele chegou à rua central.

Guardou seu relógio de volta ao bolso do casaco e seguiu o exato caminho que fazia todas as noites. A mesma busca, mas sem um Norte.

Como alguém poderia procurar por respostas se não sabia as perguntas?

Para trás, o Caranguejo Vermelho, albergue onde se descobriu há um mês. À frente, um mundo que não conhecia. Em cada madrugada, algo novo a encontrar. A cada passo, uma novidade. Toda vez que abria os olhos, um aprendizado.

O homem não gostava do ruído que o zepelim emitia. Passava lento no céu, entre as brumas de treva, como um ladrão à espreita. Chamavam-no de Vigilante Noturno – era o maior e mais imponente entre os demais.

Perdido no escuro e com a Lua encoberta de névoa, ele parou pela rua de pedra e respirou. Ponderou e teve vontade de chorar, mas não chorou. Não sabia como fazê-lo.

– Você novamente...

Voz familiar, sem direção. Era como se o breu conversasse com ele. Levantou uma sobrancelha pela surpresa e tateou no ar, curioso. Nada. Repetiu o ato e nada. Novamente, mas sem resultado. Achou-se um idiota por isso, ou algo assim.

Sentiu um calor gradual crescer próximo à orelha, depois um som de engrenagens funcionando, então alguma coisa faiscou e uma luz se acendeu. Havia um receptáculo de cobre pendurado em um pequeno poste, e em seu interior um objeto oval transparente em chamas, de um curioso dourado, com vapor saindo por minúsculas frestas, tornando a luminosidade fosca. Um fio pendia dele e estava fortemente puxado para baixo por uma mão enrugada. O velho se revelou e sorriu sem dente algum. Fedia a mijo, mas parecia simpático.

– Eles apagam todas as lamparedas após as dez – disse o estranho, rouco.

– Por quê?

– Porque este é o horário de recolher. Ninguém sai depois disso, mesmo. – coçou o nariz em forma de batata, mas não tinha a unha do indicador. – Você não é daqui, certo?

– Eu não sei.

– Como se chama?

– Carlo. Mas só porque eu quis.

– Entendo... – mas não entendeu, mentiu. – Já te vi antes. Ou era muito semelhante a você.

– Passo por aqui todas as madrugadas. Acho... – Carlo falou, indiferente.

– O que está procurando? Por que esse horário?  
– Não sei. Mas vou achar – suspirou. A angústia subiu forte no peito e novamente teve vontade de chorar. Conteve-se, então, porque naquele instante sabia como expressar esse novo sentimento. – Eu *preciso*.  
– Mas seja cuidadoso. Eles podem não gostar – alertou, depois bocejou.  
Carlo sentiu o odor de bebida. Não reconheceu, mas tinha álcool.  
– Quem são *Eles*?  
– Os Raposas – o velho engasgou ao dizer. – Nossa Força Militar, sabe? Que controla o dia a dia do povo daqui, as finanças, os horários... Sei lá. Alguns dizem que a Igreja também manipula as coisas. Mas eu tenho medo, não quero nem saber...  
– Estou num albergue a alguns quilômetros daqui. Não sou diferente do senhor. Não sei de onde vim, nem para onde vou. Creio não correr grandes riscos...  
– Um desmemoriado – sentiu pena. Cruzou os braços na nuca e deitou-se sobre a calçada. – Entendo...

O velho percebeu que o outro o fitava, curioso. Eles ficaram se olhando por um tempo, sem nada dizer. O calor do receptáculo de luz esquentava sutilmente aquela noite fria e estranha.

– Por que está neste lugar? – Carlo perguntou, finalmente. – Qual seu propósito?

– Estou aqui para acender a lampareda.

Assentiram. O homem continuou seu caminho e o velho, enfim, pôde dormir.

A Corrida chegou ao fim!

Na competição para a estreia da ferrovia Liverpool-Manchester, a “Rocket” de Mr. Stephenson teve um desempenho impressionante e consagrou-se como a máquina mais potente já criada.

O evento foi memorável e contou com a presença de Arthur Wellesley, o Duque de Wellington.

– *The Vintage Times*, 30 de outubro de 1829.

Carlo encontrou o recorte de jornal próximo a um casebre no cais. Estava abandonado e exalava a ferrugem ou algo assim. Guardou-o no bolso da calça surrada e entrou. Sentiu-se ainda mais solitário do que já era.

Perto d’ água, tudo era mais claro por causa de uma luminosidade incomum vinda de um local desconhecido. Ele não se importou com este fator – por mais que lhe incomodasse inicialmente, em sua sede por respostas – e sentou-se sobre uma cama velha e enferrujada, que rangia toda vez que ele ofegava. Cobriu o rosto com as mãos e chorou.

Só tinha certeza de uma coisa: não sabia quem era, nem de onde vinha.

Depois, não soube e não compreendeu, mas sonhou com uma garota de cabelos azuis. Só mais uma estranheza no meio daquele emaranhado de bizarria.

O mesmo horário na madrugada seguinte e foi para a estação ferroviária como se soubesse o caminho. Um silêncio perturbador.

Passou horas fitando a linha do trem, como se aquele caminho pudesse levá-lo para alguma direção, onde talvez suas dúvidas terminassem.

De fato, um homem deslocado daquele mundo, daquele lugar. Queria se encontrar, ser alguém e relacionar-se. Mas o desconforto era maior, como se uma peça-chave estivesse faltando. Seu coração batia forte e, às vezes, fazia um barulho.

Carlo apoiou-se num murado e abriu a caixinha de metal que havia encontrado na noite anterior. Vasculhou as quinquilharias de forma tensa, retirando um guardanapo, um colar, um pedaço de papel e um olho de vidro, além de vários outros recortes de jornal. O objeto vazio em mãos e o seu conteúdo sobre o assento, ele olhava tudo aquilo e procurava entender, depois começou a ouvir.

Primeiro escutou a noite, o som do Nada e do Vazio, que muito lhe agradavam. O barulho da névoa, da Lua e das estrelas. Sem o zepelim para atrapalhar ou o ruído da cidade roçando em seu tímpano artificial. Voltou-se para a caixinha, depois levou os olhos para o firmamento e suspirou. Silêncio, depois não mais.

Identificou lamúrias vindas de um vagão isolado num trilho deslocado em um canto escuro da estação. Nem mesmo as corujas ou os insetos se aproximavam daquele lugar sombrio. Carlo, curioso por essência, foi até lá e entrou. Sentiu um frio subindo pela espinha, ou algo assim.

A garota de seus sonhos, de fato. Cabelos azuis, olhos vazios, tez pálida, mãos delicadas na face simétrica, corpo pequeno e delineado. Nua, apenas com uma coberta fina sobre as costas. Chorava.

– O que houve? – perguntou, com metade de si dentro da cabine do vagão.

– Não é nada – respondeu, em soluços descontrolados. – Vá embora daqui!

– Não vou lhe fazer mal. E eu também não posso ir embora.

– Por quê?

– Porque eu preciso de respostas, a agonia é forte – suspirou, cabisbaixo. – E eu te amo, não?

Ela o fitou de uma forma que o homem jamais esqueceria. Havia ternura e piedade em seu olhar. Tristeza e esperança. E um tipo de aura esbranquiçada ao redor de sua beleza simples. Era estranho, mas reconfortante para ele, que não entendeu de imediato.

A moça respirou de forma profunda, meio dramática, e levantou-se do chão, enxugando as lágrimas, tentando conter-se.

– Sim. Você foi programado para isso.

– O que eu sou?

– Não é cria de Deus – arrumou as lindas madeixas de seus fios azuis, que caíam sobre o ombro. – Mas do homem.



- Não sou como você, então? – andou e se aproximou mais dela.
- Ninguém é como eu.
- Meu nome é Carlo – estendeu a mão para cumprimentá-la, mas ela não fez o mesmo, então voltou a mão para o bolso da calça, com algo que lembrava um constrangimento. – Estou no Caranguejo Vermelho há um mês. Antes disso, não me lembro de nada.
- É porque você era *nada*, antes. Simples assim.
- Não entendo. Vejo algumas pessoas na madrugada, elas são iguais a mim.
- Não são, mas parecem – respondeu a moça, já controlada de seu choro, com a face quase seca. – Você é um modelo único. Mas sim, há outros como você.
- Eu nunca vi.
- E nem deveria, mas algo aconteceu, eu não sei o quê, e você está aqui, solto pelas ruas.
- Vai me ajudar? – mais uma vez o homem tinha vontade de chorar.
- Não é este meu propósito. Também tenho minhas funções.
- Eu te amo?
- Sim. – ela abraçou-lhe, deixando a coberta cair do corpo e beijou-lhe os lábios.
- Eu não, mas gostaria.

Carlo sentiu um calor que surgiu entre suas pernas e descobriu a excitação. Beijava-a como se soubesse e ela gostava. Passeava suas mãos pelo corpo da bela moça. Ela era bem jovem e ele muito mais velho. Era um novo sentimento e era bom. As engrenagens em seu coração faziam o familiar ruído frenético de pulsar e o batimento movido a vapor deixava-o ofegante, quase descontrolado.

Seus dedos encontraram os cachos azuis dela e ele a deitou no piso do vagão de forma sutil, despindo-se. Fizeram amor ou algo assim. Ele gostou, mas quando olhou para sua amada, ela evaporava gradualmente, desaparecendo no ar. Carlo não entendeu, mas bastava.

### Luto no Parlamento!

William Huskisson morreu na tarde de ontem ao ser atingido pela “Rocket” de Mr. Stephenson, na disputa do “caminho-de-ferro”.

Seu funeral ocorreu às quatro da tarde de hoje e contou com a presença de todo o Parlamento de Liverpool, além do Duque de Wellington, o Conde de Schässburg e sua esposa, que estavam na cidade a negócios.

– *The Vintage Times*, 31 de outubro de 1829.

Três e meia da madrugada.

Carlo gostaria de poder acordar em horários diferentes e em outros lugares que não somente o albergue. Mas sempre o mesmo e nem sabia como havia voltado.

A caixinha de metal ao seu lado, entreaberta, com a mesma quinquilharia de

antes colocada lá dentro, à espera de sua curiosidade.

Um moleque pequeno e torto, com um arco sobre a cabeça de onde despontavam duas orelhas de asno, aproximou-se e se abaixou ao seu lado, de olhos arregalados, nariz escorrendo, desajeitado.

– Uma cápsula do tempo – falou, animado.

– Nada aqui faz muito sentido – respondeu o homem, com a caixa em mãos.

– Ah – o menino começou a pular, debilmente. – Faz sim! Isso com certeza foi feito há muiiiitos anos!

– Mas estes recortes de jornal – pegou um para mostrar ao garoto. – São atuais, não?

– Sim! Sim! – pegou o guardanapo de dentro e assoou o nariz, depois o jogou longe. – Quem fez essa cápsula estava querendo avisar alguém nos dias de hoje. Estão acontecendo coisas – seus olhos vibravam. – Nossa, que legal!

– Estava querendo avisar quem encontrasse esta caixa e quem a encontrou fui eu. – Carlo ponderou. – Então sou eu que devo tomar alguma atitude.

Ele pegou outro recorte e leu sobre a morte de um parlamentar e pensou se aquilo já tinha acontecido ou se iria acontecer. Não sabia que dia era, muito menos o mês e o ano. Estava completamente deslocado, mesmo com as indicações do recorte.

– Por que está acordado a esta hora, menino?

– É que estou com fome e vim perguntar se você tinha algum pedaço de pão. Meu irmãozinho morreu no colo da mamãe ontem à tarde, de tanta fome. O pessoal aqui do Caranguejo está todo doente, é a Peste... – colocou a língua para fora, cômico. – Você tem pão aí?

– Não – respondeu, indiferente. – Nem mesmo fome eu sinto. Até hoje, desde que me descobri, ainda não comi. Como é isso?

– Ah... Esquece – desapontado, o moleque levantou-se, mas antes de partir, disse: – Procure pelo dono deste olho de vidro da cápsula.

– Por quê?

– Porque ele tem as respostas que você precisa. Ele sempre teve.

O menino afundou na escuridão do outro lado do albergue e Carlo achou ter ouvido algo: *“os outros me davam de comer”*.

Na escuridão, o homem caminhava novamente. Outro caminho, outro destino. Sem propósito definido, sem saber o que descobrir, o que aprender. Encontrou a Marcenaria do ‘Sr. G.’. Era a única da cidade, muito requisitada.

Carlo não hesitou e arrombou a porta. Deparou-se com as lamparedas acesas e não muito longe o som de uma chaleira, adocicando o ar com um aroma de chá preto. Várias marionetes penduradas nas paredes, feitas de madeira e metal. Algumas delas, pequenas como eram, andavam sobre uma mesa, o vapor num

mecanismo estranho fazia-as mover de forma estranha, porém precisa. Despertou-lhe o interesse, sentiu-se em casa, era tudo mais familiar.

Um rangido no chão podre e enegrecido e o velho marceneiro surgiu no corredor. Tinha um olhar terno e cansado, sorriso tranquilo e chacoalhava uma xícara na mão, de onde subia uma fina fumaça que ofuscava uma das lentes de seus óculos de bronze. Ele estava sentado numa cadeira e movia-se ao girar as rodas presas a ela, com uma manta cobrindo suas pernas.

– Olá, Carlo – sua voz transmitia fadiga e fraqueza, mas também persistência.

– Quem?

– Me chame de Dollcio – seu sorriso ficou mais largo. – Eu sou seu pai.

O homem sentou-se e chorou. A sensação era boa, podia expressar o que sentia. Não entendia o que estava acontecendo consigo, mas gostaria muito.

– Você demorou a me encontrar – continuou o velho. – Mas no final deu certo. E eu estou aqui, para recepcioná-lo e lhe contar a verdade.

– Este é seu propósito? Sua função?

– Não tenho propósito algum, a não ser pagar minhas despesas diárias. E de qualquer forma, estou falido.

Carlo respirou e acalmou-se, era necessário.

– Quem eu sou?

– Um construto – respondeu de imediato, como se já esperasse pela pergunta. Bebericou do seu chá, degustou-o com prazer e voltou-se para o filho. – O governo me contratou há anos para criar modelos que lembrassem seres humanos em quase tudo, jeito de andar, de falar, olhar, ver e ouvir. Tive um pouco de trabalho com os cabelos, mas foi fácil de montar o exoesqueleto.

– Então não sou... humano? – ficou cabisbaixo e sentiu-se confuso pela primeira vez. Ou não.

– Nunca foi. Nem mesmo tem um mês de vida – assoprou o chá que fervia e bebericou mais um pouco, parecia lhe queimar os lábios ressecados. – Mas a intenção era transformá-lo em um, ou aproximá-lo de um humano real. Isso é uma dificuldade que enfrentamos, até desistirem de mim.

– Desistiram?

– Sim. Eles me tiraram do projeto, devido ao meu envolvimento emocional com cada “filho” que eu construía. Uma pena, mas agora está nas mãos deles.

– Os Raposas?

– Sim – finalizou o chá e depois passeou com sua língua feia pela boca, saboreando o que tinha restado. – Eles pretendiam montar uma linha de produção de construtos e possuir um Exército peculiar para enfrentar o Imperador Francês. Mas não deu certo, algo saiu errado...

– O quê?

– Não sei exatamente... – o senhor Dollcio girou as rodas e aproximou-se do filho, com um olhar mais doce. – Você escapou, mas não pode ficar aqui. Há outros lugares mais seguros onde pode ir e viver em paz. Mesmo que esta seja uma vida artificial.

– Estou correndo perigo, não é?

– Está. Você foi o primeiro a fugir e quebrou o protocolo dos Raposas. Eles vão tentar destruí-lo a qualquer custo.

– E por que ainda não o fizeram?

– Porque não te encontraram. Por algum motivo, não te encontraram. Não sei por quê... Você se lembra de como fugiu do Complexo Golem?

– Eu nem sei o que é isso e só lembro do Caranguejo Vermelho.

– Oh sim, o albergue... – cofiou o bigode, pensativo. – Há um lugar, a alguns quilômetros da cidade, chamado Campos dos Milagres. Você pode ir correndo pra lá. Te dei capacidades para isso, nem vai se cansar – levou sua mão ao ombro do homem. – Lá poderá viver tranquilamente e os Raposas nunca vão te procurar, eu garanto.

– Por que eu não posso ser visto em público?

– Já disse, faz parte do protocolo deles. Há mais uns dez mil construtos idênticos a você e todos trabalham na grande caldeira da Torre Primordial. Afinal, foi a única função que lhes sobrou. Não há mais o que fazer. – pegou nas mãos do outro e fitou-o, sério. – Preste atenção, Carlo. A população não deve saber e nem questionar os atos dos Raposas, ninguém deve obter o conhecimento de uma futura e iminente guerra e nem procurar entender dessas coisas. É perigoso, mas porque é secreto! Entende?

– Então vou para o Campo dos Milagres, se é assim que o senhor ordena.

O velho gargalhou e nem mesmo ele soube se era de alegria, satisfação ou nervosismo. Talvez de tudo isso.

– De fato o seu sistema está intacto. Você está funcionando perfeitamente, dá até pena em pensar que pode ir para o ferro velho. – de repente levou o indicador ao meio dos olhos de Carlo. – E tome conta de seu coração, ele é muito valioso!

– Por quê?

– Porque é feito de cobre e funciona como um relógio, com engrenagens específicas colocadas em lugares exatos do maquinário no seu peito. É movido a vapor, e também pode servir como combustível para o Vigilante Noturno, que precisa de novo abastecimento a cada mês.

– Humm... Entendo. – Carlo ficou sério e levantou-se. – Não somos só usados para trabalhar na caldeira. Alguns de nós também têm o coração sugado para fazer funcionar a porcaria daquele zepelim.

– Eu creio que sim – o velho suspirou, triste. – Eles são terríveis, sem

escrúpulos. Vocês, pobres construtos...

– Eu quero me tornar um humano. Sei que você pode fazer isso, porque é o melhor. Algo no meu sistema indica isso – ergueu o braço, confiante. – E se eu virar um homem de verdade, não vou mais correr riscos. Me ajude, por favor!

– Sinto muito – o senhor Dollcio negou com a cabeça. – Mas não posso. Não tenho as ferramentas adequadas e estou muito fraco. Olhe – ergueu a manta, revelando pernas mecânicas, de uma fisionomia interessante e complexa. – Quando ainda trabalhava pra eles, fui levar um de vocês para conhecer o mar e fui atacado por um tubarão. Ele era colossal e mastigou minhas pernas como se fossem algas. Não sou mais o mesmo.

Carlo assentiu, levantou a porta arrombada e a colocou encostada na parede, depois começou a sair.

– Espere! – pediu o velho, com a mão estendida, olhar de arrependimento.

– Tome – o construto retirou do bolso o olho de vidro e o jogou na direção de seu pai. – Isto te pertence.

O senhor Dollcio pegou, surpreso, uma de suas peças perdidas. Sentiu-se emocionado e quis agradecer. Mas seu filho não estava mais lá.

Enforcamento por desrespeito à Lei!

Na manhã dessa sexta, o marceneiro Giuseppe Dollcio foi enforcado em praça pública, por desrespeito à Lei.

Uma fonte indica que ele se encontrou com um foragido do Governo e lhe revelou informações importantes.

Seu corpo não será velado, mas cremado e jogado no mesmo mar onde o grande tubarão comeu suas pernas.

– *The Vintage Times*, 03 de novembro de 1829.

Ele nem mais consultou seu relógio de bolso. Já sabia o horário.

Mas tremeu quando leu a notícia no recorte de jornal.

Era dois de novembro, madrugada, e em poucas horas seu pai seria enforcado pela possível descoberta de ter conversado com um construto que pertencia aos Raposas.

Carlo correu pelas ruas de pedras numa velocidade que poderia ser considerada sobre-humana, e de fato era, afinal de humano ele nada tinha. Ou pelo menos achava que não.

Realmente aquela cápsula do tempo tinha algo de especial. Previa em seus recortes acontecimentos futuros e, provavelmente, suas intenções eram boas. Afinal, as catástrofes deveriam ser impedidas. E Carlo impediria a morte do senhor Dollcio.

Chegou à mesma rua por onde tinha passado na outra madrugada, escura como as trevas, silenciosa e sem vida. Primeiro uma lampareda se acendeu num canto,

depois mais uma do outro lado da rua e assim seguiram se acendendo, num sentido imprevisível, até que a passagem estivesse plenamente iluminada. Carlo passou pelo velho mendigo, fitou-o e sorriu pela primeira vez, descobrindo a satisfação. E agradeceu.

Tinha fôlego e jamais se cansava, deixando rastros de fuligem por onde passava. O percurso parecia infinito e ele não se lembrava da marcenaria ser tão longe assim na madrugada anterior. Estranhou.

Encontrou uma motocineta acorrentada a um poste e montou sobre ela, arrebentando o que lhe prendia com sua força descomunal. Não sabia pilotar, mas imaginou que deveria e assim aprendeu, em questão de segundos, porque tinha de ser e porque ele queria. Era um veículo simples, constituído de um motor movido a vapor, engrenagens expostas para fora do maquinário e pedais para impulsionar e aquecer a minúscula caldeira de seu interior. Sentado sobre um banquinho de couro e apoiado sobre dois guidões de metal, a motocineta ainda possuía uma grande e única roda feita de cobre, que circundava todo o corpo do piloto e girava junto de si até começar a funcionar. Com o motor aquecido e o vapor realizando sua função, o veículo se estabilizava no centro e o piloto não mais ajudava a máquina, deixando-a girar sua grande roda sozinha e começar a conduzi-lo até seu destino.

Em enorme velocidade, Carlo viu os minutos passarem mais rápidos. Chegou até uma pequena moradia, totalmente destroçada, à beira-mar e estacionou. Não era a marcenaria, mas sim a casa do cais de madrugadas anteriores, onde ele havia encontrado a cápsula do tempo. A poeira ainda estava alta e algo ali queimava. Tinha também o estrondo familiar do zepelim quando estava mais próximo do solo. O homem olhou furioso para o alto e viu o Vigilante Noturno levantando voo, após destruir o primeiro vestígio por onde o construto havia passado. Tudo começava a fazer um pouco mais de sentido, ou algo assim. Os Raposas não haviam notado sua presença ali e ele aproveitou esta distração para disparar uma bolota de chumbo contra o veículo. Havia descoberto naquele instante que possuía uma pistola de aspecto peculiar, preso a cintura abaixo da camisa. Teria Dollcio lhe presenteado na última visita?

O mais interessante: ele sabia usá-la.

A bolota ricocheteou na base inferior do zepelim, inútil. Mas eles ouviram e Carlo percebeu-se em perigo e com medo, mais um novo sentimento que não gostou de conhecer.

Um homem pardo, alto e forte, que Carlo reconheceu – mesmo nunca havendo o visto – como o Coronel dos Raposas, ordenou para que atacassem, sem dó nem piedade. O construto era fugidio, guardava segredos em sua memória instável e gradualmente estava causando problemas demais. Além do que, ainda tinha o protocolo – de qualquer forma ele deveria ser destruído, pois assim mandava a Lei.

Seu coração, porém, seria usado para alimentar aquele zepelim que sempre odiou, pensou. Não permitiria, seria humilhação demais. Disparou novamente e daquela vez acertou a testa de um dos soldados, que tingiu o balão com o sangue espesso e caiu do alto, deixando o odor de ferrugem no ar do porto abandonado, encontrando o mar hostil, onde vivia o tubarão colossal. Mais uma vez o construto sorriu e gostou. Eles mereciam.

A fúria tomou os Raposas e a ordem do Coronel foi cumprida antes mesmo dele finalizá-la, e uma gigantesca bola de aço, presa a um grande emaranhado de correntes, desceu da base principal em direção a Carlo, destruindo todo o solo de madeira. O homem conseguiu saltar no momento exato, porque assim fora programado para fazer. A arma do caos continuou sua ira e jogou-se para o lado, acertando a motocineta, postes e muros, varridos da existência – e mais uma vez ele saiu ileso, por sua destreza única. Carlo correu e soltou três disparos, dois homens caíram e um terceiro agonizava na cabine. O Coronel findou o sofrimento de seu soldado e pegou sua mosquetarda, com ornamentos em ouro e prata.

Mesmo com o zepelim voando baixo e balançando no ar, o Raposa era um exímio atirador de elite, nunca errava, fosse qual fosse a situação. Disparou uma rajada de fogo de lampareda com força total e atingiu o corpo do construto, que teve um pouco de sua roupa queimada e partes do corpo artificial derretido e enegrecido. Carlo cuspiu fumaça e sentiu o ardor das chamas queimando dentro de si, mas não estava ferido e nem devia, afinal não era humano. Mesmo assim saltou sobre o mar para apagar o fogo que o danificava e fugiu a nado – com certa dificuldade pelo próprio peso –, sem mais ser visto naquela madrugada.

Na noite seguinte, no horário esperado, Carlo encontrou o corpo do senhor Dollcio pendurado sobre um médio poste de madeira, em frente à marcenaria, que tinha sido destruída e furtada. Algumas marionetes estavam inteiras, mas a maioria não. Quebradas, pobrezinhas.

Chorou aos pés de seu pai, que tinha a cabeça e o pescoço inchados, os olhos esbugalhados e saltados, fitando-o morbidamente.

Deixou o recorte de jornal ali e partiu, pois sabia que o corpo seria cremado em algumas horas e nada mais poderia ser feito. A não ser a vingança. Sentimento bom, descobriria.

O Relojoeiro Cego!

O culto do Relojoeiro substituiu antigas religiões:

A adoração do vapor e dos antepassados, e a bárbara adoração da caldeira; ao Relojoeiro foram atribuídas todas as virtudes e todos os apropriados comportamentos construtos foram colocados na rubrica de Comportamento

Relojoeiril.

O outro grupo o acusou de construtorismo. O filósofo havia declarado que todo o espaço era ocupado por vapor; Nada era menos provado, nada era menos provável; Além dos limites das engrenagens e vapor se acabavam, e se era assim, como ficava o Relojoeiro?

Vida implicava vapor, pensamento implicava vapor. Ninguém que não vivesse no vapor poderia conceber a ideia do tempo e muito menos de um relógio.

Examinemos sua hipótese (diziam os Relojoeiristas) e veremos que ela se resume a isto: uma criatura que vive do vapor vivendo fora sem o vapor! Podem os construtos razoáveis conviver com tais absurdos?

E ainda que se conceda o impossível – (só em nome dodebate) – que a vida e o pensamento possam existir além das paredes do cobre... Por que o Relojoeiro não se manifesta? Seria fácil para ele comunicar-se com os construtos. Teria sido fácil para ele, quando fez o relógio, colocar no mostrador sinais inteligíveis – a quadragésima sétima lei, por exemplo – ou mesmo, se quisesse, algum medidor do tempo, mas ao contrário, a distâncias de igualdades toscamente aproximadas, ocorrem sinais sem sentido, resultado talvez do descuido.

Portanto, se existe um Relojoeiro, temos que imaginá-lo como um pobre coitado, frívolo e maligno, que criou o cobre, a engrenagem e o vigilante, com o único propósito de brincar com a miséria dos construtos. Tais opiniões encontraram sua mais violenta expressão nas bocas dos poetas contemporâneos: a famosa Ode ao Relojoeiro, que scandalizou a sociedade, começava mais ou menos assim:

Grandes são teus pecados  
Grandes como uma engrenagem completa.  
Relojoeiro eu te desafio.  
Tua crueldade é imensa.  
Maior do que um vigilante sobre a caldeira  
e redonda como o mostrador do relógio.  
Tu és forte e vaidoso,  
astuto para criar relógios,  
mas de nada vale tua astúcia e força!  
Basta um construto te encarar de frente,  
ficas confuso entre teus instrumentos,  
e amedrontado te escondes na oficina.

Houve a sensação geral de que o poeta havia ido longe demais. Se existia um Relojoeiro, não tinha porque supor que ele suportaria que tais expressões ficassem impunes. Temia-se que toda a engrenagem seria envolvida em sua vingança. O



poeta, após um julgamento, no qual se vangloriou de seus horríveis sentimentos, foi condenado e publicamente destruído.

Com este ato rigoroso manteve-se, por muitas gerações, o livre pensamento dentro de limites.

– *trecho do artigo de R. L. Stevenson, The Vintage Times, 28 de fevereiro de 1832*

Os ponteiros indicavam três e meia da madrugada quando ele chegou à Torre Primordial.

Guardou seu relógio de volta ao bolso do casaco e seguiu o exato caminho que jamais havia feito. A última busca, em plena consciência de sua direção. De seu propósito.

– Não faça isso ou nunca mais nos veremos! – implorou a moça de cabelos azuis, que surgira ali, ao seu lado, repentinamente. Ele não estranhou.

– Devo fazê-lo, nada me impedirá. – Carlo fitava o monumento à sua frente com coragem e curiosidade, cada vez mais próximo dos sentimentos humanos. – Minha agonia acaba aqui e agora!

Ela tocou em suas mãos, tentando pará-lo, mesmo sabendo ser inútil.

– Não vá – olhar triste, lágrimas surgindo nas bolsas.

– Você nem mesmo é real – empurrou-a, sem hesitar.

– Então você se lembrou... – ela suspirou, triste, apesar de satisfeita.

– Sim, da última madrugada até esta, minha memória se reativou de forma impressionante. Lembrei-me de tudo, o que foi, o que é e o que pode ser. E *será*. – cerrou os punhos, fechou os olhos e ponderou. – Acho que estava na minha programação.

– Você ainda me ama?

– Sempre. Isso também faz parte do que fui programado, não se preocupe. Levarei seu amor comigo até o infinito, pois ele está impregnado e programado neste meu coração artificial, um amor eterno lacrado no cobre. – olhou-a e se entristeceu, já sabia como sentir aquilo. – Tome, fique com isto para não se esquecer de mim.

Entregou-lhe o relógio de bolso, mas ela não era real e o objeto transpassou as mãos pálidas da moça até cair no vão até o fosso que se encontrava nas profundezas da Torre. Ele não precisaria mais das horas. Nunca precisou.

– Não preciso guardar nada seu para recordar de ti. Eu faço parte de você, da sua memória, do que você é. – ela revelou, feliz e apaixonada. Ou algo assim. – Por essência somos um, você me tem em seu coração e eu em sua mente. Juntos viveremos, como sempre vivemos, porque assim deve ser.

– O que você é? – Carlo perguntou. – Uma fada? Um espírito? Isso não consta em minha memória. Não está armazenado em lugar algum...

- Eu sou a Azul.
- Azul? Este é o seu nome?
- Não. Isto é o que *sou* – sorriu e era linda.
- E qual seu nome?
- Aquele que você sabe – e beijou-lhe os lábios, mais uma vez.

Ficaram ali, à beira do apocalipse, amando-se por curtos instantes. O relógio afundava nas águas sujas do fosso, em direção ao mar. A Lua Nova, num céu de uma madrugada sem estrelas, projetava a sombra intimidadora da Torre sobre a cidade. O mundo dormia. Os construtos trabalhavam. Os Raposas estavam em alerta. O Vigilante Noturno, em sua superioridade no firmamento, vigiava.

Carlo não hesitou. Com a força de suas potentes pernas, deu um salto incomum, alcançando o primeiro alpendre externo da Torre Primordial, e em seguida começou a escalar as pedras negras que revestiam o metal. Levou horas até que chegasse ao topo, onde estava a Fonte. O seu destino era encontrá-la e seu propósito era vencê-la. E isso implicaria dualidades, ele bem sabia.

Não estava ofegante, mas percebeu sentir frio e o vento fresco do Sul atingindo sua pele falsa. Satisfação plena.

– Lembre-se: você vai, inevitavelmente, mentir. E isto, na sua programação, provoca um efeito colateral, que faz com que seu nariz sangre. Cuidado, seja discreto!

Sangrar. Como poderia?

– Você está ouvindo? – ele disse, sem se importar com o aviso dela.

– Não! O quê?

– Isso mesmo. *Nada!* – o homem sorriu. – Os Raposas são a maior força militar deste império e não estão guardando o lado de fora da Torre – virou-se para ela. – Eles estão me esperando.

– Boa sorte.

– Ficarei com seu colar – disse ele sem olhar para trás e saltou para a plataforma abaixo, dentro do complexo de aço e rocha.

– Como sabia que era meu?... – indagou a moça, ao vento, sem ninguém para ouvir sua última pergunta.

Carlo caminhou por silhuetas familiares. Todos os corpos tinham o mesmo tamanho, os mesmos maneirismos e forma de andar ou se mover, e vestiam o mesmo uniforme, mas ignoraram sua presença. Usavam máscaras de prata com pequenos orifícios e jamais revelavam seu rosto. O construto sabia que aquilo era uma norma para não ocorrer estranhamento entre os iguais e assim causar algum conflito. A ignorância era a melhor saída para a existência daqueles seres. E todos eram Carlo e Carlo era todos. Tremeu e suou. Quão humano isso parecia.

Ele atravessou entre outros *carlos*, alguns soldavam, outros consertavam, enquanto a maioria aquecia a água do grande reservatório mais abaixo que produzia muito vapor. A caldeira.

Acima dela, uma abertura que findava o topo da Torre e servia para estacionar o Vigilante Noturno e abastecê-lo com a energia vaporizada dos corações de cobs de alguns dos construtos. Cinco ou sete deles se ajoelhavam numa roda – como em um ritual autômato –, ao redor da caldeira, e ligavam tubos de metal que desciam do zepelim até a placa acoplada em seus peitos, conectados aos seus corações a vapor. Essa era a *ligação*. E era assim que o Vigilante se alimentava mensalmente. Carlo havia chegado no momento certo.

Ele seguiu até uma base de controle ao lado, um emaranhado de tubos de bronze da espessura de um punho, que se interligavam e se direcionavam a todos os andares da Torre Primordial – o meio de comunicação entre os construtos e os Raposas. Ele abriu uma portinhola de um das centenas de tubos e o som ecoou por todo o complexo:

– Estou aqui, venham me buscar!

Não que fosse necessário, ele sabia. Mas fez com que seus algozes se adiantassem, e mesmo assim ele teria tempo. A Fonte.

Atravessou por uma frágil ponte por sobre a caldeira até o outro lado, onde havia finos ferros tortos que simulavam uma escadinha, pela qual subiu rapidamente. Olhou e viu o grande maquinário, que só não era maior que a própria Torre Primordial, e ainda assim o Vigilante Noturno e a caldeira eram inferiores perto de si. Um conjunto de máquinas de cobre e engrenagens enormes, que funcionavam em plena harmonia, num impressionante padrão simétrico. Os ponteiros de aço negro eram como grandes lanças que indicavam três e meia da madrugada. A hora estava parada. Ou seria o tempo? Ponderou, mas já sabia o resultado. Bastava perguntar.

– Relojoeiro...?

A resposta foi uma engrenagem rodando ao contrário, de forma imediata. Com o ato, as demais engrenagens, fossem as maiores ou menores, fizeram o mesmo movimento anti-horário e até mesmo o som que elas emitiam mudou. Mas os ponteiros não se moveram.

– Eu nasci das mãos de um homem, assim como todos aqui – trovejou, para que todos os outros iguais o pudessem ouvir. – Mas foi você que nos deu o fôlego de vida final. Foi você, Relojoeiro, que nos fez respirar. Existir.

O homem conseguiu. Os demais construtos pararam o que faziam para ouvi-lo em seu monólogo aparentemente insano. Mas ele e eles sabiam, não era.

Não havia números nem símbolos marcados no painel do grande relógio. Só engrenagens e os ponteiros, imóveis.

– Tudo começou aqui e acaba agora. Porque assim deve ser – levou a mão ao

rosto e pensou que fosse chorar, mas riu, gargalhou, e adorou. – Está na minha programação, vou fazê-lo e nada me impedirá. Isso não é uma ameaça, é um juramento.

Os Raposas alcançaram o último andar, fortemente armados com pistolas de chumbo e mosquetardas com fogo de lampareda.

– Agora! – Carlo virou-se para os demais construtos, com a mão estendida em ordem. – Tirem suas máscaras e vejam uns aos outros. Olhem bem para a face de seus companheiros de trabalho e percebam-se iguais. Somos todos, mas somos *um*!

Um soldado deu um tiro certo e destruiu o braço de Carlo. Ele não se importou, havia conseguido o que queria. Os construtos retiravam suas máscaras e viam-se um nos outros. Aquilo, num primeiro momento, causou-lhes estranheza. Depois medo. Alguns, apavorados e confusos, saltaram para dentro da caldeira, destruindo-se. Outros, revoltados, voltaram machados, chaves de fenda, pás e martelos para seu semelhante.

– Parem! – Carlo interveio a tempo. – Não se ataquem, mas sim a quem os escraviza. – disse, incoerente. Com a outra mão boa, apontou para os Raposas. – Sim, aqueles homens armados! Vamos *matá-los*! – sentiu ódio, seu último sentimento humano.

Os construtos avançaram e uma batalha se iniciou ao redor da caldeira. Homens e carlos caíam na água fervente, outros levavam tiros de lampareda ou chumbo, alguns tinham seus crânios amassados ou rachados por ferramentas de trabalho. Um massacre, mas era necessário. Aquilo não era uma guerra, mas uma rebelião... Ou algo assim.

– Eu entendo – Carlo ignorava a confusão que havia causado para falar com o Relojoeiro. – Os ponteiros estão parados porque a madrugada chegou ao fim, meu corpo, assim como dos demais, vai se desligar e só se ligará na madrugada seguinte. Eles serão reprogramados e voltarão a trabalhar para os Raposas e eu terei meu coração retirado para alimentar o zepelim, depois serei destruído – suspirou, aliviado. – É assim que acaba, não é?

Daquela vez, no entanto, não teve resposta. Mas ele tinha razão.

– Eu quero morrer, agora – então, seu nariz sangrou, como se fosse uma pessoa.

Isso, assim como a rebelião que conseguiu causar, não fez sentido algum para si. Mas deveria?

Apertou firme o colar da moça de cabelos azuis que amou humanamente, sorriu e fechou os olhos. A madrugada acabava e com ele o tempo. Seu cérebro artificial foi desligado automaticamente, as engrenagens parando de funcionar dentro daquela caixa em sua cabeça, e seu corpo caiu duro no chão, perante o Relojoeiro.

A rebelião abaixo terminava com vários corpos de construtos destruídos, outros caídos. Muitos Raposas sem vida, outros com o espírito derrotado. Mas era o fim.

Azul desapareceu.

O Relojoeiro *vencera*, ou algo assim.

Como Carlo previra, os outros construtos voltariam à normalidade na noite seguinte e assim foi. Também acertou ao prever que seu corpo seria jogado ao ferro velho e posteriormente destruído, restando pouco mais do que pedaços.

Mas sua alma, sua essência, estava no coração movido a vapor.

O colar da moça deixado próximo a ele para se fundir ao cobre quando quente, durante o processo da destruição de Carlo, foi para dentro das engrenagens do Vigilante Noturno – seguindo o protocolo de abastecimento do mesmo – que explodiu no ar numa madrugada qualquer. Um colar de safira com pedras de bronze incrustadas não tinha espaço na funcionalidade do zepelim. Não estava em sua programação de complexa estrutura. Carlo soube disso por herança paterna pré-programada e assim aconteceu.

Os destroços caíram no mar e lá também o coração e o colar, levados pela correnteza até uma baía do outro lado da cidade. Mas Carlo e sua amada não previram que uma filha de pescadores fosse encontrar tais peças raras e usá-las para um bem que acreditava ser maior. Pediu a um médico local que implantasse, cirurgicamente, o coração artificial em seu noivo, semimorto por um infarto. Demorou meses até que o doutor entendesse o mecanismo daquele curioso maquinário, suas engrenagens e seu funcionamento inumano de água fervente e vapor que o faziam pulsar, mas quando chegou-lhe a compreensão fez daquilo Ciência, e o antes enfermo noivo, então curado, casou-se com a filha de pescadores nos Campos dos Milagres. Ela carregou até o fim de sua vida o colar de safira e bronze no pescoço.

No Caranguejo Vermelho, o moleque com orelhas de asno encontrou o que tanto queria, depois de horas vasculhando nas coisas do estranho: a cápsula do tempo. Não havia mais nada lá além de um pedaço de papel. Ele o desdobrou e viu uma foto, nela estava retratado um rapaz e uma moça felizes. A imagem lhe soou familiar.

Atrás, um texto escrito à mão por um desconhecido:

Amigo, quando encontrar esta cápsula, espero que olhe, antes de tudo, esta foto. Aqui, você verá a si mesmo, feliz e pleno, como sempre deveria ter sido. Eu, você, merecemos. E estamos com ela.

Nesta caixa há alguns notórios acontecimentos em recortes de jornal que talvez lhe ajudem a se situar no tempo e no espaço. Não será fácil, mas você vai se recordar.

Há também o olho do nosso pai e o colar de nossa amada eterna, além do

guardanapo que acabei de usar para limpar minha testa do suor quente deste ambiente.

Você não é um construto qualquer, você é especial. Sabe por quê? Porque eu estou aqui, enviando esta carta para você de outra época, diferente da sua. Ela não é melhor, mas é promissora. Aqui, onde estou e onde você estará, existe a Ciência e algo novo está nascendo, uma nova Tecnologia.

Agradeço todas as madrugadas por não haver mais zepelins, com aqueles ruídos insuportáveis. Há balões, há aviões. Os trens estão mudando. E há o que chamamos de carros.

Não sei quando e como lerá esta carta, mas você chegará aqui, porque eu estou aqui, é inevitável. Mesmo assim, se não tiver pressa de conhecer este futuro e alongar essa sua vida no passado, peço que não saia em busca de respostas, pois logo elas virão até você. Peço também que aqueça seu coração a vapor com o fogo das lamparedas, muito mais funcionais do que a água fervente.

Há um velho na rua escura que sabe como fazê-lo.

Até.

*Carlo, 05 de julho de 1909*

O moleque riu debilmente e abandonou a foto e a carta (para ele sem sentido) em algum canto qualquer do albergue e partiu em busca do seu pão.

Carlo, o construto, tinha se tornado um homem.

Seu desejo havia se realizado, ou algo assim.

# Dies Irae Lidia Zuin

*Bad trip.* O beep-beep do relógio digital de pulso a fez acordar berrando um som agudo, rouco e irritante. Adoraria poder ter, ao seu redor, algo substancial o suficiente para chutar e descontar o ódio repentino e inexplicável. Mas estava sobre o cimento da calçada, com a nuca encostada em plástico umedecido pela neblina. Uma das laterais do contêiner havia servido de travesseiro nesse cochilo-desmaio.

Rolou de barriga para baixo, sentindo as costelas esfregarem-se contra o chão poroso. A camiseta se ergueu até a altura dos seios murchos. Os braços cruzados sob os olhos apertavam as órbitas e pioravam a dor que apunhalava as têmporas. A pressão contra as pálpebras fazia milhares de brilhos de neon surgirem na penumbra.

Mais que a cabeça: o corpo todo doía pelo efeito colateral. Mais uma vez um fornecedor a trapaceara. Os joelhos nus ralaram-se conforme ela, depois de quinze minutos de reflexão, resolvia se levantar. Gosto azedo na língua, restos de comida de segunda-feira entre os dentes. E já era sexta. Aquele arroto de vômito voltava como um fantasma a cada raro instante em que seus músculos resolviam se mover.

Cambaleante, procurou uma parede amiga: a mais próxima. Apoiou mais a cabeça que o próprio corpo. A raiz do cabelo se esfregava contra lajotas cobertas de graffiti. Seu crânio se desfazendo contra o cimento poroso. Os pés trançando, as pernas se confundindo, os joelhos roçando. Faltava muito pouco para que se unissem a saliva transbordante e as lágrimas que desciam.

As pálpebras puseram-se a tremer em convulsão. As íris subiram, ascenderam ao céu de nuvens palha de aço. Ela sentia que sua vida era um fio ainda mais tênue, como jamais havia percebido. De repente, todas aquelas recomendações clichês – os “se cuida”, os “toma jeito” – faziam sentido.

Era pura adrenalina ver as luzes dos carros se tornarem riscos brilhantes. Era extremamente emocionante ouvir as vozes humanas distorcendo-se em urros monstruosos. Sim. Usar drogas é muito, muito legal. Ah, que fossem à merda essas ideias adolescentes.

Tinha, em registro, pouco mais de vinte anos, mas o corpo que mantinha era tão danificado quanto o de alguém “vivo” há mais de duzentos. Tentava sobreviver ao mesmo tempo em que pedia para a matarem.

O fim da parede surgiu e a mulher foi obrigada a se recompor na mais retilínea posição possível. Cruzou os braços, sentindo-os nus. Havia perdido seu casaco preferido. Pro inferno, ladrõezinhos de rua. Junto do sobretudo, tinha um pouco de grana. Roubada e prostituída. Também havia cigarros e isqueiro. *Che bella roba.*

O pior de tudo é que nem faces permaneciam. Muito menos vozes, vestes, cheiros. Era como um sonho, daqueles mais nebulosos, ausente de rostos. A única

prova do que havia acontecido era sua presença na parte baixa da cidade, um filete de sangue escorrendo pela testa e que – enfim – não havia mais casaco amarelo de tecido borrachudo.

Pela alta madrugada, não tinha muitos carros correndo por ali. Com sorte, não seria atropelada por qualquer veículo-surpresa disputando um racha. Ah, se tivesse um carro... Melhor: se soubesse dirigi-los sem ser com *joysticks* e em realidade virtual. Feito cidadã, sapateou por cima da faixa de pedestres e alcançou a outra esquina. Havia um posto de gasolina, conveniência 24 horas. Avistava *clubbers* sentados em frente à lojinha.

Por ter medo de ser iluminada pelos acessórios *glow in the dark* daquelas *rave kids*, encolheu-se em sua obscuridade, a mesma que tentava manter enquanto *hacker*, e invadiu o lugar feito um bicho assustado. Apenas ossos dos joelhos e cotovelos, maçãs do rosto: a mulher era isso e mais alguns fiapos oleosos de cabelo anil. Abriu a geladeira e rasgou com as próprias unhas roídas um saco de gelo. Puto, o atendente aproximou-se com uma máquina de choque.

– Se tu não pagar – ah, a velha concordância verbal. – Tu ‘tá morta, ouviu, drogadinha?

– Eu sei, seu filho da puta – e aí os berros guturais e sufocados, vestígios de marijuana, tomavam a voz pouco aguda. – Não ‘tá dando para ver que eu ‘tô mais fodida do que a sua mãe no puteiro?

– Aqui não é açougue pra receber vaca abatida.

Não respondeu. Pegou algumas pedras de gelo e levou consigo, na esperança de que o gordo de meia idade só continuasse a reclamar e limpasse a sujeira que ela fez. Por sorte, o sininho da entrada ressoou solitário, fora uns resmungos do homem. A galera colorida parou a conversa para olhá-la de canto. A mulher retribuiu a desconfiança, segurando o gelo contra a testa machucada. Uma das *clubbers*, a de cabelo pink, aproximou-se.

Em silêncio, tomou-a pela nuca e transferiu à sua língua uma bala em formato de coração. Engoliu a seco, num silêncio prorrogado pela própria saída. A namoradinha de alguns segundos acenou para as costas da amante. Aquelas seis pessoas sabiam que a estranha era Lynx. Leia-se *links*, entenda-se ciberespaço, compreenda-se *hacker*. Mais conhecida por suas eternas roubadas no mundo real e palpável, aquela era a responsável pela invasão e destruição do espaço online de uma das maiores gangues *rivetheads*.

Na metrópole, esses grupos se dividiam por estilos e por dualismos – os mais *darks* (assassinos, sadomasoquistas, usuários de drogas pesadas) e os mais *lights* (desencanados, pacifistas, maconheiros). Eram todos jovens, ou seja, gente na faixa dos treze aos vinte e oito, vinte e nove anos. Com trinta, você acaba vendo que é tudo perda de tempo e que seus *chips*, suas ideologias e rebeldias são bem menos



importantes do que pagar o aluguel de um apartamento-cápsula, no final do mês.

Também eram todos vândalos. Considerados e merecidos. Cada prédio, cada parede, cada poste de luz ou fiação que não mantivesse um vigia receberia, em troca, um *sticker*, um *graffiti*, uma marca qualquer desses suburbanos e subterrâneos seres. Era um aviso e um rito: nós existimos e vamos pegar sua família e você qualquer dia desses, quando nos der vontade. Era *We do what we want to do* contra *Work hard, make money*.

Os *rivetheads* eram aqueles que mais adoravam a violência gratuita. Cheios de *snuffs* em seus *pilldrives*, *microdrives de armazenamento*, os cabeça de espeto com jeitão de Andrew Eldritch estavam sempre prontos para uma boa e velha porradaria. Em suas pernas carregavam canivetes, algemas, correntes, alfinetes e zíperes. Em seus coturnos, pontas de aço, solas afiadas. Em seus punhos, socos ingleses, anéis de aço, pulseiras de *spikes*. Não era raro ver alguma SurGirl[1] sendo violentada por essas abissais criaturas.

Lynx, em seu auge no ciberespaço, foi contratada para um serviço *cracker* a pedido de um certo Lord Nirvana. Homem muito rico, enchia sua empregada de regalias. Deu-lhe até um apartamento na cobertura de um edifício e um *case* ainda mais completo que aquele que montava há anos. Aos dezenove, pouco mais amadora do que é hoje, aos 21, apaixonou-se tanto pela missão que chegou a passar mais de 32 horas conectada. Lutando contras as barreiras do *site rivethead*, ela teve muitos neurônios queimados e dores de cabeça que beiravam a espasmos e alucinações.

Pouca coisa para tanta merda escondida no depósito virtual daqueles corvos eriçados. Muitos, muitos e muitos *snuffs*. Gente conhecida, pessoas importantes, grandes políticos desaparecidos que, na verdade, foram escolhidos para serem estrelas de vídeos *underground*. O roteiro? Tortura, suicídio forçado e estupro. Todos reais, sem cortes. Lynx conferira parte do material antes de entregar para o tal Lord Nirvana. Entre alguns goles de substituto de absinto, saboreava decapitações, dentes arrancados com alicates, autoenforcamento, autoflagelo e outras diversões mais sexuais. Achou que pudesse se tornar tão doentia quanto os autores das produções, mas, na verdade, nem teve muito tempo para admirá-las.

Depois de entregues, os vídeos foram todos jogados ao público. O conteúdo preencheu grandes *outdoors* eletrônicos. Prédios das maiores metrópoles no mundo tingiam-se de terrorismo visual. No Japão, na Eurásia, nos Estados Unidos, na América Latina, na África, na Oceania: todos viram personalidades de diversas áreas sendo mortas por góticos de vinte e tantos anos; observaram suas esposas, filhas e irmãs serem violentadas e esquartejadas; assistiram à morte de pelo menos vinte pessoas induzidas ao suicídio.

Enlouquecidos, os líderes vomitaram policiais pelas ruas. Alguns eram andróides. Outros eram clones preparados para a investida. Ao mesmo tempo que o

mundo queria parabenizar o Mantenedor da Verdade, como foi nomeado Lord Nirvana, também havia o desejo de retribuir aqueles vândalos com a mesma moeda. Pediam por sangue, mas que fosse sangue lento e deleitado. Em desespero e parcialmente liquidados, os *rivetheads* começaram a sua própria caçada: quem havia roubado toda a informação?

A *hacker* tinha certeza que seus dias estavam contados, o pescoço rasgado, as costelas quebradas e os membros separados do corpo. Enlouquecida pelo medo, ordenou à máquina que deletasse toda e qualquer informação guardada. Da rede, tentou apagar todo o registro que remetesse a sua pessoa virtual. Mas nada é realmente perdido, na *internet*. *Sites* de louvor e de ódio a essa tal de Lynx continuariam a brotar como gritos silenciados em forma de *bits* e *bytes*.

Antes mesmo que pudesse terminar seu trabalho, o apartamento ganho foi detonado sabe-se lá como ou por quem. Só soube que a perseguição à lince digital havia começado quando chegou ao décimo nono andar e não achara nada senão um rombo negro onde outrora fora sua cozinha, quarto, sala e banheiro.

Muito bem. Era alguém das ruas agora, frequentadora de raves, presa fácil, destinatária de motéis. Tudo aquilo que vivenciara através de impulsos elétricos sintetizados pelo computador, de acordo com comandos de terceiros, agora eram pele, unhas, pelos e cabelos. Eram homens, mulheres e ciborgues. Androides e máquinas, por que não?

Os cabelos platinados receberam anilina azul; nas íris castanhas uma injeção foi aplicada e parte da melanina perdida fez o tom marrom tornar-se amarelo. Entre idas e vindas por apartamentos de amigos, as drogas sintéticas que antes lhe serviam apenas como um estímulo ou outro substituíram refeições e repousos. Dez quilos sumiram em dois meses. Seis regurgitadas em menos de vinte e quatro horas. Quatro internações em menos de sessenta dias. Qual era seu nome na ficha? Às vezes Stacy Kynton, outras Linda Perry, mas também era Cindy Williams ou só Maria João. Na falta de ideias, sempre podia mesclar os mesmos nomes e sobrenomes.

Fugia até quando lhe foi possível, mas chegou uma hora em que seus amigos ficaram putos. “Amizade não é maternidade”, alertara Camille pouco antes de Lynx ser internada por *overdose* de análogo de heroína. Não lhe bastara a amizade da *ex-hacker*, nem as carícias, nem os beijos ou as fodas. Gente de verdade, os cidadãos, não queriam saber de uma ferrada na vida como ela. Sua resposta foi um grande dedo do meio.

Fumando cigarros, comendo quando dava. Sobrevivia pelas ruas da metrópole, fugindo por túneis do metrô, escondendo-se em becos ou em galpões. Estes últimos tornaram-se seu destino após ter recebido a pílula da *clubber* bonitinha. Uns cinco minutos depois, aquela coisa já havia se dissolvido. Pouco menos atordoada e o gelo já transformado em água escorrendo pela face, Lynx encontrou um galpão de

esquina.

Aquele era o cenário perfeito para as gangues sobreviventes. O clima já tinha acalmado: o alvo da sociedade sempre havia sido os *rivetheads*, mas com esses diminuídos ou superficialmente desaparecidos, os cidadãos sentiam-se mais à vontade. É claro, *punks*, *clubbers* e *otakus* ainda irritavam seus olhos e seu senso comum, mas lhes desciam com menos dificuldade pela garganta.

Sempre eram lugares grandes, vestígios de onde teria funcionado uma fábrica recheada de máquinas operárias. O processo de ocupação era simples: todo o ferro-velho era encostado nas paredes e o espaço central era aberto para uma grande reunião de humanos e pós-humanos. Ali, eles podiam se libertar de si mesmos.

A madrugada era o horário de uso, por ser o único em que a escuridão predominava a ponto de não se enxergar um palmo frente aos olhos. Homens tornavam-se animais, sussurros misturavam as alegrias injetáveis às penetráveis. A sexualidade e a violência se dissolviam nos mesmos gritos. Claro, havia aqueles que não viam a luz surgir outra vez, mas eram os castigados, pré-determinados ao assassinato. Caçados.

Lynx era uma presa sim, um pouco fácil até. Sob o efeito da pílula de coração, arrastou-se até um canto que, somente mais tarde, percebeu estar preenchido por umas duas ou três garotas. Gritinhos agudos serviram de pistas sobre as ocupantes. Sentou-se entre coxas, sem saber se estava frente a alguma pélvis ou se eram pernas de distintas mulheres. Um tanto oleosos, talvez suados, os membros estavam nus até a altura do quadril, em que começava algum tecido tão fino quanto roupa de baixo.

– Posso te tocar? – a voz mais próxima, do lado direito, surgiu como sussurro quente em seu ouvido.

– Sim – havia tanto cansaço na confirmação da mulher que ela preferiu se ajeitar melhor, fechando os olhos, relaxando braços e pernas.

Dedos finos e unhas compridas caminhavam por seus ombros desprovidos de pano. Duas mãos delineavam seus braços. Três mãos checavam seus seios, barriga e cintura. Quatro mãos deslizavam por sobre suas pernas. Seis mãos levavam-na ao chão e acariciaram-lhe da nuca aos pés. O frio aumentou conforme a temperatura do piso colidia-se frontalmente com a do corpo magro. Fazia tempo que não se livrava daquela armadura de couro.

Ainda que por alguns instantes estivesse inebriada pela paz oriunda da droga, Lynx acompanhava os movimentos das três garotas apenas com seus sentidos. As mãos, vez ou outra, eram substituídas ou complementadas por outras partes de suas anfitriãs. Elas não estavam despidas, ao contrário de sua convidada de honra. Cabelos compridos faziam-lhe cócegas na altura do queixo e da cintura. Por um segundo, teve medo de ser ferida.

Quando o primeiro raio de luz invadiu o galpão, as silhuetas humanas começaram a se movimentar. Um leve desespero fazia com que as pessoas recolhessem seus pertences e deixassem o local da forma mais dispersa possível. Demorou para que a *ex-hacker* tomasse ciência da alvorada, mas quando pôde descolar os cílios, percebeu que restava uma garota ao seu lado. Ela segurava sua mão.

O cabelo verde reluziu conforme a porta lateral do recinto deixou o sol invadir. Lynx soltou os dedos da estranha com delicadeza, para não desfazer seu sono. Ainda sem se cobrir, engatinhou até mais perto do rosto da outra. Esperou que mais alguém fugisse. A luz voltou e tudo que a mulher de cabelo azul pôde ver foram órbitas arregaladas, olhos azuis com as pupilas dilatadas e lábios secos, arroxeados.

Diante do cadáver, não havia outra opção senão fugir. As roupas da vítima de *overdose* estavam ali mesmo. Vestiu-se apenas com um casaco de pelúcia branca e não calçou sapatos. Com medo de acabar ferrando para seu lado, correu o mais rápido que podia. Tomou cuidado para não pisar em cacos de vidro, mas as intermináveis poças de água com mijo de rato foram inevitáveis. Tempo não havia para que pudesse sentir nojo. Olfato não mais possuía para que sentisse o maldito cheiro acre que a vizinhança exalava.

Os vapores quentes que subiam da calçada sinalizavam uma estação de metrô. Desceu os degraus da escada rolante atrapalhando alguns *salary men* que partiam para seus empregos de fim-de-semana, às cinco e quarenta da manhã. Passou por debaixo da catraca, levou uma porretada nas costas: insuficiente para detê-la. As pernas magricelas levaram-na para dentro de um vagão. Escorregando pelo chão liso de vômito, firmou-se num pilar de metal. A porta do trem se fechava ao som de alerta, os policiais não mais lhe alcançariam.

Espaço para sentar. Sorte grande, muito grande. A coluna começava a doer agora. Encolheu-se bastante para não divulgar seu nojento corpo aos viajantes. Desceu umas seis estações depois. Naqueles arredores morava Eichi T-Emy Elle, um “amigo” que preferiria vê-la morta a recebê-la às seis e tantas da manhã. De qualquer forma, não faltava muito para que virasse comida de vermes.

Mais tranquila, caminhou em passos precisos pela calçada reformada. Aquele bairro era bom. Eichi tinha ganho horrores fazendo trabalhos limpos como *hacker*. Tinha muita inveja – ah, se tinha – mas via o cara mais como um cagão a um bem-de-vida. Tocou o interfone com um pingo de otimismo. Demorou três minutos para alguém atender. Uma mulher com um “quem é” nada agradável e uma tosse bastante tuberculosa.

– Quero falar com Eichi – respondeu seca, sentindo uma leve necessidade de fumar.

– Quem é, porra?

– Porra eu que digo. É ou não a casa do Eichi? – barulhinho de interfone desligado. Estalo de portão aberto. Se ela tivesse ali fogos de artifício, faria questão de colorir o céu com eles.

Subiu as escadas estreitas e nem precisou escolher entre a porta 01 ou 02. A 02 estava aberta e ali havia uma mulher-homem, um travesti cirúrgico inacabado, com dois cigarros entre os dentes platinados.

– Só podia ser encrenca. Eu sabia.

– Espera, eu... – ela precisou segurar a porta para que o travesti não a fechasse em sua cara – Eichi, é você?

O que um dia havia sido um caucasiano de um metro e oitenta de altura agora era uma ruiva de têmporas raspadas, olhos verdes e lábios preenchidos por silicone. O peito estava enfaixado, com curativos, mas dava para perceber certo volume que preencheria um sutiã 46. Os ombros ainda estavam largos, assim como os quadris continuavam estreitos. Mas as pernas, mal escondidas pela saia, estavam mais grossas e também depiladas, tal qual o abdômen, os braços e as axilas.

– Sim, é claro que sou eu. Essa cagada médica sou eu. – trouxe os cigarros com aflição tão grande quanto à provocada pelas enormes unhas postiças pintadas de violeta.

– Que é isso. Você deu uma mulherona – entre os lábios mordidos, a mulher tinha vontade de rir do erro cirúrgico que o amigo havia se tornado. Com empurrões da máscula mão cuidada por um robô-manicure, Lynx entrou no apartamento.

Decorado com flores de plástico e cortinas tropicais, aquela casa era um tanto confortável. Bem, isso excluindo as consideráveis gramas de substituto de cocaína que estavam sobre uma bandeja de prata. Eichi tinha se tornado Lohanna, uma cantora de *synthpop*. Não era famosa, mas já tinha alguns MP3 gravados correndo pelo mercado *online*. Não tinha lucro porque seu conteúdo, como o de qualquer artista não-*mainstream*, só era consumido em forma de dados gratuitos, distribuídos em *Peer-to-Peer*.

– Que é que você quer, Lynx? Estou em outra. Não me venha vender peças de computador. Vendi tudo que tinha e quero distância – a mulher próxima dos dois metros de altura, por conta dos calçados, encostou-se num dos pilares envoltos por colares havaianos feitos de plástico. Precisou dar uma espiada na fotografia de um Caribe do século XX para ter certeza. Lohanna ainda duvidava que a decoração estava boa.

– Dizer que estou na merda soa redundante, então vou direto ao assunto: posso ficar aqui por um tempo? – primeiro passo, pedir o mais impossível de ser aceito.

– Não.

–Então me empresta uma grana? – segundo passo, algo um pouquinho mais plausível, posto que empréstimo visa devolução.

– Não.  
– Eu juro que devolvo – passo 2.1, a insistência e a fé burra.  
– Não, caralho. Você não tem como pagar.  
– Comida, roupa, cigarro? – terceiro e último passo, a mendicância.  
– Comida não tem. O máximo que você vai achar são pílulas de emagrecimento. Mas tenho cigarros e roupas naquele baú dourado ali. São de quando eu era magra. Não tanto quanto você, senão podia dizer que já tinha morrido – pesando noventa quilos, Lohanna cutucava a barriga masculina saliente.

Numa comemoração mental, a *ex-hacker* deixou para trás o casaco de pelúcia e correu, nua, até o closet compacto da travesti. Achou um macacão de látex preto com zíper estratégico na região do que, nos sonhos do amigo, seria uma vagina.

– Você só tem roupa de puta aqui. Não vai me dizer que virou uma?  
– Vá se foder, Lynx. Olhe para as paredes, olhe meus pôsteres. Sou Lohanna, uma estrela do *synthpop underground* – ele precisou se segurar para não imitar as poses das fotografias.

– Tão *underground* que nem fiquei sabendo. – é claro que ela precisava calar a boca o mais rápido possível antes que fosse posta na rua sem roupa alguma, mas era teimosa. Não. Mais que teimosa, retardada.

– Nem todo mundo faz sucesso, não é, meu bem? – ele suspirou, apagando os cigarros num cinzeiro de vidro em formato de maçã – Mas a gente faz o que pode. Agora, o que você está fazendo da vida?

– Fugindo ainda – vestiu uma calça de couro preto e um blusão que o amigo usava quando assumia que era homem.

– Não se livrou daqueles *rivetheads*? Porra, que chatice. – Lohanna tirou do mesmo maço dois cigarros, um para si e um para Lynx. Acendeu-os em ambas as bocas, usando um isqueiro barato – Não vou te hospedar aqui, pode se desfazer dessa ideia. Ao menos, não de graça.

– Mas você sabe que eu não tenho um puto nem para comer.  
– Só que você ainda sabe mexer com Internet. Poderia acabar com essa putaria com as minhas músicas.

– Nem tenho mais minha máquina. Você também não tem mais a sua.  
\_Vai para o inferno, você podia estar menos ferrada, hein? – por incrível que pareça, Lohanna-Eichi riu, roçando as duas coxas como se entre elas não houvesse nenhum “intruso”.

Lynx deu de ombros e voltou ao sofá. Deitou-se com os pés de fora, as cinzas do cigarro postas num cinzeiro próximo ao substituto de cocaína. Os dois velhos amigos conversaram até adormecer: a *ex-hacker* no sofá, a cantora na poltrona. Acordaram lá pelas três da tarde, quando Lohanna fritou dois hambúrgueres de soja e abriu duas garrafas individuais de *vodka*.

– Falando sério agora. Que é que você pensa da vida, Lynx?

– Sei lá, Eichi. Não dá para pensar no que fazer da vida quando ainda fica difícil garantir que vou estar viva até o fim da noite – de estômago cheio, sentia-se como era antes de começar a se drogar e *hackear*.

O amigo ficou por um tempo olhando o teto, assistindo às duas hélices do ventilador metálico girarem muito devagar. Pedacinhos de poeira estendiam-se feito fios de cabelo. Um suspiro da pseudo-mulher fez sua franja ruiva voar.

– É uma merda ser amigo de gente que só se dá mal na vida, sabe? – a outra preferiu não responder – Quero te ajudar, mas não sei como.

– Não, nem adiantaria me deixar ficar aqui. Acabaria destruindo esse lugar que você conseguiu por mérito próprio. Só estou pagando pelos meus pecados. *Dies Irae*, meu amigo.

Quando quis olhar, por reforço, para a face de Eichi, ouviu um barulho semelhante ao de um copo de cristal quebrando à distância. A janela da sala se perfurou, na cortina havia um furo, na testa de Lohanna um vão esfumaçado se abriu. Num espasmo de terror e agonia, Lynx escalou o sofá e saltou para o chão conforme as janelas foram todas estilhaçadas. Dezenas de balas disparadas por metralhadoras estraçalhavam o lugar.

Aos berros, rastejou até a mesma porta pela qual havia entrado. As chaves tilintavam e dançavam por entre seus dedos. A tranca foi aberta depois de pelo menos três homens encapuzados terem invadido o lugar. Chutando badulaques que Eichi acumulara, os invasores continuaram a atirar, meio sem rumo, como se quisessem mais destruir o lugar e assustar Lynx que acertar sua cabeça.

Segurando-se nos corrimãos da escada, ela engoliu degraus para chegar à rua o mais rápido possível. Os chinelos maiores que seus pés foram deixados na entrada do edifício. Pela calçada, chutou uma cidade em miniatura que estava sendo montada por duas meninas há mais de meia hora. Choro infantil, choro adulto. Desespero feminino, rancores masculinos. A perseguição prolongou-se mesmo depois de Lynx ter se jogado sobre o capô de um conversível rebaixado.

Tiros quebrando vidros. Tiros acertando latões de lixo. Tiros furando pneus. Tiros ao céu. Pedia, sem usar vocativo, que fosse retirada dali, que fosse mandada para um não-lugar vazio e insuportável de tanta paz. As solas de seus pés se rasgavam com os pedregulhos da calçada destruída. As pegadas vermelhas levariam os caçadores à presa ferida. Pessoas na rua faziam-na colidir seu corpo frágil e dolorido contra outros corpos cobertos de roupa apropriada para o fim do inverno. Altos edifícios escondiam-na do sol, faziam sua figura tornar-se ainda mais descolorida e sombria.

Precisou esconder-se debaixo de um viaduto, aproveitar o pedaço de papelão largado por um mendigo. Teve que cobrir os olhos e as orelhas entre frações de

segundo para fugir do que via e do que ouvia. O que permanecia em memória recente. Sentiu necessidade de gritar para falhar a comunicação entre ela e o mundo exterior. Foi preciso chorar para que seus lábios secos se umedecessem. Tinha que ser trazida de volta, para fora de si, a comida que o amigo, agora morto, fornecera-lhe.

Nos pés, escorria a pasta que outrora havia sido hambúrguer e *vodka*.

Entre resmungos de completa desolação, tentou se esconder cruzando os braços contra o peito, os joelhos tentando alcançar a testa. De olhos contraídos, desfazia-se da visão para perceber que os tiros ainda ecoavam nos ouvidos. Reviu o pescoço de Lohanna perder a rigidez e sua cabeça pender para o lado. Mesmo redesenhado, o rosto ainda era de Eichi e ela conseguia assimilar as memórias recentes às antigas, que ainda cabiam em seu dispositivo de armazenamento neural.

Contaminado por um vírus, o *hardware* biológico deslocou pedaços de lembranças e desconectou-os da linha temporal. Como uma enxaqueca, o erro a fez franzir o cenho e se repercutiu num agudo som constante. Levantou-se imediatamente, como se lhe ocorresse um *insight*. Os carros corriam pelo asfalto iluminado em amarelo. Ergueu o braço, pediu carona. O motorista de um conversível azul neon gostou dela. Saltando a porta, fixou-se no assento de couro preto. Como uma adolescente, sentia-se rebelde aumentando o volume do *mp3 player* e roubando o cigarro da boca do outro.

–Você é meio sem noção, né? – ele, num sorriso inebriado, perguntou-lhe.

Ela esperou alguns segundos, olhando para o nada, enquanto esperava o momento certo.

– *Now listen to me fucker, I got nothing to lose, damnation is at the door and I brought the booze*<sup>[2]</sup>. – cantou, acompanhando a música que o rapaz ouvia.



[1] Contração de *Surgery Girl* (menina cirúrgica), ou seja, cheia de cirurgias plásticas

[2] Trecho de *Kickstart the Fight*, da banda Combichrist.

# Vida e morte do último astro pornô da Terra **Marcelo A. Galvão**

Trechos de “A história informal da pornografia do século XX”, de D.P. Rackmann (2ª edição, Scribner, 2001):

*(...) A Era de Ouro do Cinema Pornô é o período compreendido entre o final dos anos 60 e começo dos 80 em que o pornô se consolidou como um gênero cinematográfico legítimo. Películas como Garganta Profunda (1972), O Diabo na Carne de Miss Jones (1973) e A Décima Musa de Apolo (1976) tinham roteiros e atuações convincentes – algo inimaginável hoje em dia – e eram resenhadas nos cadernos culturais dos grandes jornais, acabando por atrair um público sofisticado bem diferente das figuras que frequentavam as sórdidas salas especializadas em “filmes de sacanagem”. Os nomes de Linda Lovelace, Tricia Dixie, Ron Jeremy, Betty Boobie, entre outros atores e atrizes, tornaram-se comuns no mainstream, alcançando um estrelato antes nunca imaginado.*

*O mais famoso desses nomes foi Nick Richards, também conhecido como Nick Dick ou Rod Toddy. Alto, magro e dono de um bigode farto, tornou-se um astro devido ao pênis de trinta e dois centímetros de comprimento e de trabalhos como o já citado A Décima Musa de Apolo, interpretando um artista que usa um “pincel” diferente para se livrar de um bloqueio criativo, e Rod Toddy – Detetive Internacional, a série de filmes em que seu personagem é uma mistura do agente secreto James Bond com o detetive hard boiled Mike Hammer. Não menos famosas eram as orgias regadas a drogas na sua mansão em Malibu, atraindo toda a fauna hollywoodiana, e sua paixão por carros velozes e caros.*

*(...) eXXXtravaganza (1981) marca o final de sua carreira, assim como a do lendário diretor Reginald “Reggie” Burton – de quem era colaborador frequente –, coincidindo com o término da Era de Ouro. Boatos da época davam conta que, devido ao abuso de cocaína, Dick já tinha dificuldades em “decorar as falas”, sendo necessário usar cenas de seus filmes antigos para cobrir os “erros de gravação”. Na opinião de alguns aficionados, no entanto, a culpa pelo fim melancólico de Nick Dick se deve exclusivamente aos biorrobôs. Criados e produzidos no Japão em meados dos anos 70, os biôs – como também são conhecidos estes andróides biológicos – logo fizeram um sucesso estrondoso no Ocidente, não demorando muito para que fossem usados na indústria de entretenimento pornográfico, custando o emprego de vários artistas e levando Dick a se envolver, aos 28 anos, com o brutal crime batizado pela imprensa local de “Assassinatos da Paradiso Drive”.*

*Para estes fãs, Nick Dick é o verdadeiro último ator pornô da Terra.*

## **Los Angeles – 1983**

Nick encara o homem atrás do balcão da cozinha com o mesmo olhar que um náufrago lança para o último colete salva-vidas disponível. O homem despeja o resto de Johnnie Walker em um copo sujo.

– E aí, Reggie, cê acha que consegue uma cena nesse novo filme? – Nick esfrega as mãos suadas na camisa de poliéster vermelha que veste.

A boca de Reggie Burton se contorce numa careta por trás da barba desgrenhada e grisalha; quando Nick o conheceu, ele sempre tinha os pelos aparados e tingidos de preto. Reggie suspira antes de falar:

– As coisas andam muito ruins ultimamente, sabia?

Nick sabe disso. E como: há dois dias sua casa foi tomada por Max Ross, o traficante que lhe fornece todo pó que consome.

– É, eu sei, mas eu tô precisando de grana pra pagar umas dívidas e...

– Muito ruins meeeesmo – Reggie espicha a vogal sem pressa, o olhar fixo no fundo do copo. Ele mora numa mansão na badalada Hollywood Hills, bairro de artistas e produtores de filmes. O lugar está caindo aos pedaços, sem manutenção há um bom tempo; quem cuidava da casa era Tricia Dixie, esposa de Reggie e vítima de overdose dois anos antes.

Reggie levanta os olhos de repente.

– Betty Boobie esteve aqui hoje. Quase não a reconheci, estava sem maquiagem, usando um vestido preto que ia das canelas até o pescoço, cobrindo aqueles peitões dela. Disse que encontrou Jesus depois que abandonou a carreira e que veio me ajudar a deixar essa vida de promiscuidade, antes que eu morra que nem a Tricia. Sabe mais o que ela disse antes de mandá-la embora? – Reggie ri. – Que o fim do mundo está próximo, que os gays e ateus estão condenados a queimar no inferno e...

Reggie aponta a edição de ontem do USA Today em cima do balcão.

– ... que esses biôs são ferramentas de Satanás.

Nick olha para a foto colorida que ilustra a principal manchete. Ela mostra uma construção sendo erguida: lá estão armações de ferro, tijolos, cimento e, é claro, os peões de obra, seus capacetes brancos e macacões azuis contrastando com as peles de um dourado quase igual ao do Oscar da Academia Cinematográfica. A foto foi tirada de longe, mas ainda assim é possível perceber que os peões têm a mesma altura e o mesmo rosto simétrico de olhos bem redondos, nariz pequeno e uma boca menor ainda. Nada ali indica que eles são mais ágeis, fortes e resistentes do que um homem médio.

*Obras das Olimpíadas estão adiantadas, diz Comitê Internacional é a manchete*

acima da foto. Abaixo dela, outra frase, menor, informa que o sindicato dos trabalhadores da construção civil perdeu mais uma batalha na justiça quanto ao uso de biôs no setor.

É, talvez Betty não esteja tão errada.

– Você até que me deu uma ideia boa, Priapus – Reggie só chama Nick pelo nome desse deus greco-romano da fertilidade, dono de um pênis enorme e sempre ereto, quando seu humor está legal. E pelo jeito que seus olhos estão brilhando, ele voltou a se animar – Vou telefonar para esse produtor europeu com quem estou fechando negócio. Ele tem umas ideias interessantes e uma participação tua pode aumentar os lucros e marcar a nossa volta definitiva ao *showbiz*, hein?

Reggie pede que Nick entre em contato na manhã seguinte. Os dois caminham sorridentes em direção da saída, passando pela sala. Cartazes com os sucessos do diretor/produtor/roteirista estão pendurados nas paredes: lá está Nick Dick de smoking, rodeado por mulheres em trajes sumários no centro do pôster de *Rod Toddy contra as Ninjas Atômicas*, e seminu, segurando uma palheta estrategicamente posicionada sobre a virilha e com Tricia posando de Maja Nua, em *A Décima Musa de Apolo*.

Entre os dois cartazes, está uma prateleira com retratos de Reggie, Tricia, Nick e o resto da turma no Dia da Independência, Ação de Graças, Natal, Réveillon e aniversários de vários anos atrás. Existe um espaço vazio no centro da prateleira: é o lugar destinado para o Oscar de Melhor Diretor que Reggie espera ganhar algum dia.

Reggie está abrindo a porta quando para de repente, como se lembrasse de algo importante. Ele se vira para Nick.

– Aquele problema de “decorar as falas” já passou, né?

Nick apalpa o volume grande e flácido dentro da Levi's.

– Tudo beleza – é a mentira que conta.

– Você tem que fazer alguma coisa – Max Ross disse dois dias atrás ao se apossar, junto com seus capangas, da mansão de Nick. Numa mão ele segurava uma garrafa de cerveja retirada da geladeira de Nick e na outra um dobermann pela coleira. – Ou consegue o resto do meu dinheiro ou então essa salsicha que carrega entre as pernas vai virar janta do Kissinger aqui.

Kissinger late, todo feliz. Nick engole em seco.

– Tá difícil conseguir trabalho por aqui...

– Pois é, a curiosidade humana não tem limites quando se trata de sacanagem. Se pensar um pouco, vai ver que sexo e drogas são duas mercadorias que sempre venderam bem no mundo ocidental. Quem diria que existia público disposto a pagar para ver robôs mamando cacetes e comendo xotas e rabos de gente de carne e osso? – ele encolhe os ombros. – Mas negócios são negócios. Talvez você tenha que

procurar outro emprego, quem sabe voltar para tua antiga profissão.

O estômago de Nick se contorce quando o cérebro libera memórias do cheiro de hambúrguer e das batatas fritas da lanchonete onde trabalhava. Estaria até hoje lá, sonhando em ser um agente secreto ou um detetive particular se, numa tarde de dez anos antes, não fosse descoberto pelo homem que usava o mictório vizinho ao seu e que soltou um “Porra, encontrei Priapus!” ao olhar para o lado.

No dia seguinte, Nicholas Richards deixava para trás não só o subemprego, mas também a mãe com eterno hálito de vinho barato, o padrasto que abusou dele sexualmente durante a infância e adolescência, o trailer apertado onde viviam. Do cubículo que chamava de quarto só levou um pôster amassado de *007 contra Goldfinger* e uns *paperbacks* com histórias de detetives.

Ele transou com milhares de mulheres, conheceu o mundo todo e até mesmo pegou um autógrafo de Sean Connery durante uma orgia na Mansão Playboy. Havia conseguido tudo aquilo usando o único dom que possuía.

Olhando para Kissinger, Nick decidiu que precisava fazer alguma coisa.

Trecho do roteiro de *Rod Toddy contra as Ninjas Atômicas* (1979), de Reginald Burton:

#### INT. – QUARTEL-GENERAL DAS NINJAS ATÔMICAS – DIA

ROD TODDY entra na sala de controle. Um mapa-múndi enorme está pendurado numa parede, com alfinetes coloridos mostrando os lugares em que a organização criminosa ataca. Abaixo do mapa, vemos uma poltrona negra. Nela está sentada LADY HIROSHIMA, a líder suprema das Ninjas Atômicas. Tem trinta anos, traços orientais, usa um vestido vermelho justo com desenhos dourados de dragões e um decote que valoriza o busto grande.

#### LADY HIROSHIMA

Não sei que arma usou para derrotar minhas melhores guerreiras, mas uma coisa é certa: você nunca mais irá atrapalhar meus planos, Sr. Toddy!

Lady Hiroshima saca de dentro do decote uma arma longa de aparência futurista e a aponta para Rod Toddy.

#### ROD TODDY

(cofiando o bigode)

Você precisa ver a minha pistola, baby!

– “Você precisa ver a minha pistola, baby!” – o homenzinho de camisa havaiana diz para Nick assim que abre a porta do nº 23 da Paradiso Drive. Aquele é o bordão

famoso que Rod Toddy soltava nas suas aventuras ao encontrar a vilã no final do filme. Ela, sempre armada com uma pistola comprida e ameaçadora, inevitavelmente se rendia ao “charme” do herói para transar com ele na última cena. – Quase não acreditei quando Reggie disse que você queria participar do meu filme.

O homem, com nariz grande e um sotaque afrancesado, é todo sorriso. Reggie apresenta o homem como Armand, o produtor europeu.

– Esse cara tem umas ideias fantásticas. Tem tudo para virar um sucesso – o diretor diz, dando uns tapinhas nas costas dele. Depois que Armand se afasta alguns passos, Reggie cochicha no ouvido de Nick – Tá tudo aí embaixo funcionando, né?

– Já disse, tudo beleza – Nick acha que não vale a pena contar que na noite anterior precisou de duas horas para conseguir uma ereção decente.

– Certo, é que essa é chance da gente ficar por cima de novo, Priapus – e pisca com malícia.

Nick acompanha o amigo até a sala. O cômodo é pequeno como o resto da casa, construída no topo de um penhasco à beira do Pacífico. A decoração da sala se resume a um colchão, uma câmera montada num tripé e ao equipamento de som. Uma porta de correr envidraçada e fechada mostra a varanda mal conservada e abafa o som do mar se chocando com as pedras no fundo do despenhadeiro.

Do outro lado da sala tem uma porta de madeira, também fechada, e à direita dela um biô. Veste apenas uma tanga com estampa de zebra sobre o corpo dourado. Seu cabelo negro é no estilo black power e ele ostenta um bigode cerdoso – tudo postiço, já que biôs não possuem qualquer tipo de pelo.

– O-lá – diz pausadamente, como é típico daquela primeira geração com neurônios rudimentares, e estende a mão.

Nick repete o gesto e não consegue evitar de olhar para ereção gigantesca dentro da tanga zebreada. É uma prótese peniana, é claro: biôs também possuem um sistema excretor bem simples e sem gônadas, já que não se reproduzem. A genitália com a ereção perpétua foi encomendada pelo seu dono, com direito até a um reservatório com sêmen falso – uma mistura de leite, água e farinha – para o “grand finale” das cenas.

– Este é Robb, seu companheiro de elenco – Armand abre um sorriso tão grande que se vê as obturações dos molares. – Vão se aquecendo enquanto cuido dos últimos detalhes.

Sem pestanejar, Robb arranca a tanga.

Nick se vira para Reggie.

– A gente não vai usar um roteiro?

– O Armand acha que não precisa disso.

– E cadê o resto do elenco?

– O Armand também tá cuidando disso – e aponta por cima do ombro o produtor,

que está abrindo a porta de madeira.

Por um segundo, Nick vê o interior do cômodo: é um quarto, com um velho papel de parede ilustrado com personagens da Disney e uma cama cheia de ursinhos de pelúcia.

E antes de Armand entrar e fechar a porta, Nick vê duas pequenas figuras humanas sentadas na cama, de pijama.

Num primeiro momento ele tenta se convencer de que vai trabalhar com anões – ele já trabalhou com nanicos antes, sem problema.

Aquele pensamento não dura muito quando se dá conta que não vai contracenar mesmo com anões.

– Que porra tá acontecendo aqui, Reggie?

O diretor limpa a garganta.

– Bom, o Armand achou um novo nicho na Europa, ok? Um público bem especializado, com grana, que se cansou de ver biôs transando com mulheres e homens, cachorros e cavalos. Eles querem algo, – ele pausa, procurando pela palavra – algo diferente.

Nick arregala os olhos e dá um passo para trás.

– Que merda, Reggie, eu não acredito que você chegou nesse ponto!

– E você acha que eu gosto disso? – ele diz entre os dentes. – Mas nós não temos alternativas quando fecham as portas na nossa cara e dizem que a moda agora é outra, que somos uns dinossauros num mundo de robôs.

– Algum problema, senhores? – Armand se aproxima de mansinho após deixar o quarto, a porta mais uma vez fechada.

– Não, – Reggie gagueja – é apenas uma pequena diferença criativa que nós já estamos resolvendo, certo, Nick?

– Isso é perversão, eu não vou fazer porra nenhuma de cena. Tô indo embora.

Armand suspira antes de se voltar para o diretor.

– Você disse que ele era confiável. Que não daria problemas.

– Eu só preciso conversar com ele um segundinho – Reggie segura Nick pelo braço. – Você quer a tua vida de astro pornô de volta, né? Os carrões, as mulheres, as festas? Então tem que fazer alguma coisa. E só precisa fazer essa cena. O Robb começa, ele tem aquela cara de boneco, então fica mais fácil ganhar a confiança, daí você continua de onde ele parou e...

Reggie engole o resto da frase e dois dentes quando o punho direito de um Nick enojado encontra sua boca.

E a partir daí as coisas começam a sair do controle.

Armand pragueja algo em francês, saca por baixo da camisa havaiana um .38 e aponta o revólver para Nick. Ele aperta o gatilho uma fração de segundo depois de Nick se abaixar.

O ator pula em cima de Armand. Os dois se atracam, Nick tentando arrancar a arma, Armand agarrando-se nela. O .38 dispara. Nick impulsiona o corpo para frente e joga o produtor com toda força contra a porta de madeira, que se rompe ao mesmo tempo em que gritos assustados soam do quarto.

Armand solta o revólver com o choque do impacto, que é rapidamente agarrado por Nick.

Alguém geme de dor na sala. Nick se vira em direção do som e vê Reggie com um buraco no meio da barriga e uma mancha vermelha se espalhando com rapidez pelo torso.

O produtor aproveita a distração de Nick e acerta um soco no rosto dele. O ator cambaleia para trás, mas não cai e nem solta a arma.

Armand olha para o lado, vê a câmera no tripé e a agarra. Com um grito de ódio, avança com ela levantada, mirando o crânio do outro homem.

Nick estica o braço e aperta o gatilho: uma terceira narina nasce no meio das duas originais de Armand.

Ele está morto antes de tombar sobre o colchão.

O ator se aproxima de Reggie. O diretor, encostado na parede e sentado na poça do próprio sangue, não geme mais.

E então Nick escuta o som de alguém chorando: é Robb, que observava tudo de um canto da sala.

Como todos os biôs de sua geração, Robb tem uma capacidade limitada de demonstrar expressões faciais. Nada muito sofisticado, mas é o suficiente para um filme pornô.

Agora Robb vê o que sobrou da cabeça de Armand, seu proprietário, mestre e amante. Todas as expressões do seu curto repertório de emoções relampejam pelo rosto: a boca se contorce para baixo, o cenho se franze, os olhos se arregalam, o queixo treme.

Até que ele solta um uivo comprido de dor.

Robb levanta os olhos úmidos e encara Nick.

– Vo-cê ma-tou o pa-pai – diz e salta sobre o ator, empurrando-o pela porta envidraçada.

Os dois atravessam o vidro com um estrondo, estilhaços chovendo sobre ambos, espalhando-se pela varanda. Nick se choca contra o gradil enferrujado e o .38 voa na direção das pedras lá embaixo, engolido pelo Pacífico.

Robb esmurra Nick sem parar no rosto. O ator tenta, mas não consegue se defender e, numa questão de segundos, está prostrado de joelhos diante do biô. Ele levanta a cabeça: daquele ângulo, a enorme ereção dourada lhe permite ver apenas os olhos cheios de fúria do biô.

Nick sente algo perto da mão direita. Seu tato indica que é uma superfície lisa e



cortante e ele logo conclui o que é.

O biô aproxima-se, a ponta do pênis a centímetros do rosto de Nick.

Nick pega o caco de vidro afiado como uma faca e o crava no membro de Robb mais próximo.

O biô salta para trás e solta um grito mais de surpresa do que dor quando sua prótese é decepada e cai aos seus pés.

Nick sabe que Robb vai se recuperar do ataque surpresa. Ele levanta-se e, antes que o biô possa reagir, passa a golpeá-lo na cabeça.

Robb retrocede com os braços levantados, mas de nada adianta: as pancadas são fortes e ficam cada vez mais intensas conforme imagens diversas se desenrolam na mente de Nick

– mãepeitõespadrastocacetetrailerxotahamburguerrabobatasfritas – até que Robb desaba no piso da varanda feito um boneco de pano.

Só então Nick para de golpear. Ele sente o corpo ferver de raiva. Solta o caco de vidro. Recupera o fôlego aos poucos. Lembra-se das crianças no quarto, de Reggie morto, de Max Ross, de Kissinger feliz. Sabe que nem adianta voltar ao antigo emprego na lanchonete: foi com certeza substituído por um biô.

Ele pensa no que vai fazer da vida quando escuta um rugido e vê Robb saltando para cima dele, o rosto uma polpa brilhante de carne. O biô se choca contra Nick e os dois são lançados na direção do gradil.

A grade carcomida pela ferrugem range com o peso deles.

Um segundo depois, homem e biô rolam ribanceira abaixo.

Trechos de *Você precisa ver a minha pistola, baby!* – A biografia derradeira de Nick Dick, de Sam T. Clarence (1ª edição, HarperEntertainment, 2008):

*(...) Ainda que os “Assassinatos da Paradiso Drive” nunca tenham sido completamente solucionados, é certa a presença de Dick através do testemunho das vítimas do rapto perpetrado por Armand Lambert, um cidadão belga condenado na Europa por pedofilia. As testemunhas, que na época tinham sete anos de idade, foram unânimes em apontar o astro como o homem que lutou contra Lambert e o biô de sua propriedade, encontrado destruído nos rochedos. Para a opinião pública, não resta dúvida que Nick Dick foi um herói como nos seus filmes, mas, ao invés de salvar o mundo de uma dominatrix peituda e ensandecida, ele impediu que um crime hediondo se concretizasse.*

*(...) O interesse do público pela figura de Dick nestas últimas décadas pode ser medido não apenas nas dezenas de biografias e livros escritos ao seu respeito, mas também em filmes mainstream baseados na sua vida, como “A Serpente em Paradiso” (1997) e “Nick The Dick” (2003), ganhador do Oscar de Melhor Roteiro*

*Original.*

*(...) Anos após o seu misterioso sumiço, surgiu um boato de que um homem, com as mesmas características físicas dele, fora visto num povoado costeiro em algum lugar da América Latina. Os rumores afirmavam que Dick sobrevivera à queda do penhasco, seu corpo inconsciente resgatado do mar por pescadores e levado ao hospital local. Após se recuperar, e vivendo de forma anônima, ele encontraria o amor da sua vida, constituindo família, montando um ateliê modesto e vendendo artesanato para turistas.*

*O aspecto mais curioso dessa lenda foi revelado em um artigo na “Rolling Stones”, marcando o aniversário de vinte anos do seu desaparecimento. Nele, fãs de Dick apontavam similaridades incríveis entre quadros vendidos em feiras de artesanato na Cidade do México e as telas pintadas pelo próprio ator no clássico A Décima Musa de Apolo.*

*(...) Certos fãs, numa mistura estranha de devoção e nostalgia, ainda nutrem a esperança que Dick volte algum dia para restaurar o prestígio perdido dos filmes pornográficos pré-robôs, lançando uma nova Era de Ouro nesta época dominada por pornobiôs e celebridades instantâneas.*

*Mas, por enquanto, o paradeiro do último astro pornô da Terra permanece desconhecido.*

# Corre, João, corre **Cirilo S. Lemos**

Está no banho, o João, completamente nu, assustado pela água fria que corre pela sua pele parda, segurando na mão esquerda um sabonete gasto.

A mulher irrompe pela porta, deliciosamente escandalosa, os cabelos alisados cuspindo fios para o alto como se fossem relâmpagos.

Os quadris dela são redondos, as coxas morenas são roliças, perfeitas em suas imperfeições.

Ele sabe que ela o está espiando pelas frestas da porta que não deveriam estar ali, mas quem liga?

Vira-se para que ela possa ver seu sexo, perdido numa mata de pelos pubianos que ela insiste em aparar com uma tesoura, coisa que João não permite, pois tem medo que ela acabe recortando seu saco.

Ela adora quando ele diz isso, ri uma risada fresca, mostrando os dentes perfeitos e a língua úmida.

Faz isso porque sabe que João não resiste e acaba lhe enfiando a língua na boca, apertando-a contra a parede e deslizando a mão pela sua bunda bem feita de mulata.

Então ela ri mais.

Mas agora não é hora de saliência, uma pilha de roupa a espera no quintal, tem de lavar antes que o pulso comece a doer outra vez.

João está de pau duro, não quer ficar assim, mas ela escorrega por entre seus dedos e foge pelo quarto, onde vê o bebê.

“Corre, João, corre que o bebê tá passando mal”.

João corre, o corpo molhado do banho interrompido, e se depara com o bebê tendo convulsões, piscando os olhos como se estivessem secos e movendo a boca como um peixe tentando respirar.

A mulher está gritando histérica, João sopra para longe o desejo pelos quadris dela, tem de salvar o bebê, ajuda deus, eu faço o quê, eu faço o quê?

“Traz um pano molhado, João, traz logo um pano molhado”.

João olha para lá, olha para cá, caralho está cego para o pano, onde tem pano? Encontra um vestido amarelo em cima de um muro, vestido da mulher, será que ela vai se importar se ele molhar roupa limpa?

Foda-se, ele pensa, e enfia o vestido amarelo embaixo da torneira e vai com ele para o quarto deixando uma trilha de água da cozinha à sala.

A mulher pega o pano encharcado e aperta contra a testa do menino, “é pra baixar a febre que tá muito alta” ela grita, e não para de gritar, não para mesmo e os gritos se misturam dentro do ouvido de João com a música que os cachaceiros colocam na máquina do bar, os carros rangendo pneus em frente de sua casa e os

latidos imaginários dos cachorrinhos que morreram doentes um dia antes, “vai chamar alguém pra socorrer esse menino, João, corre, João, corre”.

João quer correr, mas não pode sair assim, pelado pela rua, tem de vestir alguma coisa, mas as pernas não obedecem de jeito nenhum, ele tenta ir para lá, elas vão para cá, ele vira para cá, elas vão para lá.

“Corre, João, corre”.

O bebê já não está tendo espasmos, agora olha para o mundo como se despertasse de um sono profundo e azedo, e tudo ao seu redor parecesse tomado por uma camada de fumaça branca.

João não sabe se vai ajudar a mulher ou se corre pela rua, mas correr pela rua para quê, todos os vizinhos devem achar sua família um bando de doidos e só de pensar nisso ele fica puto da vida, vão para o diabo todo mundo que ele não precisa de ninguém.

Um bando de gente que conversa na calçada escuta os gritos da mulher e já invade a casa aos trombolhões, velhas, homens, crianças. João mal tem tempo de enfiar uma bermuda no corpo. Antes que perceba, as pessoas já formam uma parede de carne e opiniões que o impede de se aproximar da mulher e do filho.

Sua voz se perde no meio do burburinho, até que ele desiste e vai chorar escondido no banheiro, enquanto olha para seu reflexo de olhos encovados e lembra dos cachorrinhos.

De lá ainda pode ouvir as vozes, uma velha quer saber o nome do menino para fazer uma oração; oração nada, dona, tem de levar para o hospital; enfia ele debaixo da água fria porque é convulsão de febre; não enfia ninguém embaixo da água.

A mulher escapa da multidão e se refugia no banheiro, onde dá de cara com João chorando.

Ele tenta disfarçar, esfrega os olhos, finge que está penteando o cabelo para ir para o hospital, ela finge que acredita.

“Quero trocar de roupa, mas esse pessoal não se toca”.

João sai do banheiro, para na porta do quarto, alguém diz para ele “corre, João, veste uma camisa que o carro já está vindo pra levar vocês no hospital”.

Ele só balança a cabeça, confuso, carro, que carro, ele não sabe dirigir.

“Corre, João, corre”, grita a mulher saindo do banheiro, já arrumada.

João abre a porta do armário, pega a primeira camisa que vê pela frente, calça os chinelos e ajeita o cabelo com as mãos. Na carteira, coloca alguns trocados a mais por via das dúvidas.

A multidão vem saindo, parece uma onda do mar, em sua crista vem surfando seu bebê, que não sabe o que está acontecendo, tal qual o pai. João e a mulher são engolfados pela onda e arrastados para fora, enfiados num carro e quando se dão conta já estão a caminho do hospital, o bebê dormindo no colo, a multidão deixada à

beira da calçada acenando para o veículo que se afastava. É o pai de João quem dirige o carro, meio calvo, meio grisalho, barba por fazer, resmungando o caminho inteiro sobre as pessoas não respeitarem o espaço particular alheio.

“Se for por boa vontade tudo bem, mas se for só por curiosidade pela desgraça dos outros, viro bicho”.

O caminho até o hospital é longo, cheio de atalhos, curvas e asfalto esburacado. O carro sobe viadutos sobre estradas federais, lá de cima os outros carros parecem formar uma procissão de vagalumes. Penetram por ruas confusas entre a linha férrea e as lojas.

João se aperta no banco do carona, acha que estão correndo demais, mas está com medo de falar e o pai lhe dar um esporro; sua mão tateia procurando o cinto de segurança, mas desiste: colocar o cinto seria o mesmo que dizer que estavam correndo demais.

Outro viaduto fica para trás, e com ele o município.

As ruas agora são ainda mais estreitas, de calçadas finas e construções amontoadas que causam a sensação de que estão transitando por becos entre casas e lojas, não por ruas de verdade.

Súbito, o pai diminui a velocidade e com o queixo aponta dois rapazes conversando em frente a um portão: “pergunte pra eles se esta é a entrada para o hospital”.

João está com o pensamento lento, treme os ombros, se ajeita no banco, abre a boca calculando exatamente que palavras vai usar para formular sua pergunta.

O pai, bufando, estica a cabeça pela janela e pergunta ele próprio.

“É”, respondem os rapazes, e o carro arranca outra vez.

“Tem de ser mais esperto, João”, aconselha o pai, enquanto no banco traseiro a mulher resmunga alguma coisa.

O carro entra numa curva sinuosa espremida entre muros de tijolos. Um monte de gente conversa no meio da rua. Crianças andam de patinete, um carro vem na direção oposta e atravanca o caminho.

“Porra, aqueles maconheiros ensinaram errado”, diz o pai, e martela a buzina em resposta às piscadas impacientes de faróis que vêm do outro carro.

“Maconheiros?”, pergunta João.

“Vai me dizer que não sentiu o cheiro?”

João não sentiu nada além da perna formigando e dos testículos latejando, mas não responde nada, é melhor ficar quieto e tentar espantar da cabeça as lembranças do quadril da mulher serpenteando.

“Um de nós vai ter de desistir”, diz o pai, acelerando o carro em ponto morto e produzindo muito barulho. O outro carro sai de ré, está mais perto do fim daquele beco, mas para o pai esta é uma grande vitória da perseverança – ou da teimosia,

como diria a mãe de João.

Lá na frente, ao fim de uma pequena rampa, está o hospital, cor de vômito, um exército de carros ocupando todas as calçadas, enquanto os flanelinhas circulam entre eles dando risadas e cobrando uns trocados.

O pai para o carro na entrada para ambulâncias:

“Vai lá fazendo a ficha dele enquanto eu vou caçar um lugar para estacionar”.

Na recepção, o homem careca pergunta pelo endereço do paciente, e João já vai dizendo quando a mulher o interrompe e inventa outro endereço; o homem careca olha para os dois meio desconfiado e pede para que aguardem o chamado.

“Tem de ser mais esperto, João, se eles souberem que somos de outra cidade não vão querer atender o bebê”, diz a mulher, o vestido roxo subindo aos pouquinhos e exibindo parte da coxa. João não quer pensar em sexo, mas não consegue evitar, ele quer se preocupar com o bebê, mas é como se essa preocupação fosse um pacotinho de biscoito enterrado, nos fundos do seu cérebro.

João e a mulher sentam num banco de madeira, junto a outros pais igualmente preocupados que carregam suas crianças nos colos; há crianças e doenças de todos os tipos; negras, diarreias, brancas, febres, pardas, amidalites.

João não suporta a espera. Ao seu lado, o bebê vai lentamente do tom rosa ao vermelho, pequenas gotas de suor frio brotando feito minúsculos diamantes da testinha febril.

A mulher aperta o lábio inferior, carnudo e suculento, respirando como quem segura um choro dolorido e fora de momento. Essa boca parece fruta madura, João diz a si mesmo; maldiz a própria sorte, que dá um jeito de fazer tudo sair errado até quando dá certo; lá estava ele, na cara do gol, era só chutar. Só que de repente a bola desapareceu e em seu lugar apareceu seu filho tendo uns troços estranhos e ele, em vez de sexo num finzinho de tarde, ganhou uma tremenda dor de cabeça noite adentro.

Uma mulher de cara larga surge numa porta de folha dupla e, cheia de papéis na mão, chama o bebê.

Sua mulher se levanta imediatamente e desaparece pela porta com o filho, enquanto João, atrapalhado com a bolsa dela, vê-se impedido de acompanhá-la pela mão gorda da mulher de cara larga, que primeiro bloqueia seu caminho, depois aponta para a placa que proíbe acompanhantes.

João recua, poderia insistir, poderia argumentar, poderia subornar, mas apenas recua.

O ventilador ronca na parede e, lá fora, na cidade espremida em si mesma, a noite já desceu e a lua está carrancuda por trás das nuvens.

Ele devia se preocupar com o menino, mas é impossível com a imagem daquele quadril luminoso atormentando-lhe a libido; ele não tem culpa, homem é assim

mesmo, se o pau fica duro e amolece sem ter satisfação é como se estivesse em estado de dureza crônica.

Sua mulher aparece na porta e pede:

“Água, João, quero água, rápido, antes que o doutor chame”.

João desata a procurar alguém vendendo água do lado de fora do hospital, encontra um homem com um isopor cheio de latas e garrafas penduradas. Paga o homem, pega a água e sobe a rampa correndo; a mulher de cara larga não o deixa entrar. João pede em tom quase de súplica.

Olhando-o de cima feito uma gigante de três andares, ela autoriza sua entrada com um leve sorriso de desprezo e superioridade que só os funcionários públicos possuem. Mas não sem antes avisar: “não pode demorar, vê se corre”.

João perambula perdido pelo corredor pontilhado de portas, a garrafa de água numa mão, a bolsa na outra. Parece um daqueles *videogames* de tiro em primeira pessoa, abre porta, fecha porta, volta, abre outra porta, torna a fechá-la. Tem muita gente doente por ali, feito uma horda de zumbis dos filmes da moda, que de vez em quando exibem olhares cansados.

Onde está sua mulher e seu filho, João?

Ele já pensa em desistir e voltar à sala de espera, João é daqueles que desistem fácil de algumas coisas. Mas outras continuam firmemente plantadas em sua vontade – que o diga a jovem mãe loura de barriga dourada de fora, de mãos dadas a uma menininha de vestido azul. Olhar para o umbigo dela é como olhar para uma estrela distante, e João mergulha na visão com um arrepio involuntário na pélvis.

Graças a deus, pensa ele, quando a cabeça morena de sua mulher surge de uma porta e o resgata do transe no qual começava a cair.

João entrega-lhe a água e quer notícias do bebê.

“A febre dele chegou a quarenta e dois graus”, ela responde nervosa, “por isso ele teve aquela crise convulsiva. Tô com um pressentimento ruim, João. E se ele morrer?”

João estremece.

A possibilidade do bebê morrer não lhe passara pela cabeça, achava que tudo não passava de um resfriadinho qualquer, criança é bicho frágil. Agora uma euforia negra borbulha dentro dele, formada pelo medo, pela urgência e pela culpa.

“O bebê não vai morrer”, é só o que ele diz, antes que a mulher de cara larga gentilmente o expulse de volta a sala de espera.

Mas agora já não pode esperar, o João.

Pela porta ele procura o pai, que está sentado num banco perto das plantas mortas, bebendo uma lata de cerveja.

João se aproxima sem dizer nada, e o pai o convida a sentar-se.

“Desculpe, filho”.

“Pelo que, pai?”

“Por não ser rico. Eu poderia fazer muito mais por vocês”.

“Não é sua responsabilidade”.

“Eu sei. Mas queria dizer isso”.

“Tá”.

“Você tem de ser mais esperto, João”.

“Eu sei”.

Os dois ficam em silêncio.

João não vai assustar o velho com o pressentimento da mulher; o pai certamente daria algumas broncas, coisa que não precisava agora.

Naquele instante João percebe um murmúrio a princípio distante, mas que vai crescendo cada vez mais até se tornar quase insuportável. Centenas de vozes a desfiar um cantochão monótono, formado por choros inconsoláveis, preces tristes e lamentos agudos; João, assustado, cutuca o pai, que parece alheio ao desfile de um cortejo que vem subindo a rua.

São figuras pálidas as pessoas que formam a procissão. Carregam velas negras sobre as cabeças, homens, mulheres e crianças, de olhos gelados perdidos em si próprios. Conforme vão passando pela rua, toda conversa nas casas e calçadas morre de repente, uma daquelas situações onde alguém sempre diz “passou uma alma por aqui”. Mas não é uma alma, apenas, são muitas, vestidas com um preto azulado feito um pesadelo, entoando canções sombrias que apenas João ouve, apenas João vê.

Então toda cantoria cessa e a procissão detém sua caminhada, ao passar pela porta do hospital.

Uma velha de manto esfarrapado e membros cadavéricos sai da multidão e sobe a rampa devagar, movimentando-se como um lagarto.

Quando passa por João, fita-o com olhos grandes e sem vida, fazendo-o estremecer de medo; ela sabe que ele pode vê-la.

O pai continua bebendo cerveja e resmunga sobre seu súbito amargor; as pessoas agora conversam sobre coisas melancólicas das quais não conseguem mais escapar. Ninguém parece perceber nem a velha nem o cortejo, só João.

Quando aquelas pupilas fixas olharam para ele, João teve certeza do que estava à sua frente.

“Você pode ver a procissão”, a velha diz surpresa. Sua voz é como um vento que vem pela escuridão profunda. Seu cheiro é o da terra molhada pela chuva.

João não responde nada, apenas balança a cabeça.

A velha sorri e entra pela porta do hospital; João vai atrás.

Ela anda pelos corredores com a segurança de quem conhece o caminho; entra numa sala, aproxima-se da mulher de João, sentada numa cadeira, e com carinho



retira o espírito do bebê.

João começa a gritar e entra na sala.

O médico, a enfermeira e as mães se assustam, e tudo o que veem é um louco socando o ar; mas é a velha quem ele soca, e a desgraçada ri enquanto seus dentes voam da boca. Ela cai no chão gargalhando e se desfazendo até se tornar apenas uma pilha de trapos. Quanto ao bebê, ele está no colo da mãe, mas seu espírito agora está brincando pelo chão.

João toma-o no colo e foge, vai fugir com a alma do bebê para o mais longe possível, para que a procissão não o leve dali.

Confusa, sua esposa levanta da cadeira e vai atrás dele.

Na porta de entrada, ela pode vê-lo correndo rua abaixo como se fugisse de uma assombração. “Corre, João, corre”, ela grita sem saber por quê. Apenas o bebê sonolento em seu colo é capaz de ver a multidão que se arrasta atrás do pai.

E agora, João? Fugir é mais do que correr esbaforido pela rua, é escapar, se proteger, fugir do alcance. Você pode fazer isso, João? Fazer algo além de correr?

João não quer olhar para trás, encarar o que o está perseguindo. Algum canto pequeno e empoeirado do seu cérebro está dizendo que se ele não vê a coisa não existe. Quer pensar assim, deixar um fiozinho de esperança tomar força e se transformar em fortaleza.

É mesmo, João? Você não quer vê-los, mas pode ouvi-los, não pode? Não há fortaleza que suporte os murmúrios, os gemidos fantasmagóricos, o estranho chiado que o ar faz ao passar por seu rosto. A sensação de fogo frio que o pequeno espírito em seus braços irradia.

Está numa cidade estranha, labiríntica, asfíxiante feito sonho ruim. Ir para onde, João se desespera. A ladeira comprida chega ao fim. Um cruzamento tortuoso está diante dele agora. O sinal está fechado para pedestres, mas que porra, ele precisa atravessar, precisa fugir, não há tempo para sinais fechados. Mas são tantos, os carros.

Não pode ficar esperando, João. As pessoas estão olhando para você, um doido segurando um bebê invisível.

A vontade de João é mandar todo mundo que passa exibindo olhares de desconfiança para a casa do caralho, queria ver como essas pessoas que têm seus empregos e salários reagiriam se não tivessem seus empregos e salários e precisassem correr sem destino com a alma do único filho.

O bebê se move em seu colo. Está tremendo, o pobrezinho. Um pequeno espasmo, quase imperceptível, suave como o dedilhar de uma harpa longínqua. João fica admirado e apreensivo quando minúsculas bolhas se desprendem das costas do menino e vão estourar nos telhados dos prédios achatados.

E vem de repente aquela sensação de peso sobre os ombros, quilos, toneladas, a

pressão no coração que dá vontade de chorar pelas dores do mundo, dos animais, dos velhos, das crianças. João aperta o espírito do bebê contra o peito. Sabe a razão da cortina de veludo que subitamente torna seus pensamentos sombrios: eles estão aqui.

João agora pode vê-los de pé sobre os fios dos postes, imóveis como um bando de pombos, os trapos escuros balouçando ao vento da noite quente. Onde está a fortaleza agora, João?

Não quer olhar para cima, mas não consegue impedir o movimento da cabeça. A multidão parece brincar com ele, avançando quando ele avança, parando quando ele para. João sabe que eles estão esperando o momento certo para descer sobre ele como uma revoada de abutres. Pode vê-los contrair de leve os joelhos, feito quem se prepara para um longo salto.

Corre, João, corre.

João atravessa o cruzamento, os olhos quase fechados. Sente as lufadas do ar deslocado pelos carros, as buzinas ganhando volumes ensurdecedores, os palavrões dos motoristas rasgando seus tímpanos.

Um ônibus surge adiante. Um milagre, João pensa. Faz um sinal para o motorista. A multidão mergulha em sua direção.

O ônibus para, a porta se abre. João e o bebê estão dentro.

A porta se fecha no instante em que os primeiros vultos tocam a calçada. João os encara através do vidro, enquanto o ônibus se põe devagar em movimento.

Ele paga a passagem, atravessa a catraca e vai se sentar nos fundos. De lá, observa o cortejo desaparecer na distância, os rostos parecidos com máscaras inexpressivas.

Acha que está a salvo, João? Por quanto tempo?

Não quer pensar nisso. Quer aproveitar o momento para respirar, se recompor, cuidar do bebê em seu colo. E daí que ninguém o vê? E daí que é um espírito longe do corpo? Ainda é seu filho, sua obrigação é ficar com ele. E se aquelas coisas vierem buscá-lo – se não for possível escapar – irá junto.

O ônibus sacoleja pelos buracos e calombos do asfalto ruim. Pela primeira vez, o espírito do bebê olha para João. Tem a leveza de um punhado de pétalas no outono, uma consistência de luz líquida que confunde o tato, fazendo-o sentir frio e calor – ou uma terceira sensação, não sabe ao certo – onde sua pele toca a do filho. Mais bolhas estão se desprendendo do menino, e a ideia de que isso seja algum tipo de sinal para os vultos lhe causa arrepios. João não pode negar o medo que tem da criança, de sua silhueta borrada por um clarão sobrenatural, de suas pupilas tristonhas de quem conhece mistérios profundos.

É a alma de seu filho, João. Não tenha medo.

É difícil não ter medo, ele pensa. Todos têm.

Não dá para saber quanto tempo ficam no ônibus. Cochilou uma ou duas vezes, acordou num sobressalto outras tantas.

O bebê está gemendo em seu colo. Mais bolhas atravessam o teto do ônibus. João percebe, aterrado, que o filho está perdendo substância, se desfazendo em bolhas lentamente diante de seus olhos. Ajuda, deus, não o deixe desaparecer, o que vai ser do corpinho do meu filho sem um espírito para habitá-lo?

A sensação outra vez: dor, desespero, tristeza, tão fortes que a vontade de João é morrer.

Olha pela janela.

Onde eles estão? Não estão lá fora, não estão nos fios.

Dentro do ônibus, então.

Sim, dentro do ônibus, João, mas não são muitos. Na verdade, é uma só. A velha reptiliana com seu xale cinzento, seu vestido cujas cores a morte chupou e agora são de um preto apagado. Ela está sorrindo para você quatro bancos à frente.

João se recusa a olhar para ela. Queria poder forçá-la a não existir, fingir ser racional, mas há aquela porção sua que fica falando, falando e falando.

São lágrimas isso que nasce nos seus olhos, João? Chorar não adianta.

Mas adianta não chorar?

A velha se aproxima deles. Afaga os cabelos da criança. João se encolhe no banco e aperta o filho contra o peito. Está tremendo.

“Não o leve de mim”, choraminga. “Ele é só um menino. Não fez nada. Não viveu.”

Os olhos brancos dela encontram os dele, e João finalmente entende e se desespera: seu filho já está morto. Em algum lugar. A esposa chorando sobre o pequeno cadáver. Seu pai com olheiras profundas.

A vida é morte, João. Você não sabia?

“Deixa eu ir no lugar dele. Por favor.”

A velha não responde. Apanha o bebê cada vez menor dos braços de João e o aninha carinhosamente no seio. Aperta suas bochechas como uma avó amorosa. A criança ri e balança os bracinhos.

O ônibus para. As portas se abrem. A velha desce os degraus carregando o bebê. João vai atrás. Não pode ser fácil assim.

“Quero ficar com meu filho”.

A velha nada responde. Os mortos já falaram demais.

Dos becos, portas e janelas, as figuras esqueléticas vão surgindo e se unindo a ela em sua caminhada, dezenas de vultos confusos rumando lentamente para onde vão os que morrem.

“Levem-me também”, berra João.

Eles não querem você, João. Não chegou sua hora ainda.

Não chegou minha hora, ele diz a si mesmo. Num arroubo de desespero se atira diante de um táxi que desce a rua em alta velocidade. Na percepção de João, o impacto acontece em câmera lenta. O estalo molhado dos fêmures se partindo. O corpo ficando leve, uma trouxa de pano que trinca o para-brisa, rola pelo capô e se estatela no meio-fio.

Leve como uma pluma, João. Esvaindo-se em sangue como uma pluma, João.

Percebe a besteira que fez? Eles não vão lhe esperar porque não é sua hora.

O taxista está em pânico diante do corpo. As mãos na cabeça, o coração acelerado.

Ao lado dele está João, as roupas cada vez mais desbotadas e cheirando a mofo. Sua pele está gelada e branca como parafina. Não se reconhece naquele cadáver desajeitado. Aquele não é ele. João agora é aquela forma de outro mundo, um vazio abissal onde devia ter um coração latejando de sentimentos. Nem o desejo pelo corpo sinuoso de sua mulher resiste ao ocaso de sua carne. O mundo agora é fosco, escurecido como um anoitecer de inverno, uma paisagem numa fotografia que lentamente se consome na chama amarela de uma vela.

A procissão vai ao longe, murmurando seu cantochão monótono. A velha está lá com seu filho, João. Se quer zelar pelo espírito dele e ser o pai que nunca foi, é melhor se apressar.

Está ouvindo?

Corre, João, corre.

# Uma segunda opinião **Fernando Santos de Oliveira**

Foi decepcionante!

Renata viu Lucas, por quem estava apaixonada, beijando Ângela, a mais metida de suas colegas de classe. Isso aconteceu assim que pôs os pés no pátio da escola.

Procurou se recuperar do choque; correu para trás de uma das colunas próximas a parede e prestou mais atenção no que estava acontecendo: percebeu que Ângela não estava sozinha nessa, suas fiéis amigas também sorriam comemorando aquela vitória. Ana e Verônica eram tão traiçoeiras como qualquer serpente que Renata já teve a oportunidade de estudar nas aulas de biologia. Vestindo sorrisos de deboche, deviam estar loucas para encontrá-la e dizer o quanto sentiam por saber que Lucas não estava nem um pouco interessado nela como dava a entender.

Ressentida, desviou o rosto antes de voltar a observar.

– Se eu pudesse... – sussurrou cerrando os dentes com força até sentir o maxilar doer. – Elas iam ver só!

Lucas abraçou Ângela, levantou-a e a girou como numa dança para a qual Renata nunca fora convidada.

Isso foi a gota d'água. Ficou tão concentrada no espetáculo que mal piscou. Por isso quase largou os cadernos no chão, sobressaltando-se quando repentinamente uma mão tocou seu ombro.

– O que está fazendo aí, Renata? – uma amiga que passava sem perceber muita coisa.

– Nada... – disfarçou. – Eu estava indo embora... – e disparou desviando das pessoas no pátio, querendo instintivamente sair daquela situação humilhante.

Distanciou-se o máximo que pôde, entrando pelos corredores vazios do colégio. O lugar era antigo, cheio de detalhes em madeira, repleto de corredores compridos e altaneiros que mais lembravam um museu do que uma escola; Sem dar a mínima para onde estava indo, Renata se deixou perder, entrando por portas e caminhos que nunca vira antes.

– Por que isso só acontece comigo?! – pensou alto. – Por que... – secou uma lágrima de ódio e resolveu parar recostando-se à parede mais próxima. Respirou fundo, depois olhou ao redor: estava num corredor grande que possuía apenas uma porta no final. Os batentes desta entrada eram altos e sobre o pórtico conseguiu ler “Biblioteca”. Fora parar ali por puro acaso, ainda assim este imprevisto mostrava-se conveniente de alguma forma. Sem ter mais para onde ir, lentamente deixou seus passos seguirem para lá.

Poderia ser o lugar perfeito para ficar algum tempo sozinha.

Entrou curiosa na biblioteca. – É lindo! – deixou escapar. Nunca estivera ali

antes, verdade, mas o lugar era grandioso, como lhe contaram certa vez. Um espaço circular cheio de antigas mesas e cadeiras de madeira onde, nas bordas desse círculo imenso, diversas estantes sustentavam livros aos milhares. Renata viu placas penduradas no teto, indicando os assuntos que cada corredor, criados pelas estantes, sustentava.

Pensou que talvez fosse muito suspeito ficar sozinha sem nada para ler, por isso estendeu a mão tomando um dos volumes na prateleira sem sequer ler o título. As mesas estavam todas vazias. Nem o responsável por cuidar do lugar estava atrás do balcão, algo que trouxe certo conforto para ela naquele momento.

Puxou uma cadeira, sentou-se e largou o livro, que caiu pesadamente sobre a mesa.

Agora que estava mais à vontade, parou para pensar no que acontecera no pátio. Não! Parou para pensar em tudo que estava acontecendo há muito tempo em sua vida. Sentia-se feia, o espelho no banheiro de casa era ameaçador, parecendo dizer: “Você vai ficar sozinha...”. As outras pessoas se aproveitavam dessa baixa autoestima para ferir seus sentimentos. Disso tinha certeza. Estava cansada de tudo isso, muito cansada.

De repente, passos fora da biblioteca despertaram-na de seus pensamentos. “Quem?”, pensou. Levantou-se de um pulo e pegou o livro procurando por onde fugir do indesejável que lhe furtava o momento de paz.

Escolheu um dos corredores de estantes e seguiu rapidamente por ele. Aproveitou para olhar pelas frestas entre os livros, reconhecendo uma das garotas de sua sala que apareceu pela porta. Renata não queria ser encontrada por ninguém naquela hora. Caminhou até o final da estante onde o espaço estreito se abria para a esquerda e continuou a caminhar, deixando a colega cada vez mais para trás.

Mais à frente pôde ver uma porta aberta num cômodo que parecia ser uma sala de leitura.

– Ótimo! – Devia ser um lugar grande, não que ela conseguisse ver tudo o que existia ali dentro. Para uma sala de leitura havia sombras demais espalhadas por todos os lados. Conseguia enxergar apenas uma mesa de madeira, igual às demais na entrada da biblioteca, além de livros espalhados pelos cantos.

Quando entrou para procurar onde ficar, tomou um grande susto!

Não estava sozinha, como imaginara, havia uma garota do outro lado da mesa. Sentiu-se confusa, talvez fosse melhor sair e deixar aquela garota ler em paz. Por outro lado, precisava de sossego e distância da multidão. Tomando uma rápida decisão, puxou corajosamente a cadeira que estava mais próxima e sentou-se.

– Oi – disse a garota, para a surpresa de Renata. A voz dela carregava raiva, provavelmente interrompera seu estudo, e agora queria saber o que viera fazer ali.

– Boa tarde – respondeu tentando parecer natural. – Vim ler um pouco. Posso

ficar aqui?

– Eu sei que você não veio aqui para ler – afirmou a garota desconhecida.

Os olhos de Renata se arregalaram. Quem era aquela intrometida para dizer uma coisa dessas?

– Claro que vim ler, o que mais eu faria numa biblioteca? – ironizou.

– Então, – retrucou a menina – sobre o que fala o livro que você pegou?

Renata corou, pois não tinha sequer lido o que havia na capa.

– Se quiser ficar sozinha, posso ir agora.

– Não precisa ir – sorriu a estranha. – Se fizer isso eles vão te encontrar, estão todos no pátio prontos para tirar sarro do que aconteceu agora há pouco.

Era impossível. Não fazia o menor sentido. Aquela garota não tinha como saber sobre a vergonha que ela passara no pátio, a não ser que estivesse lá, ou que, de alguma forma, tivesse recebido a notícia.

– Como sabe o que aconteceu?

– Alguém não sabe, por um acaso? – zombou ela, envolta numa escuridão que mal deixava ver seu rosto.

– Você também achou graça, não foi? É amiga da Ângela?

– Não, não sou.

– Então, quem é você?

– Alguém que não entende como você consegue ser tão boazinha numa situação dessas.

Sentindo-se ainda mais inconformada, Renata despejou na mesma hora.

– Também acho... se é que você quer saber! Eu devia era fazer alguma coisa ruim mesmo, sabe? Virar o jogo, deixar de ser a garota que faz tudo certinho o tempo todo.

– E por que não reage?...Eles merecem provar do próprio remédio.

– Eu não sei como fazer alguma coisa assim... Esse é o problema.

– Se precisar de algumas dicas, acho que sei como te ajudar.

– Sério!? – empolgou-se Renata, deixando escapar um sorriso malvado que nunca havia surgido em seu rosto até então. – O que preciso fazer?

A garota do outro lado da mesa começou a falar coisas terríveis. Suas ideias eram tão obscuras quanto sua imagem que ainda se escondia no meio das trevas. Renata não desgrudava os ouvidos nem por um instante. Querendo saber como ir à forra com todos e se vingar da forma mais terrível possível.

– Antes de seguir estes planos – disse a garota -, você precisa mudar sua aparência.

– Como assim?

– Você não percebe como as outras meninas são populares? Elas não se vestem com essas roupas cafonas, nem usam penteados fora de moda como você. – Renata

inclinou-se um pouco para frente para ouvir melhor, e a garota também, querendo sussurrar algo. – A roupa mostra um pouco do que somos por dentro. Seja mais ousada, encantadora e... sensual.

O som do alarme informando o início da aula tocou alto. Renata pegou o livro sobre a mesa, empurrou a cadeira e foi até a porta ainda olhando para trás, meio de lado, como se a curiosidade a consumisse.

– Vou te encontrar aqui outra vez?

– Tenha certeza disso.

Apesar da semiescuridão, notou um brilho estranho no sorriso e no olhar daquela estranha. Isso trouxe um certo medo, percebeu que o frio da sala de leitura percorria sua nuca eriçando-lhe os cabelos.

– Obrigada.

– Deixe disso, não me deve nada.

Contente, foi embora da sala percorrendo o mesmo caminho de volta até sair no salão principal onde os bancos e mesas ainda permaneciam vazios. Sem demora, depositou o livro numa estante qualquer, depois saiu como se nada houvesse acontecido. Subiu as escadas em direção à sala de aula, entrou junto com o grupo, tomou seu lugar, mas quase não conseguiu prestar atenção no que a professora falava.

Ângela estava conversando tranquilamente com suas amigas, como sempre contando alguma coisa interessante, pois as outras não desgrudavam a atenção. Mas foi num reflexo rápido, numa olhadela desprestenciosa que viu Renata sentada a duas fileiras de cadeiras dali. Ela encarava Ângela com um olhar gelado. Observando-a como um lobo observa a presa antes de enterrar seus dentes nela.

Cismada, Ângela voltou-se para as amigas, que esperavam que ela continuasse falando... E sem o mesmo sorriso no rosto, continuou.

Quando a aula terminou, Renata saiu apressada, ganhou a rua, indo direto para casa colocar os planos em prática. Ela mal conseguiu dormir. Ao raiar o dia, começou os preparos para ser uma nova Renata. Aliás, esse era o significado de seu nome, não era? Um livro lhe dissera: renascida. Agora importava recomeçar do zero. Ressurgir dos escombros de uma menina boazinha para uma que seria respeitada e temida.

Para começar, precisava comprar roupas novas, por isso vasculhou a pequena caixa dentro do criado mudo na qual guardava sua mesada. Contou cada centavo, mas faltava-lhe ainda o dinheiro necessário. A solução era recorrer à única pessoa que ajudaria nessa situação, sua mãe. Procurou-a para barganhar os presentes de aniversário e fim de ano se ela a ajudasse agora.

– Prometo não pedir nada pelo resto do ano – insistiu.

Sua mãe relutou um pouco, até por fim ceder na esperança de que sua filha



estivesse se tornando uma garota menos retraída e mais confiante como as meninas da mesma idade. Renata comemorou, apressando-se em ir ao shopping escolher o que vestiria dali para frente. Deixou os velhos trapos de lado e montou um novo guarda-roupa, comprando o que mais chamava sua atenção atrás das vitrines.

Ainda no início da semana foi ao cabeleireiro indicado pela amiga de sua mãe.

– Ele é ótimo, Renata! Tem mãos de anjo – sorriu. – Depois que ele terminar de arrumar seu cabelo, você se sentirá outra pessoa, acredite!

Saindo do salão, parou na frente do espelho para olhar o que conseguira até ali. Estava ótima. Era inacreditável ver que não estava igual às outras garotas do colégio, estava muito melhor!

Quando o dia seguinte nasceu, pegou o resto do dinheiro e foi à perfumaria. Não sabia muito sobre esse tipo de artigo, por isso ao entrar na loja pediu que a ajudassem na escolha de alguma fragrância que fosse marcante. Talvez tenha levado a tarde toda, até finalmente encontrar algo de que gostou. Apesar disso, precisava de uma segunda opinião, então se arrumou e foi mais cedo à escola. Entrou na biblioteca na expectativa de encontrar a estranha menina na sala de leitura. E lá estava ela.

Entrou calmamente para não atrapalhar outros alunos que pudessem estar lendo ou fazendo trabalhos. Por sorte, não havia ninguém além da garota do outro lado da mesa, onde Renata se sentou novamente.

– E agora, o que você achou? Não estou linda!? – perguntou sem fazer rodeios.

– Parabéns! Dessa vez ninguém tem como te colocar para baixo.

– Será que vão reparar em mim agora? – preocupou-se. – Estou tão nervosa que dá vontade de sair correndo de volta para casa e me esconder debaixo da cama.

– Você não tem com que se preocupar. Vê se para com esse dramalhão.

– Tudo bem. Vou tentar.

– Não vai tentar, vai conseguir – insistiu. – Ainda se lembra de tudo que ensinei?

– Acho que sim.

– Então aqui vai mais um conselho.

– Que conselho?

– Livre-se desses amigos babacas que você tem. Eles não são para você. Agora seu lugar é entre gente mais interessante.

Pensou um instante, estava na dúvida, mas resolveu seguir esse conselho também.

Precisava se livrar daquele bando de idiotas que eram seus antigos amigos. Obviamente não tinham classe nem pensavam como pessoas interessantes, mereciam estar em segundo lugar e, por isso, quando começaram a ligar naquela semana receberam desculpas esfarrapadas da razão pela qual não podia sair com eles. Inventava qualquer coisa querendo despistar e, com o passar do tempo, perceberam

que ela os evitava ao máximo, ficando sempre perto dos alunos mais badalados na escola, por isso, magoados, começaram a ignorá-la também.

Sem faltar, Renata ia pelo menos uma vez por semana para a pequena e escura sala de leitura que achava dentro da biblioteca, onde se encontrava com sua amiga estranha, mas de ideias realmente notáveis! Sentava-se na cadeira de costume e contava tudo que havia feito e os garotos novos que conquistara sem grandes esforços. Disse que finalmente os velhos amigos deixaram de amolá-la. Agora estava livre como um pássaro! Depois se despedia da garota envolta em trevas.

“Esquisita, mas estudiosa”, pensava Renata. “Nunca sai da biblioteca para nada, deve ter ótimas notas”.

Só que agora restava uma coisa a ser feita: colocar os planos de vingança em ação. Não suportava olhar para Ângela, cheia de si, querendo ser melhor do que ela em cada oportunidade. E foi num dia nublado que pegou o material escolar, arrumou-se bem, como era costume já há algum tempo e, sem cumprimentar ninguém no pátio, entrou pelo corredor indo direto à biblioteca procurar a garota da sala de leitura.

Outra vez encontrou-a no mesmo lugar, como se esperasse-lhe todas as vezes.

– Oi! – Renata sorriu.

– Então, como se sente agora?

– Muito bem! Minha vida mudou radicalmente, do jeito que eu sempre quis – falou. – Só falta uma coisa, não é verdade?

– Eu sei no que está pensando.

– Quero que elas chorem como eu chorei! – corou de raiva.

– Não se preocupe. Elas vão chorar... Muita gente vai chorar.

Renata se perguntou o que ela queria dizer com “muita gente vai chorar”, mas deixou isso para outra hora.

– Você tem um plano?

– Claro que tenho. Escute com atenção – disse a estranha garota. Então explicou passo a passo o que tinha em mente para tirar as garotas do caminho de Renata. Por fim, ficou tudo certo. Só restava colocar em prática.

Verônica. Esse era o primeiro nome da lista. Renata fechava os olhos e lembrava da cena como se fosse há poucos minutos... O sorriso dela no pátio enquanto Ângela roubava seus sonhos.

Renata aguardou um pouco na biblioteca antes de voltar do intervalo e agiu. Entrou despercebida na sala de aula. Como a garota previra, a professora deixara a bolsa pendurada em sua cadeira próxima à lousa como sempre fazia.

Aproximou-se da bolsa tomando o máximo de cuidado. Embora ouvisse o som de passos no corredor, parecia distante. Estendeu a mão e abriu a bolsa da velha professora Sophia, procurou rapidamente até encontrar o celular dela. Era chique,

caro e vivia tocando no meio da aula. Disso ela sabia bem. Fechou a bolsa cuidadosamente e enfiou o celular dentro da mochila da Verônica, a algumas carteiras de distancia de onde estava.

O intervalo terminou pouco antes de Renata arrumar um álibi. Foi correndo para o banheiro e quando já estava atrasada para entrar na sala de aula é que bateu na porta. Assim ninguém desconfiaria que estivera ali tanto tempo. Tomou seu lugar sem olhar para Verônica, depois permaneceu quietinha. A aula recomeçou sem qualquer problema. Até que o celular da professora começou a tocar dentro da bolsa de Verônica e todos olharam para ela que, claro, não sabia de nada. Dona Sophia ficou estarecida.

Os alunos sabiam qual era a música que a professora usava no celular quando uma ligação era recebida. O mau costume de receber ligações particulares enquanto dava aula não ajudou Verônica.

– O que significa isso, mocinha? – perguntou furiosa enquanto o resto da sala voltou-se para ver a cara de pânico da colega de classe.

– Eu... eu... não sei! – retirou o celular de dentro da bolsa e lá estava o aparelho da professora.

Dona Sophia voltou-se para a classe imediatamente.

– Meus queridos alunos... preciso conversar em particular com a senhorita Verônica, me esperem aqui e não façam bagunça, porque se eu ouvir algum pio, vou conversar com o engraçadinho também!

Assim que a porta bateu atrás da professora, ao sair, a sala não conseguiu ficar quieta. Aquele episódio foi o tema da semana. A partir de então, ninguém conseguia parar de falar sobre o que Verônica havia feito com o celular da professora. Talvez fosse um pequeno desvio de conduta, pensavam alguns, ou uma brincadeira que estivesse planejando fazer, mas que foi por água abaixo quando o aparelho tocou. Vai saber... Verdade mesmo é que daí para diante a fama dela seria de ladra.

Como ficou feliz com esse desenrolar das coisas! As dicas da menina da biblioteca eram mais do que fantásticas, eram maravilhosas! Precisava voltar e contar tudo a ela. E foi o que fez sem titubear.

A biblioteca, como sempre, estava vazia antes do horário de aula, e a responsável não se encontrava ali. Por isso Renata se sentia livre para entrar e ir diretamente para a sombria sala de leitura, sem se preocupar com mais nada e ninguém. Entrou e sentou-se rapidamente, ofegante, quase explodindo de tanta vontade de dizer à estranha garota o que havia ocorrido.

– Pelo sorriso em seu rosto, as coisas funcionaram conforme o planejado, não foi? – disse a estranha, retribuindo o sorriso da amiga, de uma forma mais sinistra e perturbadora do que antes.

Renata já não ligava para isso. Era realmente uma garota esquisita, aquela, mas e

daí? Pelo menos suas ideias superavam seus defeitos e era isso que importava.

– Você precisava ver a cara dela! – exclamou triunfante, tão risonha que até parecia que cairia da cadeira. – O jeito que o mundo colorido dela desabou quando a professora ouviu a musiquinha de seu celular, alto e claro.

– Ninguém desconfiou de você?

– Claro que não! – retrucou alegre. – Se alguém soubesse já teriam falado comigo há muito tempo.

– É...acho que sim – concordou. – E agora o que pretende fazer?

As risadas de Renata se calaram rapidamente. Entrou num tipo de transe como se pensasse seriamente sobre alguma coisa que preferia organizar na cabeça antes de dizer. Por fim, piscou, como se retornasse de seus pensamentos, e disse uma única palavra.

– Ana...

– Pensei que não ia lembrar dela.

– Como eu não me lembraria? Aquela bruxa estava do lado da Ângela no pátio, sorridente como a Verônica... Talvez seja hora de ela pagar pelo que fez, assim como sua amiguinha.

– Também acho. Já pensou em como vai fazer isso?

– Não tenho uma boa ideia... Você tem?

Novamente se inclinou para a mesa querendo ouvir o que a menina tinha para dizer, vendo-a se aproximar da mesma forma.

– Claro que eu tenho... claro que eu tenho. Ouvi dizer que ela é uma menina medrosa, sabia? – sorriram ao pensar nas possibilidades.

Não foi fácil descobrir do que Ana tinha medo. Gastou tempo e mais de uma semana tentando conseguir a informação, até finalmente alguém contar durante uma conversa ocasional. Descobriu que Ana, aquela garota aparentemente inabalável, tinha um profundo medo de escuro.

Isso era tudo que Renata precisava saber. Em pouco tempo falou novamente com a garota da biblioteca, juntas montaram um plano que agradou a ambas.

Tudo bem, o plano não era fácil como parecia. E de todos era o mais macabro, talvez fosse essa a palavra. Mesmo assim não poderia voltar atrás. Ana merecia, por isso resolveu que faria com o máximo de cautela possível.

Sem despertar qualquer suspeita, Renata seguiu por um dos corredores vazios que conhecia dentro daquele colégio. Assim que começou o intervalo, pediu licença para ir à secretaria e desviou seu trajeto disfarçadamente. Certificou-se de que não havia ninguém atrás de si, então apertou o passo sentindo-se segura para ir adiante. E durante o trajeto, as luzes fracas que vinham do teto jogavam sua sombra contra o chão ampliando-a como se fosse sua segunda personalidade.

Rapidamente, chegou ao final do corredor encontrando uma porta que nunca vira ninguém abrir antes. Era de madeira, com uma tranca de ferro bem forte posta do lado de fora. Abriu-a e olhou para dentro, o lugar era enorme, imerso na mais completa escuridão. Quem entrasse ali tinha que ter cuidado com os degraus pra não cair e se machucar pra valer, pois eles levavam ao fundo do porão. O lugar certo para o plano.

– Vai ser aqui! – pensou alto.

Voltando do intervalo, Renata assistiu pacientemente às aulas. Seus pensamentos, porém, não estavam nas matérias. Longe disso, sua mente era um turbilhão de sentimentos, imagens e reflexões. Ser uma garota popular era realmente legal para ela, mas não apagara a vontade de se vingar deles. De cada um deles. Até mesmo as garotas que tanto odiava se aproximaram dela após sua mudança de atitude e visual, como parasitas da fama, querendo brilhar com ela quando estava junto da galera. Agora se faziam de suas amigas, puxando assunto, chamando para festas, elogiando... Falsas e condicionais, mas ela preferia assim, pois quanto mais próxima estivessem, mais teria chances de encontrar uma forma de executar seus planos.

A notícia que chegara por meio de uma conhecida piorou a sua ira. Uma semana atrás, Ângela e Lucas terminaram o namoro – algo que a deixou muito satisfeita –, porém isso aconteceu por que Lucas mudaria com sua família para outra cidade, sendo então transferido. E infelizmente foi assim. Talvez nunca mais voltasse a ver o rosto dele, nem ouviria sua voz. Restava-lhe a vingança. Uma sede que a consumia no deserto da sua alma.

As aulas daquele dia terminaram. Renata guardou o material e chamou Ana a um canto para conversarem um pouco.

– Preciso de sua ajuda – disse, fingindo preocupação.

– Não sei se posso, tenho que ir embora antes que fechem o portão.

– Vai ser rápido, por favor!

Ana concordou depois de uma promessa de que não iria demorar, e no mais, queria continuar agradando, mesmo que não gostasse realmente dela. Então seguiu Renata, que ia cada vez mais veloz pela escadaria até perdê-la de vista.

– Me espere! – gritou Ana.

No final de um dos corredores Renata apareceu afoita.

– Por aqui, rápido!

Sem entender nada do que estava acontecendo, Ana chegou ao corredor onde vira Renata entrar. Havia diversas portas nas laterais, e uma porta aberta no final. Já não havia ninguém nas salas, todos tinham ido embora, isso lhe deu um frio na espinha e, relutante, começou a chamar por Renata, cuja voz agora parecia estar ecoando de longe. Vinda de algum lugar que não sabia distinguir.

– Aqui! Venha... – ouviu quase como um sussurro. Chegou à porta e olhou para

dentro, sentindo o medo corroer sua pele macia. Chamou por Renata, que parecia estar em lugar nenhum, sem receber qualquer resposta.

Tomando coragem, desceu os degraus do porão caminhando até chegar ao meio daquele lugar assustador, úmido e cheirando a mofo. Mas seu coração disparou quando viu a porta se fechar, embora não conseguisse nem de relance ver quem fechara. Correu rapidamente se agarrando à maçaneta, girando-a sem conseguir abrir a porta, estava trancada por fora. Bateu na porta e gritou com todas as forças, mas ninguém apareceu. Agora estava sozinha, sendo abraçada pela escuridão.

Renata caminhou lentamente até o começo do corredor de onde ainda podia ouvir o som das batidas na porta e dos gritos de Ana. Porém, a cada passo, os sons pareciam mais distantes dentro daquele emaranhado de corredores vazios, até sumirem como o lamento de um animal desesperado no início da noite.

Sem pressa, Renata saiu da escola dizendo ao vigia que perdera o horário, voltou para casa, tomou um banho quentinho e comeu alguma coisa antes de se deitar numa cama macia.

Ficou um tempo de olhos abertos, pensando como Ana estaria naquele momento. Ninguém poderia ouvi-la gritar dentro daquele porão imundo. Um ótimo plano! Renata sorriu antes de pegar num sono pesado e repleto de sonhos opressores.

Quando acordou havia quase se esquecido do que fizera. Ao entardecer seus amigos contaram como o caseiro encontrou Ana dentro do porão, encostada junto à porta. De tanto medo havia encravado suas unhas na madeira maciça criando sulcos profundos. Contaram como seus olhos estavam arregalados e distantes, e de como falava frases desconexas e desesperadas. Renata não disse nada. Ana merecia ter passado uma noite com seus piores pesadelos, assim como ela teve que dormir muitas vezes com o descaso que também a atormentou tanto tempo.

No horário de sempre foi à biblioteca e teve vontade de dançar de tanta alegria. O silêncio fazia daquele lugar um santuário. Abriu os braços, ensaiou um passo à frente e outro para o lado, girou para a direita, para a esquerda, cantarolando baixinho e rindo. Dançou contente, tomando o ar como parceiro de dança. Era sua vez de dançar e sorrir, os livros eram os únicos que a viam naquele momento. Quando ficou satisfeita, entrou pelo corredor criado pelas estantes e foi até a sala de leitura encontrar a garota que tanto a ajudara. Antes, no entanto, pegara um livro para disfarçar.

– Quase cheguei a ter dó – relatou. – Mas os gritos dela pareciam música para meus ouvidos. Talvez meus dias de lágrimas também parecessem música aos ouvidos dela.

– Entendo – disse a garota. Era estranho como ela parecia cada vez mais velha. Mais distante e horrível.

– Como teve uma ideia daquelas? Foi formidável!

– Ainda não acabamos. Uma delas ainda tem que pagar pelo que fez...

Renata pensou.

– Claro, Ângela.

– A hora dela sofrer finalmente chegou – a garota soava como uma velha truculenta de dentes tortos e hálito nauseabundo. Foi uma impressão breve. Ao piscar, Renata viu que era a mesma menina de sempre, sorrindo e segurando um livro.

– Como?

– Percebeu que ela está de namorado novo?

– Percebi – respondeu cerrando os olhos. – Depois que o Lucas foi embora, Ângela não perdeu tempo.

– Não deixe escapar essa oportunidade! Sei que você não está interessada em ninguém, mas seria ótimo pagar na mesma moeda, não seria?

– No que está pensando?

– Eu sei que ele fica olhando para você de vez em quando – disse a garota.

– Fica mesmo? – surpreendeu-se Renata, que nunca percebera isso.

– Lógico que fica. Fique esperta.

Ao sair da sala, agora sabia exatamente o que fazer. Chegou em sua casa e vestiu a roupa mais adequada para a ocasião, depois se arrumou o melhor que pôde e foi para a escola observar se o novo garoto estava por perto. Ele costumava chegar mais cedo e ficava no pátio conversando com alguns amigos antes que a namorada, Ângela, chegasse.

Então Renata permaneceu de prontidão, sozinha perto de um banco qualquer do pátio. Lançou olhadelas para o rapaz que surgia pelo portão naquele momento. Ele retribuiu com um sorriso desprezioso. Ao longo daquela semana, começaram as trocas de palavras com ela. Renata usou de todas as armas, embora não gostasse dele. Queria apenas se vingar.

E conseguiu! Não demorou tanto para que roubasse um beijo dele no mesmo instante em que Ângela chegava à escola. Renata queria mesmo que ela visse, queria que sentisse o que ela sentiu no dia em que foi desprezada diante de todos.

– O que significa isso? – disse Ângela zangada, desferindo um tapa no rosto do namorado, e outro no rosto de Renata. O rapaz foi embora no mesmo momento sem saber o que dizer, mas a briga entre as duas continuou.

– Vou fazer você pagar por isso! – disse Ângela.

– Você é que me deve, sua vagabunda, que não perdeu tempo em pegar o cara que gostava de mim!

– Ele nunca gostou de você e todo mundo sabe disso. Estava comigo é porque queria, ninguém forçou nada. E, aliás, nunca fui sua amiga, não fazia a menor ideia de que você gostava dele.

– Não fazia uma ova!

– Era isso que você queria? Todo mundo aqui olhando pra nós, vendo essa cena ridícula? Você é baixa demais, Renata... Tenho pena de você... – disse Ângela dando as costas e indo embora ainda com lágrimas nos olhos.

Mas para Renata não podia terminar assim. Não mesmo! Queria finalizar aquela conversa e por isso voou no pescoço de Ângela encostando à parede.

Ângela tentou se esquivar da violência de Renata da melhor forma que pôde, mas foi derrubada e sentiu as mãos da rival cravadas no pescoço. Começou a sufocar sob uma Renata que parecia um animal raivoso.

– Socorro! – Ângela gritou sem conseguir se livrar.

Os gritos se alternavam a engasgos, as unhas cravadas lhe ardiam a pele, faltava-lhe o ar, então já não havia mais nada.

Renata parou quando Ângela jazia silenciosa e flácida.

Tarde demais, uma multidão de alunos se aproximou.

– Ela está morta... – disse um deles depois de tentar sentir o pulso de Ângela.

– Como você pôde fazer isso!? – disse outra aluna encarando-a indignada.

Quando percebeu, já estava encurralada. – Saiam da minha frente! Saiam! – empurrou quem pôde, saindo desesperada pelos corredores, e sem perder tempo entrou pelas portas da biblioteca tentando chegar à pequena sala de leitura. Tinha que contar tudo à sua amiga e pedir conselhos sobre como fugir daquela situação.

Agora era uma assassina! Não era isso que queria, na verdade, não era nada disso que ela desejava desde o início. Tinha ido longe demais. Agora os alunos deviam estar contando para a diretora aquilo que viram ocorrer no pé da escada. Ela, por sua vez, devia estar ligando para a polícia.

Sem demora, entrou pela porta da pequena sala e sentou ofegante, esperando se possível uma palavra de consolo. Foi assim que chegou contando tudo que ocorrera.

– Você precisa me ajudar! Foi um acidente, entendeu? Eu não queria ter matado a Ângela, e eu nem gostava do cara que ela tava saindo! E agora, o que eu faço? Fala!

A garota apenas olhou intrigada, do meio da escuridão, e sorrindo disse:

– Você queria ser maldosa, deixar de ser aquela menininha que fazia tudo certinho, que tinha amigos impopulares... tudo tem um preço.

– Eu não pedi pra ser uma assassina!

– Mas era um risco.

– Você parece gostar disso, não é? Tudo não passou de um jogo pra você se divertir com a minha cara.

– Na verdade....Renata, tudo isso foi um jogo, sim, você aceitou as regras e jogou para ganhar o prêmio. Espero que esteja satisfeita agora. E por falar nisso, você está péssima.

Renata ergueu-se de punhos cerrados, batom borrado no rosto por causa do tapa



que levava, e cabelos desganhados depois da luta com Ângela.

– Quem você pensa que é pra falar assim comigo? – gritou irada e enlouquecida.

Agora queria ver melhor a cara daquela garota maldita que havia lhe dado tantos conselhos ruins. A única responsável por ter inflamado a ira que sentia por aquelas pessoas. Se não tivesse dado ouvidos a ela, aquele poderia ter sido apenas mais um dia ruim. Infelizmente encontrara aquela sala de leitura.

Num lance rápido estendeu a mão para ligar a luz, e apertou o interruptor. A cena que viu fez gelar seus ossos.

Do outro lado da mesa havia apenas uma cadeira velha, sobre a qual repousava um espelho de parede bem antigo. O lugar não era uma sala de leitura e sim um quatinho de bagunças, onde foram colocados a mesa, algumas cadeiras, e livros empilhados nos cantos das paredes.

Depois de ver seu reflexo no espelho, sua imagem agora tão diferente do que era antes, Renata pôs o rosto entre as mãos, enquanto ouvia se aproximar o som de passos a sua procura.

# Maria e a fada Ana Cristina Rodrigues

O fogo não aquecia os ossos de Olivier de La Marche. O ano de 1480 trouxera um inverno rigoroso na região da Flandres e mesmo na frente da lareira o velho cronista não podia deixar de suspirar, saudoso dos tempos e climas mais amenos de Dijon. Mais uma vez, sentiu dentro de si a raiva constante contra Luís XI, o rei que provocara a queda de seu senhor, Carlos da Borgonha.

Depois da morte do duque, a sua única herdeira acabara perdendo a mais querida das possessões de seu pai, o ducado da Borgonha. E só não perdera tudo por ter seguido o conselho dos burgueses dos seus territórios e de sua madrastra, Margarida de York, tornando-se esposa do arquiduque Maximiliano de Áustria, filho do Imperador.

La Marche tinha nojo do marido de sua senhora. A boca sempre aberta, o nariz grande demais e a aparência de estar eternamente em dúvida sobre o que fazer contrastavam com a beleza delicada de Maria, de rosto pequeno e bem proporcionado. Não passava um dia sem que o *maître d'hôtel* borgonhês lamentasse a recusa do falecido duque em casar a filha, embora não faltassem pretendentes. Por essa teimosia, a moça vira-se órfã, à mercê do monarca ambicioso que destruíra sua família. O casamento com a família Habsburgo, a linhagem que detinha o poder sobre as muitas terras do Império, fora a única saída.

Para o leal servidor borgonhês, era como ceder uma fada delicada a uma gárgula cruel. Fora contra, argumentara arduamente com Margarida, mas em vão. La Marche sabia que o casamento era a única forma de proteger o que restava do poder do seu falecido senhor e manter a jovem a salvo de seus inimigos.

Pelo menos, os dois filhos haviam nascido saudáveis e parecidos com a mãe.

Ouviu passos leves quando sua jovem senhora entrou na biblioteca do palácio ducal de Bruxelas. Parecia abatida, como se ainda não estivesse recuperada do parto de sua filha. Estava vestida com uma simplicidade que não condizia com sua alta condição e usava os cabelos loiros presos no alto da cabeça. Era como se fosse ainda mais nova do que seus 23 anos.

– *Oncle* La Marche... Sabia que ia encontrá-lo por aqui.

O servidor sorriu com o tratamento familiar. Tinha idade para ser realmente tio de Maria, afinal era mais velho que o falecido duque. Olhou-a com carinho enquanto a arquiduquesa sentava-se em uma cadeira um pouco mais próxima ao fogo.

O silêncio caiu entre eles. La Marche esperou alguns minutos antes de se atrever a falar qualquer coisa.

– Aconteceu algo, minha senhora? Posso ajudar em alguma coisa?

Ela desviou os olhos claros da tapeçaria pendurada em uma das paredes da

biblioteca e fixou o olhar no rosto do velho.

– *Oncle...* Como era mesmo a história da fada Melusina?

Um sorriso percorreu a face enrugada. Fazia quase cem anos que o duque de Berry, parente de Maria, havia contratado um prosador para escrever o ‘Romance de Melusina’, e ele, La Marche, passara boa parte da infância da jovem duquesa narrando a sua própria versão. E fizera-o tão bem que Maria rejeitava a versão de João de Arras. Empertigou-se na cadeia, ajeitou a manta sobre os joelhos e empostou a voz.

– *Cherie*, é bom ver que ainda gosta das minhas velhas histórias. Muitos anos atrás, quando ainda reinava sobre a França a dinastia dos Capetos, ainda se encontravam fadas nas florestas e nos lagos. Muitas não gostavam de viver com os humanos, pois tinham pavor de igrejas e padres. Mas uma adorava a humanidade e havia se casado com um velho rei com quem tivera três filhas...

Parou para tossir, tentando arranjar uma posição mais confortável. Sentia dor nos ossos, mas queria contar a história até o fim. Pela idade e saúde debilitada, achava muito improvável que viesse a contar para os filhos de sua senhora alguma das muitas lendas, aventuras e romances que conhecia.

– Pressina, este era o nome da fada, pedira uma única coisa às filhas: que jamais entrassem na sala de tesouro do rei. Temia que as meninas desfizessem o encanto protetor que fizera no dia de seu casamento, concedendo uma longa vida ao seu marido. Por muito tempo, elas respeitaram a proibição. Porém, fadas são criaturas curiosas por natureza e as moças não conseguiram mais segurar seu instinto. A mais velha, Melior, convenceu as irmãs a entrarem na sala do tesouro. Garantiu que não haveria mal algum, não mexeriam em nada e que elas tinham que conhecer todos os cantos do castelo. Tomaram coragem e seguiram em frente.

Na infância de Maria, La Marche sempre parava nesse trecho para realçar a importância de ser obediente e respeitar as ordens dos pais. Agora, com ela crescida e já mãe, achou desnecessário repetir o aviso. Continuou.

– Admiraram os tesouros adquiridos pelo pai, que fora em sua juventude um cavaleiro destemido e um guerreiro brilhante. Havia tapeçarias luxuosas, com brocados de ouro e prata, penduradas em todas as paredes; estátuas de deuses pagãos, cujos olhos eram rubis gigantescos ou imensas esmeraldas, adornavam a sala. Ficaram boquiabertas com todas as riquezas que viam, até que Palestina, a filha do meio, reparou em um baú que estava em um canto da sala. Aproximou-se, mesmo com os avisos de suas irmãs, e viu que estava trancado. Argumentou que só queria olhar, prometendo não mexer em nada que estivesse dentro do baú, não importava o que fosse. O tesouro seria delas um dia, precisavam conhecer o seu conteúdo. Um pouco a contragosto, as outras duas ajudaram a procurar a chave. Não demoraram muito para encontrá-la, pendurada no braço da estátua de Apolo.

A duquesa acompanhava a narrativa com interesse no olhar, mesmo conhecendo a história de cor, tantas foram as vezes em que La Marche a contara.

– Abriram o baú e notaram que lá dentro havia uma caixa, quase do mesmo tamanho, com apenas um pequeno espaço para que pudessem puxar a tampa e abri-la. Palestina tentou, mas suas mãos eram grandes demais para executar tarefa tão delicada. Melhor, rindo da falta de habilidade da irmã, colocou a mão dentro do baú, mas também não conseguiu. Sobrou apenas a mais nova, Melusina, que era também a mais bonita e a mais delicada. Relutou muito, não querendo desobedecer mais ainda. Como as irmãs garantiram que nada de mais aconteceria e que só iriam olhar o que seria aquele tesouro tão precioso, acabou colocando a mão e abrindo a caixa, tarefa que só era possível por ter mãos muito pequenas e delicadas. Retirou uma imensa pedra, vermelha como o sangue, pulsando com uma luz mortiça. As três irmãs pararam para admirar aquele que parecia ser o maior tesouro daquela sala cheia de riquezas...

Um serviçal interrompeu para avisar Maria que o almoço seria servido em breve e que o arquiduque fazia questão da presença de ambos. Com um acenar de cabeça, tentando não demonstrar o quanto essas exigências a irritavam, dispensou o serviçal. La Marche prosseguiu.

– Foi quando ouviram a voz de sua mãe, a fada Pressina, ressoando no salão: “O que vocês fizeram?”. A pobre Melusina, apavorada, largou o precioso cristal que tinha nas mãos. O grito de dor de Pressina ao ver a pedra espatifada no chão quebrou vidros em todo o castelo. “Vocês mataram o rei!” Ela havia infundido aquela pedra com parte da essência do seu marido: enquanto a pedra estivesse segura, assim ele estaria. Mas no mesmo momento em que a gema quebrou-se, o coração do velho rei parou de bater. Pressina estava parada na porta do salão, os olhos em fúria. “Vocês desobedeceram às minhas ordens! Disse para não entrarem aqui, mas vocês não me escutaram. Por isso, serão punidas. Melhor, como faz questão de conhecer todo o castelo, você será a guardiã dele!” Transformou sua filha mais velha em uma imensa gárgula que protegeria a entrada da residência. “Palestina, tanto quis conhecer os detalhes do tesouro de seu pai que agora se tornará parte dele.” A filha do meio endureceu e virou uma estátua de ouro, a boca aberta em uma exclamação eterna. Só restava a filha mais nova. “Você foi conduzida pela leviandade de suas irmãs, mas foi por sua culpa que o rei morreu. Por isso, você não terá mais lugar neste castelo. Deve vagar pelo mundo procurando alguém que a queira... E este deverá respeitar o seu segredo: todos os sábados, você se transformará em um dragão dourado. Jamais o seu marido poderá vê-la na forma de serpente, pois se isto acontecer, você jamais voltará a ser uma mulher. Agora, vá!”

O velho parou por uns instantes, olhando o fogo que continuava a arder. Lembrou-se das muitas vezes que contara aquela história para Maria em Dijon.

Também eles tinham sido expulsos do lugar onde moravam, mas por erro de outros. Na verdade, fora pela ambição do falecido duque. Engoliu sua revolta com o destino ingrato da dinastia a que servia e continuou.

– E Melusina vagou por muitos anos. Como o sangue das fadas era muito forte em seu corpo, não estranhou a vida na floresta, mas ansiava por voltar a viver entre os homens. Tinha a esperança de encontrar um jovem para desposá-la. Sendo o que era, possuía habilidades sobre-humanas e estava disposta a auxiliar seu futuro marido a tornar-se um homem rico e poderoso. Um dia, ao entardecer, banhava-se em um lago quando ouviu algo se mexer na floresta ao redor. Não precisava sentir medo, afinal, era uma fada. As únicas criaturas que fadas realmente temem, além de padres, são os dragões. Ficou olhando na direção do som com curiosidade. Um jovem surgiu na beira d'água, parecendo aturdido e surpreso ao vê-la. Não conseguiu falar e foi Melusina quem começou a conversa. “O que faz na minha floresta, jovem senhor?” Ainda parecendo não saber o que falar, o rapaz respondeu em voz sumida: “Meu nome é Raymondin, bela senhora. Sou o filho mais novo de uma família sem terras. Foi dito que nesta floresta, eu encontraria o maior tesouro do mundo... E ao vê-la, senhora, tive a certeza disso...” Ela sorriu, satisfeita com a impressão que causara. Pensou que ali estaria a sua volta ao convívio dos humanos. Propôs casamento ao jovem, dizendo que o ensinaria a fazer fortuna. Porém, como sempre acontece quando uma fada casa com um mortal, impôs a sua condição: ele jamais deveria vê-la aos sábados. Ele aceitou, e assim uma criatura especial como Melusina casou-se com um reles mortal.

Com um suspiro, conteve a comparação que lhe veio à mente. Parecia-lhe tão absurdo o casamento de Melusina e Raymondin como o de Maria e Maximiliano. Jamais admitiria que uma criatura perfeita como sua senhora pudesse estar casada com... aquela gárgula! De repente, levantou-se.

– Minha querida senhora, há algo que eu queria lhe mostrar por muitos anos. Acompanhe-me até meu *scriptorium*. No caminho, prosseguirei com a história.

Maria apoiou La Marche em seu ombro e caminharam juntos pelos corredores do castelo, passando por serviçais.

– Então, viveram por sete anos muito felizes. Melusina cumpriu o prometido, e Raymondin tornou-se um importante senhor, proprietário do castelo de Lusignan, um dos mais belos de toda a França. A cada ano, tiveram um filho. Os seis primeiros carregaram em si a herança do belo povo, com pequenos detalhes que os diferenciavam dos demais humanos. Um tinha as orelhas pontudas, outro, os olhos de gato; já o mais velho possuía dentes afiados. O sétimo, Thierry, porém, nada tinha de sua mãe. E esta declarou a Raymondin que aquele seria o seu herdeiro. O já não tão jovem marido aceitou, como sempre aceitava as recomendações e conselhos de sua mulher. Mesmo a estranha proibição de vê-la aos sábados fora seguida com

rigor. Mas sua família estranhava os hábitos dela, e seus parentes começaram a reclamar com Raymondin. Seus irmãos diziam jamais terem visto uma mulher que se escondia do marido uma vez por semana. E mesmo sendo tão ignorantes quanto Raymondin fora, davam-se ares de entendidos, acusando Melusina de bruxa ou feiticeira...

Chegaram ao *scriptorium* de La Marche, que começou a procurar algo. Maria ficara na porta, esperando.

– Tanto falaram que o próprio Raymondin começou a sentir-se incomodado com a ausência de sua esposa. Apesar de em seu coração ter a certeza de que Melusina jamais faria algo de maligno, dúvidas surgiram. Pensou que se apenas espiasse, sem que a mulher percebesse, não aconteceria nada de mais. E foi isso que fez. Esperou o sábado seguinte, quando, como em todos os sábados, Melusina trancou-se em seu aposento particular. Raymondin havia preparado um lugar para observá-la, sem que ninguém soubesse, e dirigiu-se para lá. Quando finalmente espiou, ficou estarrecido. Sua belíssima esposa banhava-se em uma imensa banheira de ouro. Mas da cintura para baixo, seu corpo era o de um dragão dourado, com escamas imensas e brilhantes. No instante em que pôs os olhos nessa estranha cena, Melusina soltou um grito cheio de dor “Você me traiu!” As escamas subiram, tomando o seu tronco. Seu rosto de traços delicados transformou-se na carranca de um horrendo dragão. Antes que Raymondin pudesse reagir, Melusina voou pela janela. Rodeou o castelo por três vezes, recolhendo os filhos que mais se pareciam com ela, deixando apenas Thierry, o herdeiro. Depois, desapareceu na direção do sol poente. Alguns dizem que ela foi para Avalon, a ilha das fadas. Raymondin esperou até o final da vida pela volta de sua esposa, em vão. Ao morrer, Thierry herdou o castelo de Lusignan, que até hoje pertence aos seus herdeiros, os duques de Berry. E a senhora, minha querida, descende também dessa linha, pois a avó de sua mãe era filha do duque de Berry que encomendou a narração dessa história.

La Marche terminou sua história no mesmo momento em que encontrou o que procurava. Era uma caixa de madeira, decorada de forma simples, com entalhes típicos da região da Flandres.

– Eis um presente que estou há muitos anos querendo lhe dar, minha senhora. Quando seu avô, o saudoso duque Felipe, ainda vivia e governava nas terras da Borgonha, fui enviado junto com o seu arauto principal para fazer uma visita ao castelo de Lusignan e ao duque de Berry. Foi nessa ocasião que conheci a história de Melusina, contada pelo próprio duque ao nos mostrar o salão onde a fada se banhava. No castelo, e na região ao seu redor, ainda dizem que antes de acontecer uma desgraça, o dragão dourado é visto. Passeando pelos jardins, embaixo da torre onde Melusina passava seus sábados, percebi que algo brilhava no chão. Consegui recuperá-la e vi que era uma escama dourada, do tamanho de uma cabeça humana.

Mostrei-a ao duque que ma deu de presente. Mas ela não me pertence de direito, e sim a alguém que possua o sangue de quem a perdeu...

Estendeu a caixa para Maria, que, incrédula, abriu. La Marche não mentira nem exagerara. Era uma escama dourada, imensa, perfeitamente entalhada, de uma forma que jamais artífice algum conseguiria fazer.

– *Oncle*, é... verdadeira?

– Até onde posso saber, minha querida senhora, é. O próprio duque me garantiu que outras escamas foram encontradas nos jardins do castelo. Nada mais justo que a senhora possua uma delas.

Maria sorriu enquanto admirava o seu presente. O velho também sorriu, satisfeito com a alegria da duquesa.

– Agora, minha querida, vamos nos arrumar para o almoço, já que seu esposo exige a nossa presença.

A refeição foi servida logo depois. Maximiliano estava preocupado com alguns problemas em relação aos franceses. Luís XI continuava avançando em direção aos territórios dos Países Baixos e ele precisaria de alguém para garantir que as cidades não se aliariam ao inimigo. Escolhera La Marche para essa missão, já que o velho borgonhês era conhecido e admirado naquela região, além de falar a língua local. Ignorou os protestos de Maria, que dizia que sua idade avançada tornaria a viagem penosa para ele, e assim ficou decidido.

Na manhã seguinte, Olivier de La Marche despediu-se de sua senhora sem saber que só tornaria a vê-la no seu leito de morte.

Dois anos passaram. Era o final do inverno de 1482 e La Marche estava chegando em Gand, uma das cidades mais rebeldes de todas as que compunham os domínios da Borgonha. Maximiliano fizera com que ele viajasse por todos os burgos dos Países Baixos e agora o encaminhara para a Flandres. Era uma tarefa árdua, já que os habitantes daquela região tinham, na visão de La Marche, uma grande tendência à rebeldia e a insubordinação.

E fazia muito frio.

Já via as torres da cidade ao longe e suspirou aliviado. Tinha quase sessenta anos, não era idade para andar a cavalo de um lado para o outro como se fosse mero arauto ou mensageiro. Decidiu que seria sua última missão para o arquiduque. Retirar-se-ia da corte e terminaria suas memórias.

De repente, alguma coisa brilhou no seu campo de visão. Perguntou ao jovem escudeiro que o acompanhava.

– Viu aquilo?

Não esperou resposta e encaminhou seu cavalo naquela direção. Novamente, viu um brilho de relance, como se algo estivesse fugindo dele. Seguiu por alguns

minutos até chegar a um lugar sem saída. Só conseguiu ver a ponta de uma cauda dourada sumindo para dentro da terra. No lugar onde passara, algo brilhava no chão. Sentindo as dores dessa sua pequena aventura, desceu do cavalo com cuidado. Aproximou-se e confirmou suas suspeitas. Era uma escama dourada, muito semelhante a que entregara à Maria.

Um arrepio percorreu seu corpo. Lembrou-se das velhas histórias contadas na região de Lusignan sobre a fada Melusina aparecer sempre antes de algo terrível. Montou novamente e retomou a trilha, desta vez mais rápido. Ansiava em chegar logo a Gand.

Mas sequer entrou na cidade, já que um pouco antes uma patrulha de soldados vestidos com as cores dos Habsburgos o esperava.

– *Messire* La Marche?

– Eu mesmo.

– O arquiduque pediu para que o acompanhássemos até Bruges, o mais rápido possível.

– Aconteceu algo com as crianças? – La Marche tentou esconder o medo que sentia.

– A duquesa sofreu um acidente de caça. Não há esperanças de que ela resista... os sacramentos já foram ministrados.

E pela segunda vez em quinze anos o mundo de Olivier de La Marche ruía. Ele servira Carlos, o duque, com a lealdade devotada de um amigo, acompanhando-o mesmo sabendo que estava se dirigindo a um fim triste e desolador. Mas continuara a servir Maria por ter pela menina um carinho paternal, já que a vira nascer e crescer, contara-lhe histórias, acalmara seus medos e a consolara quando perdera o pai.

A viagem até Bruges foi feita em silêncio. Não pararam para descansar ou para comer, a pedido do próprio La Marche. Ele queria vê-la uma última vez, ser capaz de se despedir dela como não fora capaz de dar um último adeus ao seu senhor.

O palácio estava fechado em luto. Todos falavam baixo e não se ouvia os pequenos ruídos do cotidiano. Mesmo a cidade parecia estar estranhamente quieta. Não que ele tivesse reparado nisso ou em qualquer outra coisa. Sua preocupação era unicamente alcançar a sua senhora ainda com vida. Foi conduzido até os aposentos de Maria, onde encontrou Maximiliano sentado em uma cadeira.

Mesmo detestando o Habsburgo, mesmo o considerando indigno de tocar a menina que criara, não pôde deixar de condoer-se pelo arquiduque. Não era segredo para ninguém – tornara-se até motivo de galhofas em algumas cortes – o quanto o austríaco era apaixonado pela mulher. Em uma sociedade onde o costume era que os grandes senhores tivessem diversas amantes, Maximiliano mantivera-se fiel à Maria. O seu rosto estava cansado, como se não dormisse há dias. Os olhos inchados de



chorar denunciavam que ele já não mais acreditava na sobrevivência de sua senhora e esposa.

– Meu senhor...

– Olivier... – ergueu os olhos para fitá-lo, cheio de tristeza. – Bom vê-lo. Maria queria muito lhe falar. Dizem que só espera isso para... partir.

A dor muda os homens. Aquela sombra que se dirigia a La Marche com intimidade jamais o chamara pelo primeiro nome antes. Sempre o tratara como um criado, o que melindrava o sensível borgonhês, nobre de baixa extração. A familiaridade proporcionada pelo luto rompera os preconceitos dos dois lados. La Marche apoiou uma mão no ombro do arquiduque.

– As crianças?

– Margarida está com elas – a dama inglesa da casa de York, madrasta de Maria, viúva de seu pai, jamais tivera filhos. Por isso adorava a herdeira borgonhesa, órfã de mãe muito cedo, e sempre a tratara como filha. A duquesa retribuía o carinho, colocando o nome de sua madrasta em sua filha. Assim como La Marche, Margarida de York era uma das sobreviventes da queda de Carlos. Ele sabia o quanto ela deveria estar sofrendo.

– Sim, é o melhor para os três... O que aconteceu?

Maximiliano pareceu assombrado pelas memórias, mas mesmo assim contou.

– Finalmente fez um dia bonito... Maria estava cansada de ficar no castelo, trancafiada, e conseguiu me convencer a caçar com ela. Você sabe o quando ela adora caçar com falcões...

Um sorriso melancólico passou pelo rosto de La Marche.

– O pai que a ensinou.

– Eu a adverti de que os caminhos ainda estariam escorregadios, com gelo e lama. Ela me disse que sabia cavalgar melhor que eu e disparou na minha frente. Tentei segui-la, mas acabei perdendo-a de vista. De repente, escutei o relincho do cavalo, o grito... e a encontrei caída no chão, o cavalo por cima dela e o falcão vigiando a cena de uma árvore. Ela disse algumas palavras e desmaiou.

– O que ela disse?

O arquiduque sacudiu a cabeça.

– Não faz sentido algum, Olivier... Foi algo como ‘Eu a vi. Ela é linda e veio me buscar, vai me cobrir de ouro também’...

Fez muito sentido para La Marche. Ele sabia do que Maria estava falando. Despediu-se de Maximiliano e foi até o leito de sua senhora. A palidez natural parecia agora doentia. Os cabelos dourados estavam curtos e os olhos pareciam não serem mais capazes de enxergar.

– *Chérie*?

– *Oncle*... que bom que finalmente chegou. Achei que não fosse aguentar.

Passou a mão na testa suada da filha de seu melhor amigo, da menina que vira nascer.

– Não fale assim. Foi apenas uma queda, você irá melhorar em breve. Afinal, quem irá contar minhas histórias para os pequenos Felipe e Margarida?

Um sorriso triste deixou as feições de Maria ainda mais parecidas com as de alguém já fora do mundo material.

– Será você, *oncle*. Infelizmente eu não verei meus meninos crescerem... Você irá contar a história de Melusina para eles?

– Claro...

A mão de Maria agarrou a sua.

– Eu a vi, *oncle*. No dia da caçada, assim que me separei de Maximiliano. Ela corria na minha frente, uma mulher coberta de escamas que chamava o meu nome. Era tão bonita, tão bonita... E corria tão rápido! Eu não conseguia alcançá-la, mesmo fazendo o cavalo correr muito. De repente, ela sumiu e foi quando o cavalo enfiou a pata em um buraco escondido pela lama. Eu caí, senti uma dor muito grande... e a mulher dourada voltou, me beijou na testa e pediu desculpas. Disse que voltaria para me buscar e eu pedi para que esperasse o senhor voltar. *Oncle*...

– Sim, minha querida senhora.

– Já ditei minhas vontades. Você será o tutor do meu pequeno Felipe. Cuide dele, sim? Para que ele não morra jovem como eu ou como meu pai...

Ele apertou a mão dela entre as suas, lutando sem sucesso para conter as lágrimas.

– Irei cuidar dele como a um filho querido. Não se preocupe.

Maria olhou para a janela.

– Veja, *oncle*, ela chegou.

La Marche virou-se e viu. O dragão tinha um rosto vagamente feminino e o fitava com interesse. Desviou o olhar para Maria, que acenou com a cabeça.

– *Oncle*, um último favor... peça que me enterrem com o seu presente.

Assentiu em silêncio, já sem se preocupar em conter as lágrimas. Maria sorriu pela última vez e uma fumaça dourada envolveu seu corpo. Uma brisa agitou as cortinas e as tapeçarias do quarto, levando aquela névoa brilhante até a janela. Quando La Marche olhou novamente, em vez de um dragão, viu vários, com rostos humanos, os herdeiros da fada Melusina. Entre eles, um dos mais bonitos tinha a face de sua falecida senhora. Não o rosto encovado e doentio que estava estampado no cadáver deitado na cama. Mas a expressão alegre da menina que caçava com falcões na floresta da Borgonha, que dançava nas grandes festas de seu pai, que anunciara ao seu ‘tio’, seu mais fiel servidor, a sua primeira gravidez.

Quando os dragões sumiram, em um último gesto, La Marche fechou os olhos de Maria. Levantou-se, passando por um Maximiliano inconsolável. Dirigiu-se aos

aposentos de Margarida de York, onde a encontrou com os dois filhos de sua senhora. A inglesa ao vê-lo soube imediatamente o que acontecera. Não conteve um grito de dor e saiu correndo em direção ao quarto da enteada. Os pequenos olhavam La Marche, a quem não conheciam, entre assustados e curiosos. O velho sentou-se em uma cadeira e chamou Felipe para sentar aos seus pés. O menino relutou a princípio, mas cedeu. A irmãzinha tomou coragem e logo seguiu o exemplo do mais velho.

– Vocês não me conhecem, pequeninos, mas sou o tio da mãe de vocês. Ela estava muito doente e as fadas a levaram embora, para o reino de Avalon.

– Como o rei Arthur?

Sorrindo, La Marche concordou.

– Sim, como ele. Deixem-me contar uma história para vocês. Era a preferida da minha querida senhora, e ela pediu para que eu jamais deixasse que vocês a esquecessem. É a história da fada Melusina...

## Apresentação

O conto a seguir não é meu. Trata-se de um texto que encontrei numa das minhas excursões pelos sebos do centro do Rio, há quase um ano. O texto, publicado no número 256 da revista *O Malho* (julho de 1929), é um conto de autoria do Dr. Eleutherio Penna Filho. Ora, sabendo que a revista *O Malho* era conhecida por publicar autores famosos sob pseudônimo, e depois de fazer uma busca em diversos periódicos da época pela BN e encontrar apenas mais duas referências a esse ilustre senhor, decidi fazer uma pesquisa mais densa, que, por motivos profissionais e pessoais, levou cerca de oito meses.

A pesquisa me levou por caminhos no mínimo inusitados: no volume 2 de *A vida literária no Brasil*, de Brito Broca (MEC, 1959, esgotado), esse autor não é citado, mas Broca faz uma referência que leva a pensar que Eleutherio Penna Filho seria na verdade Coelho Netto. Mas essa hipótese não me parece a melhor, visto que Coelho Netto, autor de dezenas de romances, não era conhecido por sua modéstia, e não se tem registro de que tenha usado pseudônimos em sua carreira.

Outro ramo da pesquisa me levou a uma edição antiga do Suplemento Literário Minas Gerais (v. 8, n. 346, p. 4, abr. 1973), ao artigo “A Pseudonímia Mineira”, de autoria do pesquisador Wolmer Morgan, aponta para uma hipótese bem mais provável, de que Eleutherio Penna Filho seja o pseudônimo de um jornalista mineiro hoje desconhecido mas de família culturalmente ilustre: Lucrécio Rangel, irmão de Godofredo Rangel, que por sua vez era amigo de Monteiro Lobato. Mais novo que Godofredo e Lobato, Lucrécio seguiu um conselho deste último, que está registrado numa carta que consta da correspondência ainda inédita de Lobato: “Diga ao Lucrécio que não seja um bórgio, ou antes, um beócio, e que leia, mas leia muito, e de tudo, sempre. Diga também que ele leia Twain, Stevenson, Wells, para eletrificar essas células cerebrais com fluido de aventura, que faz um bem danado à alma.”

O conselho de ler H.G. Wells provavelmente foi seguido à risca. O conto a seguir parece ter sido influenciado não só por ele, mas por Alex Raymond (Flash Gordon) e pelos autores da *space opera* tradicional, época que Isaac Asimov classificou como sendo “Before the Golden Age”, ali por volta de 1926 a 1936.

De qualquer maneira, não encontrei mais referências nem a esse autor nem a alguma possível republicação, seja em papel ou na Web. É bastante provável que a história a seguir esteja vindo à luz pela primeira vez desde sua publicação original.

Decidi manter a grafia da época, com poucas alterações onde achei que os leitores poderiam se confundir, para que se tenha a dimensão histórica desta que pode ser uma descoberta bastante importante na pesquisa dos primórdios da ficção científica no Brasil.



# O Primeiro Contacto (sendo um excerto de um romance científico baseado em factos reais<sup>[1]</sup>) **Dr. Eleutherio Penna Filho**

## 1 Dramatis Personae

O Engenheiro he huma figura, por assim dizer, assaz insólita. Está sempre em mangas de camisa, gravata frouxa, cabellos em desalinho, dando ordens a torto e a direito. Fala muitas palavras de baixo calão. Não he companhia recommendavel para moças e jovens.

Não obstante, o homem he um genio! Não fora por elle, a Frota jamais teria sido construída a tempo de alcançar os Invasores.

Mas não se pode contar com os ovos no cu da galinha, como se diz em sua terra. Portugal ainda he vista como huma província, mesmo depois dos recentes acontecimentos. Não que o Engenheiro se importe com nações. Depois da Grande Guerra, mesmo com a Liga das Nações, a Humanidade ainda não aprendeu a lição. “Deveríamos já ter nos tornado huma nação só, hum mundo unificado”, he o que elle pensa. “Afinal, he o mais lógico, o mais racional!”

Mas não se atreve a exprimir o seu pensamento em voz alta. Já basta o que o Vate e o Velho Aviador estiveram defendendo no passado.

Pelo menos seu irmão he um bom catalisador, o Engenheiro pensa, acendendo um legitimo Cohiba. Sabe reunir as pessoas certas na hora certa para fazer a coisa certa. Não fora assim e a Frota não teria sido construída!

Dá huma boa tragada e solta a fumaça azulada na porta do hangar, olhando o verde da paisagem do interior da Inglaterra. Claro está que não poderiam fazer nada em Portugal! O Engenheiro não se importa com nações, e, logo, o conceito de fidelidade à Pátria em que nascera não quer dizer absolutamente nada.

Corria então o anno de 1937.

Num hangar secreto nos Estados Unidos da America, Hamilton olhava a sua machina. Estufava o peito de orgulho. Corria o anno de 1929.

Não he hum feito pequeno. Muito tempo elle passou debruçado sobre pranchetas, e mais tempo ainda com equipes trabalhando sem parar, utilizando os mais modernos methods de construcção aprendidos com Mister Henry Ford.

Sentia o cheiro de chromo queimando, do aço temperado, da tinta sendo applicada. A linha de montagem das peças menores fazia seu trabalho diligentemente, cada homem fazendo sua parte, e todos contribuindo para o bom

sucesso da empresa.

Consultou seu relógio. Tempo havia, embora fosse curto. Mas hoje ele podia descansar, ou pelo menos acalmar o semblante conturbado a fim de circular entre as pessoas que apoiavam a idéia de seu contractador.

Ao voltar ao seu escritório antes de ir para a festa beneficente, elle levanta a cabeça e olha o retrato de seus patrocinadores, seus santos padroeiros. Orville e Wilbur. Elle foi um dos poucos que puderam chamar os irmãos Wright pelos nomes de baptismo no ápice da fama dos “founding fathers” da aviação.

E a elle foi confiado o segredo do vôo.

Elle aciona o PhiloPhone na parede e a grande tela se ilumina. Mas nenhuma imagem aparece. A grelha metálica abaixo da tela começa a zumbir. Hamilton ouve um *click* e huma voz de homem invade o pequeno recinto. Logo em seguida, aparece a imagem de um homem másculo, os cabelos impecavelmente penteados para trás com gomalina, um fino bigode sobre lábios que se abriam num sorriso jovial e audaz.

– O que tem de novo para mim, Hamilton?

Hamilton sorri. Mal pode conter sua forte emoção.

– Sr. Hughes – elle diz satisfeito – o Protótipo está pronto!

O Vate he huma figura, digamos, ridícula. Mas todos os poetas são ridículos, elle mesmo já disse isso huma vez. Num poema. (Que nunca foi publicado e talvez agora jamais o será, mas isto não vem ao caso.)

O Vate he um homem baixinho, magro, de cabelos ralos sempre ocultos sob um chapéu fedora, um bigode sempre bem apparado de forma triangular, quase se assemelhando a huma pyramide (nisso elle e o irmão Engenheiro se assemelham, n’ essa efficiencia hygienica) e óculos.

Elle vê o immenso salão adjacente aos hangares e acompanha em silêncio os trabalhos dos computadores. Cuidando das immensas machinas estão os homens que as inventaram. O jovem scientista Alan Turing, com seu projecto de cérebro electrónico, trabalha dia e noite fazendo cálculos junto com um grupo de computadores que escrevem e usam suas régua de calculo no mais absoluto silêncio.

Ao seu lado, um homem já muito idoso a tudo acompanha com olhos atentos. Vez por outra, o Vate o ouve emitir um suspiro. Elle sabe que o Velho Aviador não aprova o uso que fazem de sua invenção, mas também comprehende que se trata da sobrevivência da raça humana.

– Às vezes me pergunto, Fernando – disse o velho com huma voz muito baixa e rouca, como se tivesse lido os pensamentos do Vate – se a raça humana merece viver. Depois da guerra, depois de tanto extermínio, tanta insensatez.

O Vate pensa em responder com um verso, mas não quer irritar o velho.

– Senhor Santos – elle diz, paciente – pensa nas criancinhas!

Era huma coisa que sempre mexia com o velho Alberto Santos--Dumont. Assim como o Vate, elle adorava crianças. Não suportava pensar em vel-as mortas. E era exatamente isso o que iria acontecer se nada fizessem para conter a ameaça que vinha.

Alli, na imensidão solitária de Bletchley Park, no interior dos verdes campos da Inglaterra, o Vate e sua equipe trabalham em silêncio.

Curioso como o Pai da Aviação não se importava em absoluto com o que pensassem delle, contanto que não usassem os aviões para guerra. Mas a Grande Guerra destruíra os sonhos do aviador de que cada pessoa tivesse seu veículo pequeno para transporte individual, e desfrutasse da liberdade que ele próprio desfrutara com seus ballões dirigíveis nas ruas (tanto aéreas quanto terrestres) de Paris no início do século.

Mas – *ai de mim*, ele pensava triste! – isso já faz muito tempo.

## 2 A Disputa

Foi um tempo de maravilhas.

A disputa entre Alberto Santos-Dumont e os irmãos Wright nunca ficou bem esclarecida.

Muitos diriam muitas coisas. O certo he que cada um trabalhava em seu território, e nem Alberto nem Orville nem Wilbur se metiam nas patriotadas de seus conterrâneos. O que interessava a elles era a sciencia!

Mas, como a sciencia por si só não dá camisa a ninguém, e Santos-Dumont já tinha dinheiro, os Irmãos Wright por outro lado não tinham a mesma sorte. Por isso Orville, após a infeliz morte de Wilbur por phthisica, vendera todos os seus planos de vôo e de machinas para o excêntrico millionario americano Howard Hughes, que assim fundou a Hughes Aircraft, huma das principaes empresas a fornecer aviões para uso dos Alliados na Grande Guerra.

Não foram eles os unicos: Os allemães também se utilizaram de muitos avanços tecnologicos para fazer frente aos aliados na Guerra: a Krupp usou os modelos feitos públicos por Santos-Dumont no periódico *Popular Mechanics* e aprimorou armas como a metralhadora de cauda, criada por Roland Garros, para uso em seus aviões, coisa que inclusive deixou o illustre Pai da Aviação doente por muito tempo, ficando a partir dahi combalida a sua saúde.

## 3 O Primeiro Contacto

O Primeiro Contacto foi tudo, menos pacífico.



Quando o Protótipo X-29 da Hughes Spacecraft decolou, tendo como piloto ninguém menos que o próprio Howard Hughes, que além de magnata rico como Crespo he um ás da aviação, o vôo foi um esplendido successo.

Era a primeira vez que huma machina voadora sahia da órbita terrestre. O X-29 singrou o ether com tranquillidade. Hughes levou a machina ao seu limite, como era de seu costume, mas Edmond Hamilton, seu principal projectista, fizera de tudo para assegurar que a nave teria o melhor desempenho que os materiaes da Terra pudessem proporcionar. E isso aconteceu!

Tanto que, quando se deu conta, Hughes já estava além da órbita de Saturno. E, se alguém pensava que elle ia parar e dar meia-volta, estavam todos muito enganados. Porque Hughes pensou ainda mais longe que Hamilton. Sem que seu projectista soubesse, elle desenvolveu um dispositivo de accellerção inercial capaz de levar a machina a distâncias enormes com pouco ou quasi nenhum combustivel. O dispositivo, projectado por outro membro de sua equipe, um scientista de grande potencial chamado John Campbell, criaria o que este baptizou de hyperespaço.

Ao passar por Hyperion, Hughes accionou o dispositivo.

O engenho criou um tunnel que practicamente catapultou a nave a vários annos-luz adiante em hum segundo. Quando Hughes chegou ao outro lado do tunnel, o X-29 orbitava um planeta verde num sistema binário.

O sistema era conhecido pelo nome de Epsilon Eridani.

O pouso foi atribulado – Hughes sempre foi óptimo piloto, porém péssimo para aterrizar.

A atmosfera era respirável, embora um cheiro forte de gases semelhante ao de esterco de porco se fizesse sentir. Methano demais na composição!

Logo ao pousar sua nave, Mister Hughes foi covardemente atacado por alienígenas traiçoeiros que o cercaram e o desarmaram celeremente (sim, porque um explorador que se preze jamais anda sem huma arma, e Howard Hughes não era excepção).

Hughes ficou sem acção. Não era cobarde: mas os seres de Eridani eram de facto assustadores. Criaturas tentaculares e telepatas, elles tomaram a nave de Hughes e só não a destruíram porque queriam examinal-a mais profundamente.

Felizmente, huma coisa que Hughes não sabia era que Hamilton desenvolvera um pharol pulsante, que emitiria signaes para localização a huma frequencia matematicamente regular, de modo que não se pudesse confundil-a com nenhum outro corpo celeste.

Foi só por isso que o próprio Hamilton conseguiu buscar seu chefe seis meses mais tarde, com huma flotilha de naves menores, todas contendo o dispositivo que Hamilton sabia, por sua vez, que Hughes instalara, e reproduzira em série.

Foi assim também que aconteceu a Primeira Batalha da Guerra Interestellar entre

Terrícolas e Eridanianos.

Até aquele momento, os humanos não tinham a menor idéia do potencial armamentista dos seres de Eridani.

Foi huma batalha sem quartel: as forças da Terra lutaram bravamente contra os perigosos alienigenas. Muitos foram os mortos n' esse combate renhido!

Mas o sacrificio de alguns bravos de modo algum foi em vão. Após um intenso bombardeio, a intrépida flotilha de Hamilton – por elle baptizada de Frota de Ferro – descobriu huma casamatta alienígena, um edifficio incomprehensivel em forma de pyramide azteca (o que provocaria mais tarde intensas discussões de historiadores e anthropologistas quanto à origem verdadeira d' essa raça meso-americana) onde Howard Hughes jazia prisioneiro dos terríveis monstros tentaculares.

Hughes foi resgatado, mas nunca mais foi o mesmo. A partir daí se tornou um homem recluso. Quase ninguém o via. Diziam que tinha medo até da sombra. Mas Hamilton não o culpava, jamais o culparia: também elle havia visto as assombrosas creaturas de Eridani!

Que, como Hamilton descobriu ao invadir o planeta d'eles na missão quase suicida de resgate, já haviam desmontado totalmente a machina humana e aprendido seus segredos – inclusive a localização da Terra, através dos mappas estellares que detinham em seu poder.

Contudo, certas características dos eridanianos (provavelmente a falta de polegares oppositores nos seus oito tentáculos, não muito dessemelhantes aos dos polvos dos oceanos terrestres) fizeram com que o processo de construcção de naves demorasse.

Isso deu tempo à recém-rebaptizada Hughes Spacecraft de construir mais e melhores naves para a deffesa da Terra.

Só havia um problema: a Hughes era a única empresa no mundo que detinha o conhecimento de naves interestellares. O resto do mundo que se virasse, oras!

E por esta hubris prometheana a Terra perdeu a Segunda Batalha!

O grupo de Hamilton conseguiu detectar sinaes semelhantes aos do primeiro pulsar de Hughes no meio do caminho entre Eridani e a Terra. Não havia mais tempo: Hamilton enviou tudo o que tinha.

Mas não foi o suficiente: ao chegarem ao Meio do Caminho (huma região de ether desértico, sem estrelas próximas), a pequena frota da Hughes se deparou com naves gigantescas.

A falta de polegares oppositores, ao que parecia, havia sido compensada por cérebros gigantescos, capazes de efetuar cálculos com huma precisão muito maior que a dos patheticos seres da Terra.

As naves dos eridanianos eram hercúleas e incrivelmente potentes.

Suas armas de raios da morte eliminaram metade da frota em poucos minutos. O restante, sob o comando do Capitão Edward “Doc” Smith, conseguiu se reagrupar e efetuar um ataque maciço a uma das naves, incapacitando-a temporariamente.

Não obstante, a frota foi inteiramente aniquilada. Repetindo o ocorrido na Batalha de Marathona, o Capitão Smith logrou enviar, antes da destruição de sua nau-capitânia, minúscula nave bateladora, que escapou à ação dos eridanianos e rumou celeremente para a Terra.

A batalha aconteceu em 1936. A nave chegou à órbita da Terra em 1937.

– O que aconteceu com eles? – perguntou um dos mecânicos quando a nave pousou aos trancos e barrancos na cabeceira da pista secreta da Hughes Spacecraft, no deserto do Arizona.

– Isto he o que vamos descobrir agora – disse Hamilton, aproximando-se com uma chave inglesa. Começou incontinenti a desparafusar a porta da nave.

– Oh! – fez uma moça da equipe de estenógrafas.

Pois dentro da cabina do veículo não restavam mais que esqueletos mumificados. Os dois valorosos soldados especiais haviam morrido no caminho de volta.

– Estão mortos! – exclamou um mecânico.

– He porque não havia oxigênio suficiente para a volta por vias normais – disse Hamilton. – Tampouco alimentos.

– E agora, Mister Hamilton? – perguntou o mecânico, visivelmente alterado. – O que faremos?

Hamilton não respondeu. Estava ocupado demais entrando no veículo e resgatando a caixa preta que continha todas as informações da viagem.

– Agora – ele respondeu por fim, tirando o pó da caixa. – Verificaremos isto! E por fim saberemos o que aconteceu.

A caixa continha registros orais e microfilmados da batalha. Na gravação em discos de cera, o piloto da nave começou o seu narrar.

Foi um nunca acabar de histórias de guerra e destruição.

Mas havia uma informação de summa importância na gravação: por tudo o que tinha sido visto pelos audazes homens do espaço, as naves das criaturas da Eridani não tinham conhecimento do dispositivo hiperespacial de Campbell, e por isso não chegariam tão cedo à Terra.

Segundo os cálculos de Hamilton, a Frota de Eridani só chegaria em 1939.

Era preciso se preparar!

Quando Hamilton chegou a Bletchley Park, chovia. O barulho da chuva sobre as telhas corrugadas de ferro do hangar era reconfortante. Embora não chovesse tanto em Menlo Park (até o nome das cidades em que eles trabalhavam tinham suas semelhanças!), a Califórnia era um estado de temperatura quente porém caprichosa.

Na Inglaterra a chuva e o *fog* são quase eternos.

Esperava-o o Vate à porta do hangar.

– Seja bem-vindo, Sr. Hamilton – disse o Vate num inglês britânico perfeito (apesar de nascido em Portugal, fora criado na Inglaterra). – Por favor, queira entrar.

A sala de reuniões era espartana, mas suficientemente confortável e abrigada do frio. No centro, huma mesa oval de jacarandá, com várias cadeiras de espaldar alto e estofamento de pellica. Todas, à exceção de huma, ocupadas. No centro da mesa, um serviço de *café* de prata, com bules de *café*, chá, pães e biscoitos.

– Não sei se conhece todos aqui – disse o Vate.

Hamilton olhou para os rostos sérios à mesa. Um deles lhe chamou particularmente a atenção.

– Conheço um deles bem – ele disse, e se dirigiu até a primeira cadeira à direita da cabeceira, onde estava o Velho. Ele se curvou e estendeu a mão, com um sorriso pequeno porém respeitoso. – Sr. Santos-Dumont, he huma honra.

– Obrigado – respondeu o Velho, retribuindo o cumprimento e o sorriso.

– Queira sentar-se, se faz o favor – disse o Vate, apontando para a única cadeira vazia no recinto.

Hamilton agradeceu e sentou-se.

– Como todos aqui sabem – ele disse, olhando para os homens à mesa – represento a Hughes Aircraft, a maior empresa de aviação commercial do mundo. Dentro do espirito desbravador iniciado pelos irmãos Wright...

– ...e por Alberto Santos-Dumont – interrompeu-o o Engenheiro.

– E pelo mestre Santos, como eu já ia dizer – retrucou prontamente Hamilton – O caso he que lançamos há alguns anos huma nave sideral, para desvendar as fimbrias do espaço para além do nosso Systema Solar...

E contou em detalhes as aventuras e desventuras de Mister Hughes entre os Eridanianos, e todos os esforços da Frota de Ferro para resgatal-o, e as duas acirradas batalhas infelizmente perdidas pelos Terrícolas.

– E por esta razão é que estou aqui, senhores – terminou Hamilton sua fala. – Para lhes pedir ajuda neste momento tão terrível para a humanidade.

– Os senhores são muito engraçados, homem! – exclamou o Engenheiro. – Foram vocês os responsáveis pela própria tragédia. E agora vêm nos pedir ajuda?

– Temos coisas que vocês não têm – respondeu Hamilton. – Você sabe que não se pode abrir mão de tecnologia proprietária assim sem mais aquella.

– Pois este homem que você cumprimentou com tanto respeito – e o Engenheiro

apontou para o Velho Aviador – fez exatamente isso. Elle doou todos os seus projetos para publicação na *Popular Mechanics*! Huma revista *americana*!

Hamilton deu huma tragada no cigarro e soltou a fumaça ruidosamente. – Pois he justamente para, digamos, corrigir essa situação, que eu estou aqui.

– O senhor poderia ser mais específico, Mr. Hamilton? – perguntou o Poeta.

– Claro – respondeu Hamilton. – Eu vim lhes propor sociedade.

Occorre que, se por um lado o grupo de Santos-Dumont e do Engenheiro – baptizado pelo Velho Aviador de Pássaros do Progresso – não tinha a tecnologia, por outro lado tinha os melhores pilotos, e isto Mister Hamilton reconhecia!

– Ora – disse ele ao grupo alli reunido – os senhores têm os pilotos mais competentes e experientes, e um gruppó que em tudo poder-nos-hia superar, não fora pela tecnologia de construção de naves sideraes. Estou aqui, pois, a mando do próprio Mister Hughes, para convidal-os a me acompanharem ao complexo secreto da Hughes Spacecraft nos Estados Unidos, de honde viremos a lançar nossa offensiva contra as creaturas alienigenas, pois não tarda e ellas estarão aqui.

O Engenheiro ainda tentou esboçar sua desaprovação, mas foi voto vencido. Não havia tempo para discutir por quireras. A questão era construir naves. D’isso o Engenheiro entendia. E Hamilton também.

Eles tinham dois anos para isso.

Foram dois anos bem aproveitados. A maior parte do trabalho inicial de projecto das naves foi feita na Califórnia, mas Hamilton providenciou a construção de huma grande base (com hangares e huma rampa de lançamento) na região do Deserto de Nevada. Havia rumores de que um mafioso de New York estava interessado em construir huma cidade alli (para quê?, o Engenheiro perguntou a si mesmo quando ficou sabendo. Que coisa mais sem sentido construir huma cidade no meio do deserto!), mas Hughes tinha poder suficiente para providenciar sossego e tranqüilidade na região, porque o dinheiro a tudo rege, e nesse momento de afflicção, ainda que a muitos possa parecer uma heresia, Mamona pode mais que Jeovah!

Seguindo huma idéia sensacional de Mister Hughes, toda a construcção foi filmada para que se depois pudesse fazer uso não só propagandístico do evento, como também, caso acontecesse algum acidente e os projectos se perdessem, os filmes pudessem ajudar na reconstituição eventual das naves.

Os filmes foram providenciados por dois jovens brasileiros recém-chegados, Humberto Mauro e Mário Peixoto (Mister David Wark Griffith fora convidado mas não pôde aceitar, visto que, apesar de ser um projeto particular de propriedade de Mister Hughes, não pagaria tão bem quanto os estúdios de Hollywood; por isso foram convidados os brasileiros, que para elles já estava muito bom serem

chamados e ser-lhes pagos a viagem, a moradia e o pão).

Os pilotos foram trazidos do Brasil, da França, da Inglaterra e dos Estados Unidos, claro. Eram todos experientes. Havia até duas mulheres no grupo! As representantes do sexo frágil, Miss Amelia Earhart, uma americana, e a Senhorita Anésia Pinheiro Machado, do Brasil, compareceram dispostas a lutar ao lado dos homens, se preciso fosse, no que foram muito saudadas por todos (à exceção do Engenheiro, que achava que era papel das mulheres ficar em casa e tomar conta dos filhos, o que já era muito importante).

E enfim chegou o dia da última reunião.

As duas equipes foram colocadas lado a lado para um último *check-up* de sistemas: a Frota de Ferro de Hamilton e os Pássaros do Progresso de Santos-Dumont. O moço ainda jovem e o Velho Aviador se puseram lado a lado, numa demonstração admirável de espírito sportivo que nem mesmo o genial Barão de Coubertin teria igualado ao recrear as Olympiadas da Era Moderna.

– Senhores e senhoras – disse Hamilton – Estamos aqui reunidos para unir esforços no sentido de poupar a Terra do que pode ser uma invasão alienígena. Vós sois, por assim dizer, a última esperança da Terra, pois, se não soubermos combater este malefício que se nos aproxima, estaremos condenando toda a Humanidade ao cativeiro ou, pior!, à morte. Mas não pensemos no pior: voltemos nossos olhos ao céu e nosso pensamento ao Espírito Creador que a tudo permeia no universo, e façamos uma oração à Sciencia para que tudo corra bem.

Fez-se um minuto de silencio, e depois os pilotos e constructores presentes aplaudiram animadamente.

– Eu esperava que Mister Hughes comparecesse a essa cerimonia – comentou o Vate pouco depois, enquanto tomavam um drink.

– Eu também – disse Hamilton. – Mas elle anda muito doente e recluso. Não quer ver ninguém. Confiou-me tudo relacionado a esta empreitada.

– A empreitada está em boas mãos – o Vate sorriu tímido.

– Obrigado, Mister Pessoa.

– “Tudo vale a pena / Se a alma não he pequena” – disse o Vate.

– Isto é hum poema?

– Sim, hum que escrevi fazem alguns annos – elle disse. – Nunca publiquei.

– Pois devia – disse Hamilton.

O Vate deu de ombros.

– Não importa mais. Nada importa a não ser isto – e gesticulou na direção da imensa frota de naves reluzentes e esguias como agulhas do lado de fora do hangar. Ao longe, uma grande rampa de lançamento aguardava solememente as naves que a usariam para atingir a velocidade de escape e abandonar a atmosfera terrícola rumo ao ether.

## 5 A TERCEIRA BATALHA

Então o dia da Terceira Batalha chegou.

A frota da Terra seria enviada para duas frentes: a primeira, em órbita geostacionária (calculada por um jovem cientista britânico que fazia parte da Equipe de Defesa, um rapaz tímido de óculos chamado Clarke), formando um anel de proteção ao longo da linha do Equador.

A segunda iria na direção do sinal do farol de localização, além de Urano, o último planeta do Systema Solar. Ali, naquela região etherica muito distante do próximo Systema estelar, a Frota de Ferro e os Pássaros do Progresso arrojaram-se para combater o inimigo.

Todos estavam preparados para uma batalha renhida e decisiva contra o cruel inimigo. À morte, se preciso fosse! Render-se, jamais!

Só havia um problema: as naves não estavam lá!

– Fizem-nos de palhaços – disse Hamilton.

– Mas onde eles podem estar, afinal? – perguntou a astrogadora Moore.

– Pacóvios! Como somos pacóvios! – gritou o Engenheiro.

– O que foi, homem? – perguntou Hamilton, pelo alto-falante da outra nave. – Diga logo!

– Eles sabiam do farol o tempo todo. **Eles nos enganaram!**

– Isso quer dizer que... – arriscou Moore.

– Eles foram por algum outro caminho – o Engenheiro cortou o pensamento da moça. – Eles já devem estar na órbita da Terra!

O Engenheiro, como de costume, estava certo. Mas d'esta vez, nem mesmo elle queria ter razão.

A Terceira Batalha não chegou a acontecer. As gigantescas naves de Eridani apareceram entre a Terra e a Lua. Só o empuxo gravitacional derivado do salto hiperespacial das naves alterou a órbita da Lua em um oitavo de grau.

Foi o suficiente para provocar terremotos e maremotos na Terra. Dezenas de milhares de pessoas morreram!

Enquanto isso, as naves de Eridani iniciaram a destruição rápida e sistemática das naves da linha de defesa. Raios da morte choveram sobre as naves terrestres e as destruíram tão rapidamente que mal houve tempo de alertar as forças de superfície. Que só conseguiram fazer com que pequenos grupos descessem para os imensos túneis subterrâneos criados exclusivamente para esse propósito, e que eles jamais pensaram em ter de utilizar.

Num bunker escondido no meio da floresta amazônica, um grupo de cientistas ponderava. Pelo grande visor projetado de um telescópio, eles podiam ver na parede

da sala de reuniões as formas metálicas dantescas das naves de Eridani riscando os céus crepusculares, preparando-se para a descida.

Aquelle dia maldicto foi o primeiro da Longa Ocupação da Terra pelos seres de Eridani.[\[2\]](#)



[1] O seguinte relato, devidamente editado para a informação e a edificação de nossos prezados leitores, foi extraído da primeira parte dos *journals* radiophônicos de Philip Wylie, Registrador das Forças de Resistência da Terra, encontrados num cofre sob as ruínas de New York, A.D. 1941. Recommenda-se manter este texto longe de idosos, moças e petizes.

[2] Assim termina o relato RFRT-WY1. O que aconteceu em seguida? Como nossos heroes resistiram aos invasores? Aguarde, caro leitor, que brevemente publicaremos mais fragmentos dos *journals* radiophônicos de Philip Wylie, Registrador das Forças de Resistência da Terra!

#### EDUARDO SPOHR

nasceu no Rio de Janeiro, em junho de 1976. Jornalista de profissão, formou-se pela PUC-RJ no ano de 2001, e se especializou em mídias digitais. Trabalhou como repórter no Cadê Notícias, na StarMedia, no iG e depois como editor do portal Click21. É participante do NerdCast, o *podcast* do site Jovem Nerd, e autor do romance *A Batalha do Apocalipse*. Atualmente, além de seus projetos gráficos, ministra o curso *Estrutura Literária – A Jornada do Herói no Cinema e na Literatura*, na faculdade Hélio Alonso (FACHA).

#### MARCELO FERLIN ASSAMI

nasceu em Penápolis, interior de São Paulo, e publica rascunhos no *blog* equatro.blogspot.com. Participou das coletâneas da editora Barracuda *A Visita*, com o conto “Até quando, Marcos Jr., abusará de nossa paciência?” e *Wunderblogs.com*, primeira antologia brasileira de *blogs*. Redator, trabalhou nas editoras A Girafa e Publifolha, foi colaborador da seção Guia da Rolling Stone brasileira e é resenhista-colaborador da revista *Dicta & Contradicta*, onde publicou o conto “Cartas Etíopes”.

#### ROBER PINHEIRO

é publicitário e escritor. Cearense radicado em São Paulo, é autor do romance de fantasia moderna *Lordes de Thargor, o Vale de Eldor* (2008); atualmente se dedica ao segundo livro da série, chamado *O Herdeiro de Seämus*. Também participou das antologias *Invasão* (2009), *Paradigmas 4* (2010), *No Mundo dos Cavaleiros e Dragões* (2010) e *UFO – Contos Não Identificados* (2010) e é autor convidado de *Medieval Sci-Fi* (2010), primeiro volume da *Coleção Extraneus*. Também escreve para os *sites* de cultura e arte Aguarrás e Outra Coisa.

#### LIDIA ZUIN

é paulista, estudante de Comunicação Social e Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero e autora da iniciação científica “Wired Protocol 7 - um estudo sobre Serial Experiments Lain e a alucinação consensual do ciberespaço”. Fã de ficção científica *cyberpunk*, Lidia mantém o *blog* Count 0 Write 1 [count0write1.blogspot.com](http://count0write1.blogspot.com) e também atua como *designer*, desenhista, rpgista, jornalista e pesquisadora. TWITTER @lidiazuin.

#### DOUGLAS MCT

nasceu em Socorro, interior de SP, em 1983 e atualmente reside na capital. Cursou Criação e Produção Audiovisual, trabalhou por uma década como *designer* gráfico e no momento atua como Roteirista de games, quadrinhos, animações, filmes e seriados. Escreveu para os quadrinhos da Turma da Mônica e teve contos

publicados nas coletâneas *Anno Domini* (2008) e *Território V* (2009). Suas primeiras histórias foram premiadas com o Mapa Cultural Paulista em 2001 e 2003.

MARCELO AUGUSTO GALVÃO

é apreciador de diversos gêneros literários. Seus contos já foram publicados em *sites* e na revista *Scarium* (edições nº 21, 23 e 25). Foi premiado no 3º *Concurso Literário da Scarium – Categoria Horror* (2006), na 16ª edição do *Prêmio Cataratas* (2007) e primeiro lugar na votação do júri no 2º *Prêmio Bráulio Tavares* (2008). [BLOGgalvanizado.wordpress.com](http://BLOGgalvanizado.wordpress.com)

CIRILO S. LEMOS

nasceu em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, em 1982. Foi ajudante de marceneiro, de pedreiro, de sorveteiro, de marmorista, fritou hambúrgueres, vendeu flores, criou peixes briguentos e mais um monte de coisas, sempre carregando os livros debaixo do braço. Então se cansou dessa vida e foi estudar História. Desde então se dedica a escrever, dar aulas, ouvir música e fazer feliz a moça ingênua que aceitou ser mãe dos seus filhos. Com um livro debaixo do braço.

FERNANDO SANTOS DE OLIVEIRA

é estudante do curso de Bacharelado em Letras da Universidade de Santo Amaro (UNISA). Escritor infantojuvenil, apaixonado por literatura. Divide o seu tempo livre com leitura e a produção de um romance e mais contos por vir. TWITTER @FernandoPoeta

ANA CRISTINA RODRIGUES

é escritora, historiadora e mãe, não necessariamente nessa ordem. Vive em Niterói, com o marido, o filho e um número sempre flutuante de animais diversos. Geralmente escreve fantasia histórica, por isso colocou vampiros na Veneza do século XV. No que se trata de sanguessugas, aliás, prefere o modelo ‘Anne Rice’, ou seja, sem brilho. É autora da antologia de contos curtos *AnaCrônicas* e organizou as coletâneas *Espelhos Irreais* (2009) e *O melhor do Desafio Operário* (2009), além de ter contos em várias coletâneas e *sites*.

FÁBIO FERNANDES

é doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. É professor de Jogos Digitais e Tecnologia e Mídias Digitais na mesma instituição. É autor de *A Construção do Imaginário Cyber* (2006) e *Os Dias da Peste* (2009). Traduziu, entre outros, os clássicos *Laranja Mecânica* e *Neuromancer*. Tem contos publicados em vários países, e é o responsável editorial pela América Latina para a coletânea *Best American Fantasy*, editada por Ann e Jeff VanderMeer. Um de seus contos será publicado na antologia norte-americana *Steampunk Reloaded*, editada por Ann e Jeff

VanderMeer, no segundo semestre de 2010.